

Clássicos da Literatura Brasileira

Iaiá Garcia

Machado de Assis

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Iaiá Garcia

Machado de Assis

Iaiá Garcia

Machado de Assis

Ilustrações

Eduardo Schloesser
Iran Elson

Editor

Malthus de Queiroz

Leitura, Adaptação e Comentários

Rodolfo Santiago

Direção de arte

Wilton Carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2014

Impresso no Brasil

S235i Santiago, Rodolfo

Iaiá Garcia / Machado de Assis ; adaptação, leitura e comentários ; Rodolfo Santiago ilustrações: Eduardo Schloesser, Iran Elson. – Recife : Prazer de Ler, 2014. 192p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO BRASILEIRA – I. Assis, Machado de, 1839-1908. II. Schloesser, Eduardo, 1962-. III. Elson, Iran. IV Título. V. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 14-431

CDU 869.0(81)-3

CDD B869.3

ISBN: 978-85-8168-294-5

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Iaiá Garcia

Capítulo I

Luís Garcia já passava pela porta, para sair, quando apareceu um criado e lhe entregou esta carta:

5 de Outubro de 1866.

Sr. Luís Garcia – Por favor, venha falar comigo hoje, por volta de uma ou duas horas da tarde. Preciso de seus conselhos, e talvez de sua ajuda- Valéria.

Diga que irei. Dona Valéria está aqui no morro?
Não, senhor, ela está na Rua dos Inválidos.

Luís Garcia era funcionário público. Desde 1860, escolheu uma casa simples no lugar mais calmo de Santa Teresa e lá ficou viúvo e sozinho¹. Não era frade, mas queria a solidão e o sossego que os frades tinham. A solidão não era absoluta, nem o sossego deixava de ser sempre interrompido; mas eram sempre maiores e mais certos que se morasse aqui fora do morro². Os frades que, no início da construção da cidade, tinham se alojado nas outras montanhas, desciam o morro muitas vezes, — para realizar as atividades do santo ministério, ou quando o governo precisava de opinião da Igreja, — e as ocasiões não eram raras; mas, geralmente ao redor de suas casas não haveria o barulho do trabalho das pessoas. Luís Garcia podia dizer a mesma coisa; e, visto que nenhuma vocação apostólica fazia com que ele abrisse para outros a porta de sua casa, podia-se afirmar que ele havia fundado um convento em que ele fazia o papel de toda a comunidade, do cargo mais alto ao mais baixo da hierarquia da Igreja³.

Luís Garcia tinha quarenta e um anos no momento em que esta história começa. Ele era alto e magro, com sinais de calvície na cabeça, barba raspada e um ar de seriedade. Suas formas de agir eram frias, humildes e gentis; a fisionomia era um pouco triste. Um observador atento podia perceber que por trás daquele jeito de ser⁴ havia um coração desenganado. Era assim; a experiência de

¹ No texto original, a frase é “onde se meteu a si e a sua viuvez”.

² O narrador faz uso da expressão “mais certo e maiores que cá embaixo”.

³ No texto original, a frase é “desde prior até noviço”.

⁴ A expressão “impassibilidade aparente ou contraída” foi substituída por



viuvez, que aconteceu muito cedo, havia produzido em Luís Garcia um estado de apatia e descrença, com seus toques de cinismo. O cinismo não se revelava por nenhuma expressão exterior; era a ruga sardônica do coração⁵. Por fora havia só a máscara imóvel, o gesto lento e as atitudes **tranquilas**. Alguns poderiam ter medo dele, outros detestá-lo, mesmo que ele não merecesse desprezo ou temor. Era inofensivo por temperamento e por racionalidade. Como um célebre eclesiástico, acreditava que a paz vale mais que a vitória.⁶ Poucos lhe queriam mal, e esses se enganavam, não recebiam o tratamento dele na mesma moeda, a não ser por duas exceções. E mesmo assim não negava favor. Luís Garcia amava a essência e desvalorizava o que não era importante⁷. Quem ia a sua procura, raramente não conseguiria seu favor. Ajudava de qualquer jeito, mas com eficácia, e tinha a característica de esquecer o favor, antes que o favorecido o esquecesse: algo que causava admiração e espanto em tal tipo de transações.

A vida de Luís Garcia era como a pessoa dele, — silenciosa e retraída. Não fazia nem recebia visitas. A casa era **frequentada** por poucos amigos; havia lá dentro a melancolia da solidão. Apenas um lugar poderia ser chamado de alegre: era o pequeno quintal que Luís Garcia percorria e regava todas as manhãs. Levantava-se com o sol, pegava o regador, dava de beber às flores e à hortaliça; depois entrava e ia trabalhar antes do almoço, que era às oito horas. Após ter almoçado, descia calmamente até seu local de trabalho, onde, se lhe sobrava algum tempo, folheava rapidamente os jornais do dia. Trabalhava silenciosamente, de forma metódica e serena⁸. Assim que o trabalho acabava, voltava logo para casa, raramente ficando pelo caminho. Ao chegar em casa, o negro Raimundo já havia lhe preparado a mesa, — uma mesa de quatro a cinco palmos, — sobre a qual colocava o jantar, pouco na quantidade, simples no tipo, mas farto e saboroso para um gosto sem ambições nem saudades. Depois, ia ver as plantas e reler algum livro, até que a noite caía. Então, trabalhava até às nove horas, que era a hora do chá.

“forma de ser”

⁵ Sardônia era uma planta, que segundo os antigos, provocava risos compulsivos com ar de desdém.

⁶ No texto original, a frase é “tinha para si que uma onça de paz vale mais que uma libra de vitória”.

⁷ A frase original é “amava a espécie e aborrecia o indivíduo”

⁸ No texto original, a frase é “com a fria serenidade do método”.

Iaiá Garcia

Não somente a forma de viver era assim, mas também toda a casa era do mesmo jeito. Cada móvel, cada objeto, — os menores detalhes, — parecia ter se congelado daquela forma. A cortina, que geralmente se abria sempre no mesmo horário, parecia reclamar se o ar e a luz não passassem por ela, no momento de costume; abriam-se as mesmas janelas e nunca as outras. A repetição dos costumes era algo comum. E se o homem quisesse as coisas de seu jeito, não seria surpresa que ele também fosse assim. Raimundo parecia feito expressamente para servir Luís Garcia. Era um negro de **cinquenta** anos, de média altura, forte, apesar de muitos anos de vida, um tipo de africano, submisso e dedicado. Era escravo e feliz. Quando Luís Garcia o herdou de seu pai, — não acrescentou mais nada a ele, — deu a ele logo carta de liberdade. Raimundo, que era nove anos mais velho que seu senhor, havia o carregado no colo, e o amava como se fosse seu filho. Ao se ver livre, sentiu como se estivesse sendo expulso da casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso. Fez um gesto para rasgar a carta de alforria, mas mudou de **ideia** a tempo. Luís Garcia só levou em consideração a generosidade, não o atrevimento; percebeu o afeto do escravo, viu o seu coração. Entre um e outro foi feito um pacto que os uniu para sempre.

Você está livre, disse Luís Garcia; mas viverá comigo até quando quiser.

A partir daquele momento, Raimundo passou a viver para seu senhor; pensava por ele e refletia seus pensamentos, em todas as suas ações, realizadas em silêncio e em completa pontualidade. Luís Garcia não dava ordem nenhuma; tinha tudo na hora e no lugar que quisesse. Raimundo, visto que era o único servidor da casa, tinha tempo, à tarde, para conversar com seu antigo senhor, no jardim, enquanto a noite vinha caindo. Ali falavam de seu pequeno mundo, das raras situações cotidianas, de como estaria o tempo no dia seguinte, de qualquer coisa da vida exterior. Quando a noite chegava e a cidade acendia as luzes, entravam em casa, a passo lento, um ao lado do outro.

Posso tocar alguma coisa, não é? Dizia às vezes o negro.

Quando você quiser, meu velho.

Raimundo acendia as velas, pegava a marimba⁹, caminhava para o jardim, onde sentava para tocar e cantar baixinho algumas

⁹ Marimba é um instrumento musical feito com lâminas de vidro e tocado com baquetas. Também é o nome dado a um piano de baixa qualidade.

músicas africanas, memórias distantes da tribo em que havia nascido. O canto do negro não era de saudade; os tons de suas palavras não se assemelhavam à tristeza. Eram alegres, entusiasmadas, fragmentos de histórias heroicas, lembranças do passado, que ele não queria esquecer completamente, não porque se lamentasse de sua vida atual, mas por uma forma de se manter fiel ao que deixou para trás. No final, calava-se. O pensamento, em vez de o levar para sua terra natal, repousava sobre a janela da sala em que Luís Garcia trabalhava, como se fosse um feitiço protetor. O dia a dia fez com que eles ficassem amigos, independentemente das diferenças entre eles.

Entretanto, das duas coisas que Luís Garcia mais gostava, Raimundo era apenas a segunda; a primeira era uma filha.

Se o jardim era a parte mais alegre da casa, o domingo era o dia mais festivo da semana. No sábado, à tarde, assim que o jantar acabava, Raimundo descia até a Rua dos Arcos, para buscar a menina, que estava estudando em um colégio. Luís Garcia esperava por eles, sentado à porta ou encostado à janela, quando não se escondia em algum canto da casa para alegrar sua filha. Se a menina não o via à janela ou à porta, percebia que havia se escondido e corria a casa toda a sua procura, logo o achando, porque a casa não era grande. Então, se abraçavam. Luís Garcia a colocava no colo. Depois, beijava-a, tirava-lhe seu chapéu, que cobria seus cabelos castanhos e colocava a mão em sua testa rosada e delicada; dava mais um beijo nela, nos cabelos e nos olhos, — os olhos eram claros e brilhavam de forma insinuante e curiosa.

Ela tinha onze anos e se chamava Lina. Em casa era chamada de Iaiá. No colégio, como as outras meninas lhe chamassem assim, e havia mais de uma com o mesmo nome, davam-lhe o apelido de família. Ela era chamada de Iaiá Garcia. Era alta, magra, travessa; se comportava como uma andorinha. A boca facilmente se transformava em sorriso, um riso inocente e próprio da idade. Os beijos trocados com seu pai eram muitos e longos. Luís Garcia a colocava no chão, e novamente no colo, até que aceitava se separar dela por alguns instantes. Iaiá ia à procura do negro.

Raimundo, guardaste alguma coisa para mim?

Guardei uma coisa, respondia ele sorrindo. Iaiá não é capaz de adivinhar o que é.

É uma fruta.

Não é.

Iaiá Garcia

Um passarinho?

Não adivinhou.

Um doce?

Que doce é?

Não sei; me dê o doce.

Raimundo brincava mais um pouco; mas afinal entregava a lembrança guardada. Às vezes, era um confeito, às vezes uma fruta, um bicho esquisito, algumas flores. Iaiá festejava a lembrança do escravo, dando saltos de alegria e de agradecimento. Raimundo olhava para ela, bebendo a felicidade que estava nos olhos dela, como um jato de água pura e limpa. Quando o presente era uma fruta ou um doce, a menina comia logo, olhando e rindo para o negro, gesticulando, e parando de minuto a minuto:

Muito bom! Raimundo é amigo de Iaiá... Viva Raimundo!

E dali ia mudar de roupa, e passear pelo resto da casa e pelo jardim. No jardim, encontrava o pai sentado no banco de descanso, com as pernas cruzadas, e as mãos repousadas sobre os joelhos. Ia para junto dele, sentava-se, levantava-se, colhia uma flor, corria atrás das borboletas. De noite, não havia trabalho para Luís Garcia; a noite, da mesma forma que o dia seguinte, era toda dedicada à criança. Iaiá contava ao pai as histórias do colégio, as infantilidades, que não são nem mais nem menos importantes que as outras da idade mais madura, as brigas, as arengas por bobagem. Luís Garcia escutava a filha dando a mesma atenção que daria a uma história mais importante. Seu rosto magro e sério perdia a frieza e a indiferença; inclinado sobre a mesa, com os braços estendidos, as mãos da filha nas suas, considerava-se o mais feliz de todos os homens. As histórias da filha eram parecidas com as que ela contava quando era mais nova: desiguais e truncadas, mas cheias de vida. Ele as ouvia sem interromper; corrigia, sim, algum erro de fala ou algum julgamento menos justo; fora isso, apenas ouvia.

Assim que amanhecia, todos os três já estavam de pé. O sol de Santa Teresa era o mesmo da Rua dos Arcos; Iaiá, porém, achava que ele era maior ou melhor, quando o via entrar no quarto, através das persianas. Ia à janela que dava para uma parte do jardim, Via o pai bebendo a xícara de café; que aos domingos era servida antes do almoço. Às vezes ia para ajunto dele, outras vezes ele caminhava para a janela, e, cada um de um lado da janela, dava um beijo um no outro. Durante o dia, Iaiá espalhava pela casa toda a vitalidade que tinha em si. O rosto de Luís Garcia transparecia juventude, que

afastava a seriedade acumulada pelo tempo. Raimundo vivia da alegria dos dois. Era domingo para todos os três, e tanto o senhor como o antigo escravo se divertiam tanto quanto a menina.

Raimundo, dizia ela, você gosta de santo de comer?

Raimundo aprumava o corpo, abria um sorriso, e balançando o corpo fazendo o movimento de suas danças africanas, respondia cantando:

Bonito santo! Santo gostoso!

E santo de trabalhar?

Raimundo, que já esperava a pergunta, parava subitamente, colocava a cabeça entre as mãos, e afastava-se murmurando:

Eh... eh... não fala nesse santo, laiá! Não fala nesse santo!

E santo de comer?

Bonito santo, santo gostoso!

E o negro repetia a primeira fala, depois a segunda, até que laiá, entediada, passava a fazer outra coisa.

Nem tudo era apenas brincadeira. Um pequeno pedaço do dia — pouco mais que uma hora — era dedicada ao estudo do que laiá havia aprendido no colégio, durante os dias anteriores. Luís Garcia tomava a lição, pedia para ela ler, contar e desenhar alguma coisa. A docilidade da menina encantava a alma do pai. Ela fazia tudo sem medo algum, sem hesitar; respondia, lia ou desenhava, conforme seu pai queria.

Papai quer me ouvir tocando piano? Disse ela um dia; olhe, é assim.

E com os dedos na borda da mesa, tocava um trecho da música, com teclas imaginárias. Luís Garcia sorriu, mas um pensamento lhe ocorreu. laiá não tinha piano! Era preciso dar um a ela, mesmo que com sacrifício. Se ela estava aprendendo no colégio, não seria para tocar mais tarde em casa? Este pensamento ficou em sua mente e tomou conta dele o resto do dia. As poucas economias que juntava eram da filha; o piano também seria; não era algo que diminuiria sua herança.

Quando no sábado seguinte, laiá viu o piano, que o pai foi lhe mostrar, sua alegria foi intensa, mas curta. O pai o abriu, ela tocou algumas notas no instrumento¹⁰, com suas mãozinhas ainda inseguras e lentas. Parado em um dos lados do instrumento, e com os olhos voltados para ela, Luís Garcia aceitava o sacrifício, contemplando

¹⁰ A frase original tem maior valor poético: “ela acordou as notas adormecidas no vasto móvel”.

Iaiá Garcia

a satisfação da filha. Mas, ela foi curta. Depois de duas notas, Iaiá parou, olhou para o pai, para o piano, para os outros móveis da sala; depois entristeceu o rosto, disse que teve uma vertigem. Luís Garcia ficou assustado, segurou a menina, chamou Raimundo; mas ela logo disse que estava melhor, e finalmente que a vertigem havia passado completamente. Luís Garcia respirou; os olhos de Iaiá não ficaram mais alegres, nem ela foi tão travessa como costumava ser.

A causa da mudança, desconhecida para Luís Garcia, era um pensamento que passou a acompanhar a menina. Ela havia se lembrado, repentinamente, das palavras que havia dito e do gesto que havia feito, no domingo anterior; isso explicou a existência do piano; olhou para ele, tão novo e lustroso, e para os outros móveis da casa, modestos, usados, as cadeiras com as palhas encardidas, um tapete velho e pisado, um sofá comum. Dessa comparação, concluiu que o pai havia se sacrificado para lhe dar um piano; **ideia** que a deixou triste, mesmo que não por muito tempo, coisa que é própria das tristezas da juventude. O pensamento ainda lhe acompanhava, mas às vezes a deixava em paz, a menina que até agora não se importava com pensamentos acerca do dinheiro.

Passou! Rapidamente os sons do piano vieram se unir ao canto de Iaiá e ao sorriso do escravo e do senhor. Era mais uma festa aos domingos. Um dia, Iaiá disse ao pai que tinha vontade de ser mestra de piano. Luís Garcia sorria com os planos da criança, tão frágeis e passageiros como suas impressões. Da mesma forma, ele sonhava quando tinha dez anos. O que havia ficado desses sonhos? Apenas uma lembrança perdida e nada mais. Mas, assim como os desejos daquele tempo o fizeram feliz, era justo não desiludir a filha, inocente e modesta. Esperava que ela não tivesse outras maiores. Afinal, o que podia ele desejar, senão aquilo que a tornasse independente e lhe desse a chance de viver sem ter que depender de ninguém? Iaiá já tinha por si só a beleza e os ensinamentos; podiam não ser suficientes para garantir para ela casamento e família. Uma profissão honesta ajudaria a amenizar os golpes de uma vida difícil. Não se podia dizer que Iaiá tivesse talento musical: mas o que importa? Para ensinar a arte da música, era suficiente conhecê-la.

Ainda resta dizer que Iaiá tinha uma terceira afeição; era Maria das Dores, sua ama de criação, uma pobre catarinense, devota apenas a duas coisas capazes de levá-la aos céus: Nossa Senhora e a filha de Luís Garcia. Ela sempre ia à casa dele, quando era certo

de encontrar a menina, saía de São Cristóvão, onde morava. Seu companheiro de trabalho era um irmão, antigo militar¹¹, que havia lutado contra as Rosas.

Assim era a vida comum de Luís Garcia. Nenhuma ambição, cobiça ou desafeto podia modificar a serenidade de sua alma. A morte da esposa, ocorrida em 1859, meses antes de ele ir se esconder em Santa Teresa, foi a última dor séria que havia tido. O tempo, esse químico invisível, que dissolve, compõe, extrai e transforma todas as substâncias morais, acabou por matar no coração do viúvo, não a lembrança da mulher, mas a dor de tê-la perdido.¹² É importante dizer que as lágrimas derramadas honraram a esposa morta, por serem conquista sua. Luís Garcia não havia casado por amor nem por interesse; casou porque era amado. Foi uma atitude generosa. A mulher não tinha o mesmo temperamento dele; suas atitudes eram diferentes das dele¹³. Mas a dedicação e o amor da esposa abriram nele a possibilidade do respeito. Quando ela morreu, Luís Garcia viu que havia perdido um coração desinteressado e puro; foi consolado pela esperança de que a filha havia herdado uma parte dele. Parece que sim; Iaiá não amava, adorava o pai.

Assim vivia esse homem descrente, sério e bom, indiferente às coisas estranhas, quando a carta de 5 de outubro de 1866 veio chamá-lo ao drama que este livro pretende narrar.

¹¹ No texto original, a expressão usada é “forriél”, uma variante da expressão “furriel”, que significa o oficial superior ao porta-bandeira na infantaria, ou segundo sargento.

¹² Destaque para o alto valor poético da frase.

¹³ No texto original, a frase é “seus espíritos vinham de pontos diferentes do horizonte”.

Capítulo II

O momento era incômodo para Luís Garcia, cujos hábitos de trabalho raramente eram interrompidos. Mesmo assim, foi à Rua dos Inválidos.

Valéria Gomes era viúva de um desembargador honorário, que havia falecido há cerca de dois anos, com quem o pai de Luís Garcia havia trocado favores. A senhora era rica e abastada, entre eles não havia proximidade ou costume de se relacionar; mas a viúva e seu marido falecido sempre o consideravam muito o tratavam com muito carinho. Defunto o desembargador, Valéria havia solicitado duas ou três vezes os serviços de Luís Garcia; mas, era a primeira vez que o fazia com tamanha solenidade.

Valéria o recebeu afetosamente, estendendo-lhe a mão, ainda jovem, apesar dos anos, que passavam de quarenta e oito. Ela era alta e robusta. A cabeça, forte e levantada, o cabelo abundante, lustrado com alguns fios de prata. Ainda que não estivesse alegre nos últimos tempos, naquele dia estava singularmente preocupada. Logo que entraram na sala, ela sentou acomodando-se em uma poltrona; sentou e ficou silenciosa alguns instantes. Luís Garcia sentou-se **tranquilamente** na cadeira que ela apontou.

— Sr. Luís Garcia, disse a viúva; esta guerra do Paraguai é longa, e ninguém sabe quando acabará. Chegaram notícias hoje?

— Não estou sabendo de nada.

— As de ontem não me animaram nada, continuou a viúva depois de um instante. Não acredito na paz que o Lopez veio propor. Tenho medo que isto acabe mal.

— Pode ser, mas não depende de nós...

— Por que não? Eu acredito que chegou a hora de todas as mães fazerem um grande esforço e darem exemplos de valor, coisa que não será em vão. Pela minha parte, insisto junto ao meu Jorge para que ele se aliste como voluntário; podemos arranjar para ele um posto de alferes ou de tenente; voltará como major ou coronel. Ele, entretanto, resiste até agora; não é falta de coragem nem de patriotismo; sei que os sentimentos dele são generosos. Mas, ainda resiste...

— Qual o motivo que ele alega?

— Diz que não quer se separar de mim.

— A razão é boa.

— Sim, porque eu também sofreria com a separação. Mas não se trata do que eu ou ele podemos sentir: trata-se de uma coisa mais grave, — da pátria, que está acima de nós.

Valéria proferiu estas palavras com certo entusiasmo, que Luís Garcia achou que ela era mais teatral que sincera. Não acreditou no motivo apresentado. O interesse que a viúva mostrava agora em relação ao futuro da guerra era totalmente novo para ele. Excluído o motivo apresentado, haveria ainda algum que ela não queria ou não podia revelar. Diria isso a ela? Não se atreveu a formular a suspeita e a dúvida; limitou-se a acalmá-la, dizendo que um homem a mais ou a menos não mudaria nada na balança do destino, e já que o filho detestava a separação, era mais prudente não insistir. Valéria argumentava contrariamente dizendo que havia a necessidade de dar fortes exemplos às mães. Quando foi preciso dar outra resposta, declarou que por trás disso havia um pouco de interesse pessoal.

— Jorge está formado, disse ela; mas não tem jeito para a profissão de advogado nem para a de juiz. Aproveitava, por enquanto, a vida; mas o tempo passa, e a ociosidade torna-se um hábito com o tempo. Eu queria que ele tivesse um nome ilustre. Se for para a guerra, poderá voltar coronel, tomar gosto pelas armas, segui-las e honrar assim o nome de seu pai.

— Bem; mas vejamos outra consideração. Se ele morrer?

Valéria ficou pálida e permaneceu um pouco calada, enquanto Luís Garcia olhava para ela, tentando perceber seu raciocínio, esquecendo que ela já poderia ter pensado em um possível desastre, e, se não havia recuado diante dessa **ideia**, é porque a resolução era inabalável.

— Pensei na morte, disse Valéria logo depois; e, na verdade, antes a não participação de meu filho que um desastre... mas abandonei essa **ideia**. A consideração de que lhe falei deve ser superior a qualquer outra.

Em seguida, buscando impedir que ele continuasse a **contra-argumentar**, disse-lhe claramente que, diante do fato de Jorge recusar, contava com a eficácia de seus conselhos.

— O senhor é nosso amigo, explicou ela; seu pai também foi nosso amigo. Sabe que vocês dois sempre tiveram muita consideração por nós. De qualquer forma, eu não queria recorrer a outra pessoa.

Luís Garcia não respondeu logo; não tinha vontade de aceitar a tarefa e não queria recusá-la abertamente; procurava uma forma de fugir da resposta. Valéria insistiu de forma que seria impossível continuar se esquivando por mais tempo.



— O que a Senhora me pede é muito grave, disse ele; se o Dr. Jorge levar em consideração meus conselhos e seguir para a Guerra, terei um pouco de responsabilidade nisso, que não só pesará em minha consciência, como vai interferir em nossas relações e, talvez, diminuirá a amizade bondosa que sempre tive desta casa. O serviço que a Senhora hoje exige de mim quem sabe se não seria lançado em meu rosto como ato de indignação?

— Nunca.

— Nesse dia, observou Luís Garcia delicadamente, a Senhora será tão sincera quanto está sendo hoje.

— Oh! O senhor está confuso nas suas **ideias**! Eu não acredito na morte; acredito só na vida e na glória. A guerra começou há pouco tempo e já há tantos heróis. Meu filho será um deles.

— Não creio em pressentimentos.

— Está recusando o serviço?

— Não me atrevo a aceitar.

Valéria ficou triste com a resposta. Após alguns minutos de silêncio, levantou-se e foi buscar o lenço que havia deixado sobre um móvel, ao entrar na sala. Enxugou o rosto e ficou olhando para o chão, com um dos braços caídos, em atitude de meditação. Luís Garcia começou a tentar convencê-la a não seguir com seu plano. O fato de ele não ter muitas crenças não o fazia indiferente aos males dos outros e Valéria parecia sofrer naquele instante, independentemente da sinceridade de suas declarações. Ele queria encontrar uma forma de conciliar os desejos da viúva com a sua neutralidade em relação ao caso, — o que era completamente difícil.

— Seu filho não é mais criança, disse ele; está com vinte e quatro anos; pode decidir sozinho e é claro que não me dirá outra coisa... Além disso, duvido que se deixe levar por minhas sugestões, depois de ir contra os desejos da mãe.

— Ele respeita muito o senhor.

Respeitar não era a palavra certa; atender era mais adequado, porque refletia a verdadeira natureza das relações entre um e outro. Mas a viúva lançava mão de todos os recursos para obter de Luís Garcia qualquer ajuda em relação ao seu filho. Apesar de mais uma vez ter dito a ela que não aceitaria a proposta, percebeu que a viúva havia mordido o lábio e feito um gesto de despeito. Luís Garcia resolveu ficar em meio-termo:

— Prometo-lhe uma coisa, disse ele; irei sondá-lo, discutir com ele os prós e os contras de seu projeto, e se o achar mais inclinado...

Iaiá Garcia

Valéria abanou a cabeça.

— Não faça isso; desde já lhe digo que será tempo perdido. Jorge repetirá as mesmas razões que me deu e o senhor aceitará naturalmente. Se eu mereço alguma coisa, se a amizade que o liga a nossa família não morreu em seu coração, peço ao senhor que me ajude firmemente nessa tarefa, com a autoridade que tem. Aceite isso da mesma forma que aceitei, disposto a **vencê-lo** e a convencê-lo. O senhor me fará esse favor?

Luís Garcia refletiu por uns instantes.

— Faça, disse ele baixinho.

Valéria mostrou-se reanimada com a resposta; disse a ele que fosse jantar em sua casa naquele ou em outro dia. Ele recusou duas vezes, mas não conseguiu resistir às insistências da viúva, e prometeu ir no dia seguinte. A promessa era um meio, não só de encerrar a conversa, mas também uma forma de descobrir qual era o segredo que movia a ação da viúva. A honra nacional era a máscara nobre e grandiosa de alguma intenção que ainda não havia sido revelada. Sobre isso, Luís Garcia passou muito tempo refletindo. Afinal, não duvidava do patriotismo de Valéria, mas se questionava se, com isso, ela não queria levar algum tipo de vantagem, especialmente sobre ele.

— O coração humano é uma caixa de surpresas,¹⁴ dizia o descrente subindo as escadas do trabalho.

Na repartição, soube da chegada de algumas notícias tristes do Paraguai. Os aliados tinham atacado Curupaity e recuado com grandes perdas; o inimigo parecia mais forte que nunca. Acreditava-se até que as propostas de paz não seriam nada mais que mentiras para fortalecer as defesas. Assim, o destino das armas vinha reforçar os argumentos de Valéria. Luís Garcia adivinhou tudo o que ela lhe diria no dia seguinte.

No dia seguinte, ele foi jantar na Rua dos Inválidos. Encontrou a viúva menos preocupada do que deveria estar, diante das notícias do dia anterior, se de alguma forma o futuro da guerra lhe preocupasse tanto quanto havia dito. Pareceu até que estava mais serena. Ela ia e vinha com um ar satisfeito e seguro. Tinha um sorriso para cada coisa que ouvia, um carinho, uma familiaridade, uma intenção de agradar e seduzir, que Luís Garcia analisava com olhos de suspeita.

¹⁴ A expressão usada no texto original é “o coração humano é a região do inesperado”.

Jorge, pelo contrário, estava retraído e mudo. Luís Garcia, à mesa do jantar, analisava discretamente a expressão dos olhos tristes e a marca de expressão desenhada entre suas sobrancelhas, gesto que indicava nele o despeito e a irritação. Na verdade, era duro enviar para a guerra um dos mais belos símbolos da paz. A tristeza não morava habitualmente naqueles olhos, de forma alguma, mas, eles eram de costume brandos e pacíficos. Sua mão fina preferia a bengala à espada. Um bigode escuro e farto, obra comum da natureza e do cabeleireiro, cobria seu lábio e dava ao rosto a expressão viril que ainda não tinha. O corpo esbelto e nobre era a única característica que poderia ser militar. Elegante, Jorge ocupava um dos primeiros lugares entre os distintos¹⁵ da Rua do Ouvidor; ali podia ter nascido, ali poderia talvez morrer.

Valéria estava certa ao afirmar que não encontrava no filho qualquer amor pela profissão de advogado. Jorge sabia muita coisa do que havia aprendido; tinha inteligência pronta, compreendia rapidamente as coisas e sua memória era vivíssima. Não era alguém que aprofundava tudo; abrangia mais do que penetrava. Mas, era uma inteligência teórica; para ele, o ser humano prático representava o bárbaro. Visto que possuía muitos bens, que dava para viver na fartura, gastava pouco tempo advogando — apenas para ter o nome na porta do escritório e na revista de Laemmert. Não era experiente, e isso era algo que se notava.¹⁶ A imaginação era seu ponto fraco, porque não era criativa e clara, mas vaga, tumultuosa e infrutífera, dessa que dá aos textos a incerteza das palavras e à vida, a confusão dos atos. Era generoso e bom, mas faltava nele um pouco de vaidade, vício de terceira ordem que diminui a bondade presente no ser humano. Havia ali a essência de um futuro homem, esperando que os anos, cuja ação é lenta, oportuna e inevitável, lhe dessem um caráter firme e uma razão segura.

O jantar não foi nem alegre nem animado. No início, falaram de coisas indiferentes. Valéria puxou o assunto a partir das últimas notícias do Paraguai. Luís Garcia disse que elas não lhe pareciam tão más, como diziam os jornais, sem contudo negar que se tratava de uma séria derrota.

— É guerra para seis meses, concluiu ele.

¹⁵ A expressão utilizada foi *dandies*, fazendo referência ao homem inglês que apresentava grande bom gosto e distinção estética.

¹⁶ No texto original, a frase é “Nenhuma experiência contrastava nele os ímpetos da juventude e os arroubos da imaginação”.

Iaiá Garcia

— Só?

Esta pergunta foi a primeira de Jorge, que até então estava apenas comendo e ouvindo. Valéria continuou¹⁷ e confirmou a opinião de Luís Garcia. Mas, o filho continuou em silêncio. Assim que acabou o jantar, Valéria levantou-se; Luís Garcia fez o mesmo, mas a viúva, colocando a mão em seu ombro, disse em tom familiar e intencional:

— Sem cerimônia; eu volto já.

Assim que ficaram a sós, Luís Garcia achou bom ir direto ao motivo que os reunia ali.

— Você não tem vontade também de ir ao Paraguai? Perguntou ele logo que Valéria desapareceu no corredor.

— Nenhuma. Mas, acabarei indo.

— Sêrio?

— Minha mãe não deseja outra coisa, e sei que o senhor tem a mesma opinião que ela.

A vontade de negar roçou os lábios de Luís Garcia, mas logo se controlou, confirmando com o silêncio a história de Valéria. Tinha nas mãos o meio de desfazer o mal entendido: era se manter indiferente. Jorge se distraía tentando equilibrar um palito na borda de um copo; Luís Garcia, após olhar para ele, quebrou o longo silêncio:

— Mas, qual o motivo de aceitar hoje, depois de recusar tantas vezes?

Jorge ergueu os olhos, sem dizer qualquer palavra, mas desejoso de colocar tudo para fora. Foi vencido pelo desejo. A um sinal de Jorge, Luís Garcia o acompanhou até o terraço. Lá, Jorge desabafou.

— O senhor é um velho amigo de nossa casa, disse ele; posso lhe contar tudo. Mamãe quer me mandar para o Paraguai porque não pode controlar os impulsos de meu coração.

— Algum namoro, concluiu friamente Luís Garcia.

— Uma paixão.

— Tem certeza disso?

— Tenho.

— Não acredito, afirmou Luís Garcia depois de um instante.

— Por que não? Ela acredita que a distância e o tempo matarão um amor que, para ela, ainda não criou raízes profundas.

Luís Garcia deu alguns passos, acompanhado pelo filho de Valéria; parou um instante, depois continuaram a passear de um

¹⁷ A expressão utilizado foi “tomou a outra ponta do diário”.

lado para o outro. Luís Garcia refletia sobre a explicação do rapaz, que lhe pareceu verdadeira, se o amor do rapaz não era digno de seu nome. Não se animou a fazer essa pergunta, mas procurou outras palavras para perguntar a mesma coisa.

— Uma viagem à Europa, falou Luís Garcia após curto silêncio, causaria o mesmo efeito, sem que houvesse outro risco...

— Recusei a viagem, foi então que ela pensou na guerra.

— Mas se ela quisesse ir à Europa, o senhor se recusaria a acompanhá-la?

— Não. Mas, mamãe detesta o mar, não viajaria nunca. É possível que se eu resistisse até o final, em relação a ir à guerra, ela vencesse sua repugnância e viajasse comigo...

— E por que não resistiu?

— Primeiramente, porque estava cansado de recusar. Faz um mês e meio que estamos discutindo isso. Hoje, depois das notícias do Sul, falou comigo com tanta insistência que acabei cedendo. A segunda razão foi um sentimento mau — mas justificável. Escolho a guerra, pois caso algo me aconteça, ela sentirá o remorso de haver me perdido.

Luís Garcia parou e encarou silenciosamente o jovem.

— Sei o que esse olhar quer dizer, continuou ele; você acredita que sou irracional, mas eu sou apenas natural. O sentimento mau teve só um minuto de duração. Passou. Ficou apenas uma sombra de remorso. Não acuso mamãe. Sei o quanto ela vai chorar com a separação...

— Ainda é tempo de recusar.

— O que está feito, está feito, disse Jorge erguendo os ombros.

— Sabe o que mais? Acho de extremo mau gosto dar a essa questão um desenrolar **heroico**. Por que tem que fazer isso na guerra do Paraguai? Vou sugerir um outro meio de organizar as coisas. Vá à Europa sozinho, volte no fim de dois ou três anos...

Jorge sorriu ironicamente.

— Seu conselho mostra a diferença entre nossas idades, disse ele. Se eu fosse para a Europa, que sacrifício faria pela pessoa que amo? Pelo contrário, a sacrificada seria ela. Eu ia me divertir, passear, ver coisas novas, talvez até achar novos amores. Se eu for à guerra, é diferente. Sacrifico o repouso e arrisco a vida; é alguma coisa mais importante. Separados, embora, não me negará seu amor...

— Seu amor? Disse Luís Garcia admirado.

Não continuou, mas Jorge compreendeu, por aquela palavra, a que tipo de mulher ele acreditava pertencer à eleita de seu coração. Fez um gesto de nobre protesto, mas não se animou a dizer nada. Arrependeu-se talvez de já ter dito tanta coisa. É o destino dos corações indiscretos. Sem ousar pedir segredo, começou a insinuar isso delicadamente. Mas a tática não era necessária, porque Luís Garcia não era homem de revelar o que lhe confiavam, e perigosa porque fazia crescer o ar de mistério. Luís Garcia sorriu por dentro ao perceber a intenção de Jorge; e quando isso já lhe pareceu enfadonho disse:

— Fique **tranquilo**, disse ele. Não tenha medo de que eu torne público seus amores. Repito meu conselho: não se atire de cabeça para baixo em uma aventura sem fundo. Ir para a guerra é muito nobre, mas deve ser algo pensado com cautela. Um desacordo por motivo de namoro não é algo que se resolve entre os comandantes da guerra¹⁸, mas um padre é que deve por fim.

Jorge saiu com ar amigável e se despediu de Luís Garcia; dali foi se vestir para ir ao teatro. Luís Garcia estava convicto de que deveria lavar as mãos, como Pilatos deixar que os acontecimentos tomassem seu próprio rumo, sem qualquer intervenção sua. Logo que Jorge saiu, fez o mesmo, despedindo-se de Valéria. Ela o acompanhou até a porta da sala.

— Não vai me dizer nada? Perguntou ela quando o viu prestes a ir embora.

— O que poderei dizer?

— Falou com meu filho?

— Falei.

— O senhor acha que ele está disposto mesmo?

— Não digo que não.

— Mas de má vontade?

— Não digo que sim.

Valéria sorriu com um ar de despeito amargo.

— Percebo que este assunto o irrita, murmurou ela.

Luís Garcia negou com um gesto. Valéria se encostou no portal e olhou friamente para ele. Houve um curto silêncio entre os dois.

— Ninguém! Exclamou ela. Ninguém está ao meu lado. Vá, ficarei só.

Luís Garcia teve pena dela.

Sejamos sinceros, disse ele, seu filho cedeu, mas cedeu à força,

¹⁸ No texto original, a frase é “não é Porto Alegre ou Polidoro, é um padre que lhe deve por termo”.

e não acredito que se possa fazer dele um herói. Que motivo tão forte leva a Senhora a exigir dele tamanho esforço?

Valéria não respondeu.

— Sei qual é o motivo, disse ele.

— Sabe? Interrompeu Valéria como se fosse tocada pela surpresa.

— Imagino; e se me permite ser franco, direi o que acho ser interessante, já que acredito que de nada adiantará. Seu filho ama alguém. Trata-se de uma mulher de algum tipo? São aventuras da juventude, e as dele não são daquelas que causam escândalos, creio eu. Trata-se de alguma moça, cuja união não seja aceitável a senhora? Não direi nada à senhora a respeito disso, mas reflita primeiro antes de mandar o rapaz ao Paraguai.

Valéria segurou a mão direita de Garcia entre as suas, pensou uns instantes, depois disse com voz fraca:

— Suponha... que se trata... de uma senhora casada?

Luís Garcia curvou a cabeça com um gesto de assentimento. Baixou os olhos ao chão, não pode ver no rosto da viúva nada que indicasse vergonha. Se tivesse visto, se a olhasse firmemente, talvez ela baixasse os olhos envergonhada de por ter mentido. Luís Garcia não viu nada. Calou-se, concordou com ela e prometeu ajudá-la a evitar que seu nome fosse manchado por um escândalo assim.

Quando Luís Garcia saiu da casa de Valéria, já era noite. Ia irritado com tudo, com a mãe e com o filho, — com suas relações com aquela casa, das circunstâncias em que estava. Subindo a ladeira a pé, parando apenas para olhar para baixo de vez em quando, ia apreensivo em relação ao futuro, supersticioso, cheio de temores inexplicáveis. Não demorou a ver a luz da casa, e, daí a pouco, a ouvir a cantoria solitária do escravo e as notas rudimentais do instrumento musical. Eram as vozes da paz; ele apertou o passo e se refugiou na solidão.

Capítulo III

Luís Garcia teve pouca influência no ânimo de Jorge. Depois que decidiu, não teve mais volta. O rapaz não desconhecía os perigos que enfrentaria em seu projeto e nem as **consequências** mortais de sua escolha. Mas, não recuou. Poucos dias depois de oferecer seus serviços ao governo, que os aceitou, dando-lhe a patente de capitão de voluntários. A guerra, principalmente depois do desastre de Curupaity, prometia durar muito; mas não havia desânimo, e o governo era auxiliado eficazmente pela população. Era necessário preparar tudo para a vitória e não dar um passo que não fosse seguro.

Vinte dias depois da conversa no terraço da Rua dos Inválidos, Jorge se apresentou em Santa Teresa, fardado e pronto, de tal maneira que era difícil não perceber a influência de seus cuidados estéticos em sua roupa de militar. A mesma tesoura que fazia o corte de sua roupa, havia cortado também a farda do capitão, que vestia seu peitoral elegante e largo. Na cintura, havia uma faixa vermelha, cujas pontas caíam graciosamente ao lado. Calçava uma bota brilhante, sobre a qual a calça de pano fino assentava. O boné, que estava inclinado levemente para a direita, não desconcertava seu cabelo, penteado como todos os dias; o bigode tinha os mesmos fios longos, pontudos e brilhosos.

Luís Garcia não pode deixar de sentir um pouco de pena, ao vê-lo entrar fardado e prestes a seguir para o Sul. Pareceu ter visto por trás dele o rosto da morte, com o eterno sorriso sem lábios. Mas esse sentimento passou; lembrou-lhe logo a última palavra da viúva, e não pode deixar de condená-lo. Viu até, com certa repulsa, esse coração de vinte e quatro anos que ia arriscar a própria vida, e talvez a de sua mãe, para não rejeitar um sentimento mau.

— Estou a seu gosto? Perguntou Jorge com um ar de bondosa ironia.

— Estará melhor ao final da guerra, Sr. general, respondeu o outro.

— General? Pode ser.

Dizendo isso, Jorge começou a falar de suas esperanças e futuros. A imaginação começava a dissipar a melancolia. Ele já via aquilo como uma aventura romântica e misteriosa; sentia que havia encarnado o próprio cavaleiro medieval, saindo em busca de combate por amor a sua dama, castelã majestosa e formosa que

o esperaria na varanda sombria, com a alma nos olhos e os olhos na ponte elevadiça. A **ideia** de morte ou de mutilação não causava temor a ele e nem o fazia mudar a face. O que ele tinha diante dele eram os campos infinitos da esperança. Mas, o momento era sério, e dificilmente poderia fugir de reflexões sobre seu destino. Além disso, Jorge havia subido a Santa Tereza decidido a contar tudo a Luís Garcia, com a finalidade de deixar um único confidente de seus amores; mas a palavra não se atrevia a sair do coração. Ou a idade do outro ou a profundidade de suas relações atrapalhava essa confiança íntima; mas mais do que qualquer razão, naquele momento havia o gesto de preocupação profunda de Luís Garcia. Jorge desistiu de sua **ideia** inicial.

— Dê-me um abraço de despedida, disse ele; embarco amanhã.

— Já amanhã?

— Vim me despedir do senhor.

Luís Garcia o observou silenciosamente durante dois ou três minutos; depois apertou-lhe as mãos.

— Vá, disse; lute por sua terra; entre na vida com um ato **heroico**; é a melhor forma de apagar os erros da juventude. Trabalhe sem parar, mas não se exponha sem necessidade; em todo caso, obedeça a disciplina, e nunca se esqueça de sua mãe.

Jorge saiu. A primeira estrela que aparece no céu azul parecia olhar de lá o jovem que descia a passo largo e trêmulo na direção da rua de D. Luísa. Na metade do caminho parou, como se estivesse querendo tomar outra direção; ergueu os ombros e prosseguiu. Ia mergulhar em si mesmo, e só despertou ao parar diante de uma casa daquela rua.

Antes de entrar lá, vejamos quem eram os moradores.

O falecido marido de Valéria, no tempo em que advogava, tinha um escrevente, que, mais do que ajudante, era seu homem de confiança. Chamava-se Sr. Antunes. Era um sujeito amarelo e míope, alto e magro; trabalhava lentamente, mas sem interrupção. Entretanto, foram serviços de certo tipo que deixaram os dois mais ligados intimamente. O Sr. Antunes tinha a pobreza, sem dignidade; havia nascido com o espírito humilde e caráter servil. A sorte confunde às vezes os planos da natureza; mas uma e outra se adequavam na pessoa daquele homem, pobre e criado para funções subalternas. conhecedor de todas as formas de bajulação, o Sr. Antunes ia do elogio exagerado até o silêncio bem empregado. Tornou-se em pouco tempo, não só um escrevente

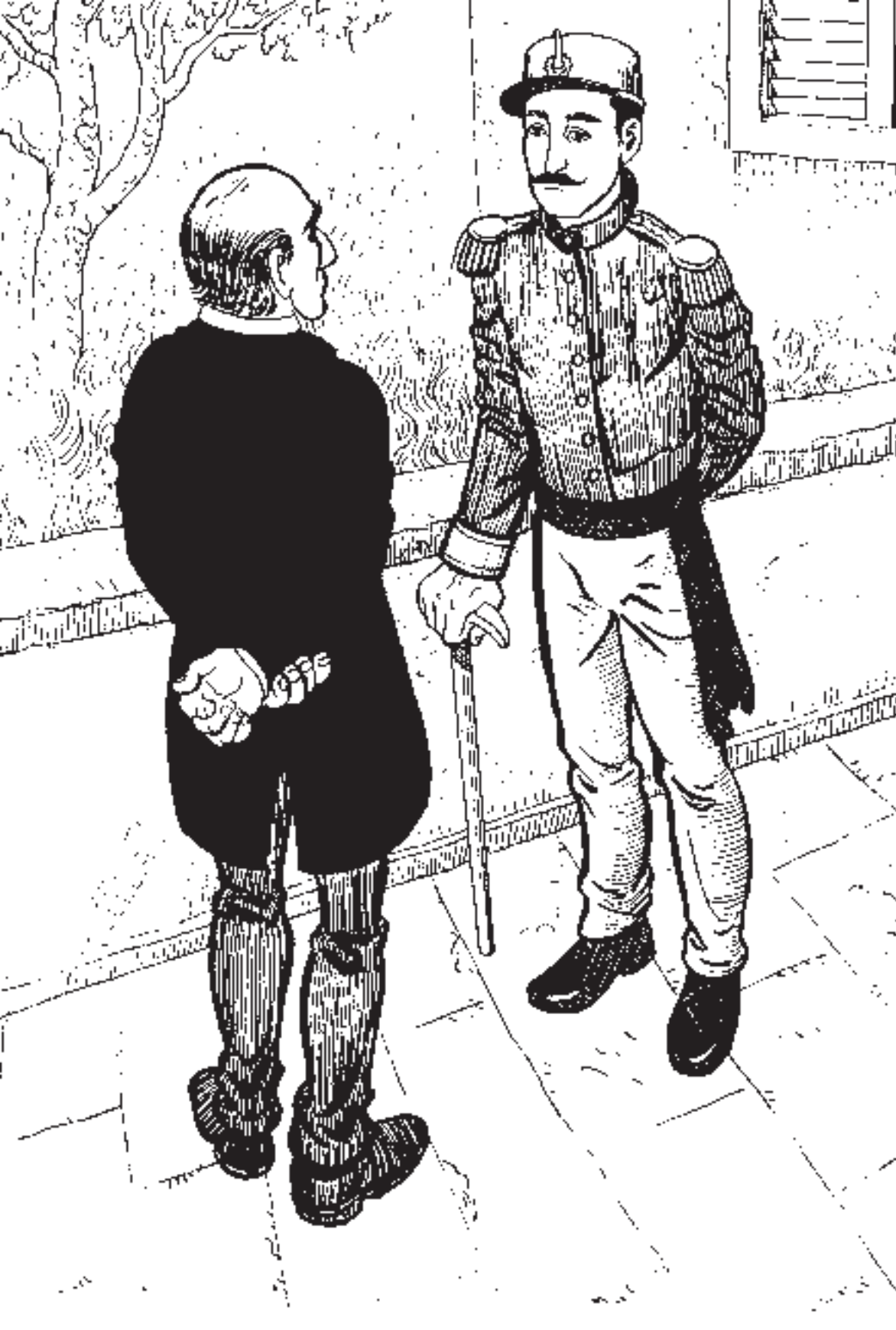
trabalhador e pontual, mas também, e sobretudo, um homem de confiança do desembargador, seu braço direito, desde os recados eleitorais até as compras de casa, e também amplamente empenhado em facilitar as aventuras amorosas. Dessa forma, era o protegido do desembargador. O salário aumentou, as gratificações se multiplicaram; era convidado algumas vezes a comer em casa, nos dias comuns, quando não havia visita de cerimônia. Ele era o primeiro a evitar as ocasiões mais solenes. No final de três anos de convivência, havia consolidado a situação.

Sua mulher morreu justamente nesta época. Restou uma filha de dez anos, menina interessante, que algumas vezes havia visitado a casa do desembargador. Este fez o enterro da mãe e pagou o luto da filha e do pai. O Sr. Antunes, que não era dado à filosofia, acreditava que debaixo do sol, nem tudo são vaidades, como afirma o *Eclesiastes*¹⁹, nem tudo perfeições, como opina o doutor Pangloss; entendia que havia bens e males, e que viver é a arte de aproveitar o bem que há em todo mal. Assim que a mulher morreu, ganhou do desembargador apoio financeiro completo para matricular a filha na escola, visto que até então não havia aprendido nada, e já não poderia ficar sozinha em casa. O desembargador deu tudo para seus estudos, pagou o ensino, as visitas tornaram-se mais frequentes; a criança, que era bonita e boa, entrou manso no coração de Valéria que a recebeu em casa, no dia em que a pequena concluiu os estudos.

Estela era o nome dela, e já tinha dezesseis anos. Pouco antes, o desembargador havia falecido. O Sr. Antunes recebeu dois golpes em vez de um: o de o ver morrer e o de não o ver tentar. Os aneurismas têm dessas coisas. A fim de garantir algo da fortuna, o pai de Estela concentrou a atenção, que repartia entre ela e o marido, na viúva, coisa que já era própria da obrigação moral que tinha em relação àquela família. Estela devia a essa família a educação e o carinho; podia talvez dever um dote, um marido e consideração. Quem sabe? Talvez o coração de Jorge unisse as duas famílias. Esse pensamento era alimentado pelo Sr. Antunes no mais profundo de sua alma.

Jorge estava perto de concluir seus estudos em São Paulo; estava na metade do quarto ano. Ao vir à cidade durante as

¹⁹ Perceba o valor cultural da obra com as frequentes intertextualidades. Aqui, estabelece-se diálogo com o livro bíblico *Eclesiastes*.



férias, encontrou-se em uma situação inesperada: a mãe tinha arranjado um casamento para ele. A noiva escolhida era uma parente distante de Jorge. Chamava-se Eulália. Tinha dezenove anos na certidão de batismo, mas trinta de maturidade. Ela era uma moça sem ilusões nem vaidades, talvez sem ambições, possuidora de bom senso e coração simples, e tudo isso era uma beleza sem mancha e uma elegância que não causava espanto. — Uma pérola! Dizia Valéria quando anunciou ao filho que ele deveria se casar com Eulália. A pérola, entretanto, não parecia ansiosa para enfeitar a fonte de ninguém. Quando Valéria fez as primeiras sondagens no coração da jovem parente, achou ali uma água **tranquila**, sem a agitação das marés. Procurou saber se algo havia chamado sua atenção e descobriu que não; então pediu ajuda a quem pôde.²⁰ Logo Eulália percebeu as intenções da viúva, mas não foi contrária quando percebeu. Sua razão lhe dizia que o casamento era algo aceitável; e esperou. Valéria ficou satisfeita com o resultado e logo buscou sondar as expectativas de Jorge, quando ele voltou no fim do ano.

Graças a sua habilidade de influenciar as vontades dos outros, Valéria conseguiu do filho uma resposta condicional. Já era alguma coisa. O motivo da insistência da viúva era complexo; eram as qualidades da parenta, o respeito que tinha por ela, o medo de morrer de repente e a confiança que tinha sobre si mesma para escolher as pessoas. Durante o último ano da faculdade, Jorge pensou algumas vezes no casamento da mesma forma que se pensa sobre um projeto distante; mas, enquanto o tempo ia passando, o coração ia ficando retraído e medroso. Assim que se formou, deixou a **ideia** de lado, mas não teve coragem de contar à mãe, e Valéria esperou confiantemente que o filho lhe contaria aquilo que já havia dito com ações.

Para entender exatamente o motivo que levava Jorge a não querer a moça como esposa, cujas qualidades tentariam qualquer outro rapaz, é necessário que se saiba que essas qualidades eram justamente as que o rapaz menos valorizava em uma mulher. Não bastava ser elegante e bonita, discreta e mansa; era preciso alguma coisa a mais, que correspondesse exatamente à imaginação dele; faltava a ela um grão de poesia.

²⁰ No texto original a frase é “pediu ajuda a siroco e a pompero”. Siroco é um vento quente do sudeste que sopra sobre o mar Mediterrâneo e pompero é uma rajada de vento. Essa expressão foi utilizada visto que o contexto metafórico faz referência a mares, e ventos.

Além desse motivo, mais forte que as intenções da viúva, havia um sentimento mau, que tomou conta dele, ao fim de três semanas depois de sua chegada ao Rio de Janeiro. Esse sentimento mau, foi Estela quem provocou. Ver Estela todos os dias provocou em Jorge sentimento forte, mas sem aquele respeito, sem o qual o amor é apenas um instinto. O que ele sentiu foi um instinto. Visto que viviam na mesma casa, era difícil ficarem a sós, porque a filha do escrevente passava o tempo todo junto da viúva; coisa que não ajudou a mudar o rumo dos acontecimentos. Não podendo falar aquilo que queria dizer, Jorge falava com os olhos, — linguagem que a moça não entendia, ou fingia não entender. A seriedade de Estela, impossível de ser perturbada, foi um motivo a mais, tão cruel quanto a gentileza de suas condutas, e certo ar de resolução que vinha de seu rosto quieto e pálido.

Era pálida, pálida como as freiras, mas sem nenhum tom de melancolia religiosa. Ela tinha os olhos grandes, em forma de amêndoa, por baixo de sobrancelhas lisas, cheias e bem feitas. Os olhos eram a parte mais aparente do rosto, a que dominava tudo, independentemente da harmonia do restante de suas feições; é que havia neles uma expressão de equilíbrio moral, que funcionava como a principal característica da beleza de Estela. As feições da moça eram bonitas e delicadas, uma a uma, mas a impressão que o todo deixava estava longe da meiguice natural feminina. Estela, colocada entre as musas, seria Melpomene²¹. Tinha a forma da beleza; bastava apenas que o destino trouxesse a ela o gemido das paixões trágicas. Normalmente, vestia roupas pretas, cor que preferia a todas as outras. A mulher pálida, que não usa por preferência a cor preta, precisa de um instinto a mais. Estela possuía esse instinto do contraste. Com poucos enfeites, o vestido mostrava seu corpo esbelto, alto e flexível. Sempre se apresentava assim, sem qualquer acessório que a viúva lhe presenteava de vez ou outra; rejeitava qualquer tipo de ornamento; nem rendas, nem brincos, nem anéis. De primeira comparava-se a um Diógenes²² feminino, cuja capa, através das brechas, deixava aparecer a beleza em sua

²¹ Melpomene é a musa dos cantores, mas também conhecida como a musa das tragédias.

²² Essa comparação aponta para o comportamento voltado para a vida simples, sem vaidades, em busca de um caráter irrepreensível. Diógenes foi um filósofo grego que assumiu uma vida de mendicância em busca de pessoas de caráter e moral inquestionáveis.

forma mais pura, sem nenhum acessório. Mas, depois de conhecer o caráter da moça, eram dois os motivos que o faziam não a querer como esposa, — um sentimento natural de simplicidade e a compreensão de que o pai não tinha dinheiro suficiente para tudo, logo não era possível se apegar ao luxo. Esse tipo de entendimento na cabeça de uma mulher de dezoito anos era sinal de maturidade e de comportamento nada vulgar.

— Por que você não põe os brincos que mamãe lhe deu a semana passada? Perguntou Jorge a Estela, um dia, em que havia convidado gente de fora para o jantar.

— Os presentes de que mais gostamos devem ser guardados, respondeu ela olhando para a viúva.

Valéria apertou a ponta do queixo dela entre o polegar e o indicador. — Poeta! Exclamou sorrindo. Você não precisa de brincos para ser bonita, mas vá colocá-los, pois ficam bem em você.

Foi a primeira e última vez que Estela usou os brincos. A intenção era clara demais para não ser notada, e Jorge não esqueceu nem a resposta da moça nem o constrangimento com que obedeceu. Não podia achar que ela era ingrata, porque via o carinho com que Estela tratava a mãe. Em relação a ele, não parecia haver carinho igual, mas havia certamente respeito e consideração, raramente sentimento de familiaridade, e ainda assim, uma familiaridade cordial, um ar de visita rápida.

Jorge começou a achar a rua mais agradável do que a casa; e as noites, quando não havia pessoas de fora, ficava junto a uma mesa, lendo ou jogando com as duas, ou as vendo trabalhar, enquanto contava piadas da faculdade, lia as correspondências do Paraguai e de Buenos Aires, ou simplesmente alguma página de romance. Nessa vida, meio familiar, as horas corriam depressa, tão depressa, que ele não as sentia. Ao final de cinco a seis semanas, confessava-se a si mesmo, examinava a consciência, descobria lá dentro alguma coisa que não era a fantasia sensual do primeiro instante, e, longe de se sentir inocente, se condenou a um comportamento de abstenção. Voltou aos antigos hábitos e abandonou as programações domésticas. Mas as mudanças não adiantavam muito²³. Estela fazia com que ele lembrasse frequentemente da moça; na rua, no teatro, nas assembleias a que ia, a lembrança sobre a moça vinha se meter

²³ A frase original é “Mas a aplicação do remédio, por mais sincera que fosse, já não podia muito contra a ação do mal”.

entre ele e a realidade. Se pudesse deixar de vê-la, a recuperação não era algo demorado; mas como fugir da presença de uma mulher, cuja figura lhe aparecia o tempo todo? Além do mais, a falta de sono que ele tinha piorava a situação. No fim de um mês, o sentimento havia mudado: era mais puro; mas não parecia disposto a desaparecer: era mais violento.

Uma noite em que Sr. Antunes levou a filha para visitar pessoas de sua amizade, Jorge aproveitou o momento para conversar com Valéria sobre a possibilidade de devolver Estela a seu pai.

— Por quê? Perguntou a viúva.

— Sempre é um tropeço, uma pessoa estranha no meio da gente, — replicou Jorge. Não nego que ela tenha boas qualidades; mas... é uma pessoa estranha.

— O que importa, se me dou bem com ela? Conheço-a desde pequena; é uma companhia melhor do que qualquer outra. Mas por você está falando nisso agora?

— Estive pensando na nossa responsabilidade e obrigação. Se fosse nossa parenta, tudo bem; não se podia dispensar a obrigação; mas não sendo, acredito que seria melhor que a gente se libertasse.

— Fique calmo; na ocasião certa faremos com que ela se case. O que não admito é algum marido qualquer. Deve ser uma pessoa que a mereça, e que a mereça muito. Você não reconhece o quanto vale aquela menina. Não é só um bom coração; é alguma coisa mais. Tem sentimentos nobres; nunca me desobedeceu e nunca me bajulou.

Jorge confirmou com a cabeça e não disse mais nada. O que acabava de dizer não passava de uma tentativa sincera, mas fraca, para tirar Estela da casa; havia lavado as mãos²⁴. Sentindo que não devia mais nada a isso, entregou-se aos acontecimentos, dizendo a si mesmo que o perigo não era tão grande, nem o remédio tão urgente; agora que ele era homem.

No meio dessa situação, o que sentia ou o que Estela pensava? Estela amava Jorge. No momento em que descobriu esse sentimento em si mesma, pareceu-lhe que o futuro seria caro e bom; mas foi só nesse momento. Na hora em que descobriu o sentimento, tratou de o estrangular ou esquecer, — trancá-lo ao menos no lugar mais fundo do coração, como se fosse uma vergonha ou um pecado.

— Nunca! Jurou ela a si mesma.

²⁴ A frase original é “era o imposto pago à consciência”

Estela era o oposto do pai; este pobre havia gerado aquela senhora. Desconhecida e pobre, ela não tinha o brilho da riqueza ou da posição social, mas tinha a alma acima do destino. Era orgulhosa, e tão orgulhosa que chegava a fazer da inferioridade uma postura de santidade; mas o seu orgulho não vinha de inveja ou de ambição; era uma força, não um vício, — era o seu escudo de diamante, — era o que a preservava do mal, como o do anjo de Tasso que defendia as cidades puras e santas. Foi esse sentimento que fez com que não ouvisse o amor. Simples agregada ou protegida, não se julgava com direito de desejar outra posição superior e independente; e mesmo que fosse possível conseguir, é correto dizer que recusaria, porque, para ela isso seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia. Valéria, que também era orgulhosa, percebeu nela essa característica, e não ficou lhe querendo mal; ao contrário, gostou mais ainda dela. É que a moça sabia ter a gratidão compatível com a dignidade; o problema de seu coração era justamente o caráter do pai, completamente servil.

O orgulho de Estela não fez apenas o seu coração se calar, mas até deu a ela a confiança moral necessária para viver **tranquila** bem no meio do perigo. Jorge nunca percebeu os sentimentos que havia inspirado; e, por outro lado, nunca viu a possibilidade de os inspirar um dia. Estela só manifestava a ele o respeito frio e a dignidade fria.

Um dia, assim que uma casa de Valéria no caminho da Tijuca ficou desocupada, a viúva determinou-se a examiná-la, antes de alugar outra vez. Foi acompanhada do filho e de Estela. Saíram cedo, e a viagem foi alegre para a moça, que pela primeira vez ia àquele lugar. Quando o carro parou, Estela supôs que mal tinha tempo de sair da Rua dos Inválidos.

A casa precisava de alguns consertos; um mestre de obras, que já estava ali, acompanhou a família de sala em sala e de quarto em quarto. Só ele e Valéria falavam; Estela não dizia nada, e Jorge parecia indiferente a tudo. Que lhe importava o reboco de uma parede ou o conserto de um piso? Ele zombava, ria ou sussurrava no ouvido de Estela uma piada de mau gosto a respeito do **mestre de obras**. Estela, que sorria com ele, fazia sinal para que ele parasse com as piadas.

De sala em sala chegaram a uma pequena varanda, onde uma situação diferente os deteve algum tempo. Numa das extremidades da varanda havia um pombal velho, onde eles foram achar um casal

de pombos, esquecido ou abandonado. As duas aves, após vinte e quatro horas de solidão, pareciam fazer saudações para as pessoas que apareciam ali repentinamente.

— Coitadinhos! Disse Estela logo que entrou na varanda.

Valéria prestou um minuto de atenção, talvez meio, e continuou a ver a casa. Estela ficou olhando para os dois pombos, e não percebeu Valéria sair.

— Quer levá-los? Disse a voz de Jorge.

A moça voltou-se e respondeu que não: — Contudo, continuou ela, seria bom dar os pombos a alguém para não morrerem de fome. São tão bonitos!

— Mas por que você mesma não leva?

— Vou pedir ao mestre que tire os pombos dali, disse ela dando um passo para dentro.

— Não é preciso: eu mesmo tiro.

Estela protestou, mas o rapaz já havia decidido, e ele próprio ia satisfazer o desejo da moça. O pombal não ficava num lugar fácil de ser alcançado; era preciso subir no parapeito da varanda, ficar de ponta de pé e estender o braço. Ainda assim, precisaria contar com a boa vontade dos pombos. Jorge trepou ao parapeito, sem ligar para os protestos de Estela. Se perdesse o equilíbrio, poderia cair no chão da chácara. Para evitar o acidente, Jorge segurou com a mão esquerda em um ferro que havia na coluna do canto, e que o ajudou; depois esticou o corpo e alcançou o pombal com a mão. Um dos pombos ficou logo calmo; o outro, a princípio mais arisco, foi pego depois de algum esforço. Estela os segurou; Jorge pulou para o chão.

— Se a Sra. D. Valéria, se visse isto, reclamaria, disse Estela.

— Grande coisa! Respondeu Jorge sacudindo o lenço com as mãos e a gola da roupa.

— Podia ter caído!

— Mas não caí; foi um risco que passou. São bonitinhos, não são? Continuou ele apontando para os pombos que Estela tinha entre as mãos.

A moça respondeu com um gesto e deu alguns passos para perto da viúva. Jorge a segurou, mantendo-se entre ela e a porta.

— Não vá embora, disse ele.

— Que foi? Perguntou Estela erguendo **tranquilamente** seus grandes olhos brilhantes.

— Sonsa!

Estela baixou silenciosamente a cabeça e buscou dar outra volta para entrar na sala; Jorge, porém, ficou de novo no meio do caminho.

— Deixe-me passar, disse ela sem raiva nem súplica.

Jorge negava até a porta, a única das três que estava aberta. Era arriscado o que estava fazendo; mas, além do fato de que Valéria e o mestre estavam no pavimento superior — ele ouvia os passos deles —, havia perdido todo o bom senso naquela ocasião. O lugar era deserto, e teria um longo tempo para lhe dizer tudo. Mas os lábios ficaram fechados por alguns instantes, enquanto os olhos diziam a força da paixão prestes a ser revelada.

Estela não insistiu, mas ficou diante dele, quieta e sem arrogância, como se ficasse esperando ser obedecida. Jorge queria que ela ficasse pedindo ou que se sentisse constrangida; a **tranquilidade** feria o amor-próprio dele, fazendo com que ele visse que não havia perigo algum nenhum, e revelando, de qualquer forma, a mais dura indiferença. Quem era ela para o afrontar assim? Era a segunda vez que seu espírito fazia essa pergunta; já havia feito nos primeiros sinais da paixão. Desta vez, a resposta foi terrível. Colocando profundamente os olhos em Estela, disse com voz trêmula, mas autoritária:

— Você não sairá daqui, sem me dizer se gosta de mim. Vamos; responda! Não percebe o que esse silêncio pode lhe causar?

Não obtendo resposta, continuou depois de alguma pausa:

— É indiferente! Saiba que posso começar a odiar você e que talvez já a odeio; saiba também que posso me vingar de seus desprezos, e chegarei a ser cruel se for necessário.

Estela apenas suspirou, e se encostou no parapeito, olhando para a chácara. Sua intenção era não irritar Jorge, com a resposta seca e má que vinha de seu coração, e esperar que Valéria descesse. Entretanto, na posição em que estava ficou com as costas voltadas para Jorge, ato que não era intencional, mas que pareceu a ele uma atitude de desdém. A irritação de Jorge foi grande. Após uns dois ou três minutos de silêncio, Jorge caminhou na direção do parapeito, onde estava Estela, com a cabeça inclinada, beijando a cabeça dos pombos, que tinha encostados ao peito. Parou, sem que a moça mudasse de posição. Olhou para ela ainda um instante, e se Estela olhasse para ele veria que a expressão dos olhos era respeito e ternura e nada mais.

Esse instante, porém, voou depressa, e com ele a consideração. Inclinando-se para a moça, Jorge agiu de maneira que não

refletia nem seu caráter nem sua educação, mas só do despeito, que fazia com que seu sangue fervesse naquela hora cruel; inclinou-se e disse:

— Por que você gasta, com esses animais, uns beijos que podem ter melhor finalidade?

Estela estremeceu toda e ergueu para ele uns olhos que fuzilavam de indignação. Já não estava pálida, mas completamente branca. Surpresa, não sabia que dizer ou fazer; e infelizmente não sabia também que a pergunta de Jorge, por mais ofensiva que lhe parecesse, não era ainda a maior ofensa. Não era; Jorge tinha uma nuvem diante de si, através da qual não podia ver nem o seu respeito pessoal nem a dignidade da mulher amada; via só a mulher indiferente. Segurou a cabeça dela, puxou-a até si e, antes que ela pudesse fugir ou gritar, encheu a boca dela de beijos.

Soltos com o movimento, os pombos voavam sobre a cabeça de ambos, e foram pousar outra vez na casinha de pau, onde estariam seguros daquele amor sem esperança, daquela raiva sem dignidade.

Estela sufocou um gemido e cobriu o rosto com as mãos. As vozes de Valéria e do mestre, que se aproximavam, eram ouvidas; Jorge teve um instante de incerteza e dúvida; mas já tinha acontecido, e, além disso, era importante apagar os vestígios daquela cena, de maneira que a viúva não percebesse nada.

— Mamãe está vindo — disse ele baixinho a Estela; não tive culpa de nada, porque amo muito você.

Estela virou-se para fora e enxugou o rosto; Valéria e o mestre chegaram logo. Este saiu logo depois, tendo combinado as obras que eram indispensáveis fazer na casa. Valéria, irritada com os estragos que encontrou, criticava o desleixo dos inquilinos. Só depois notou que nenhum dos dois respondia nada a ela, e que Jorge parecia envergonhado, e Estela triste. Mesmo que tivesse enxugado as lágrimas, Estela tinha o rosto triste e os belos olhos sem vida. Jorge não ousava olhar para a mãe nem para Estela; olhava para a ponta das botas, onde havia ficado um pouco da tinta do parapeito; estava as mãos nas costas e encostado em um portal. Valéria reparou na atitude dos dois; mas como possuía a característica de fazer de conta que não estava percebendo nada, não alterou nem o gesto nem a voz. Só não tirava os olhos deles.

Logo entraram no carro. Era tarde. A viagem foi quase inteiramente silenciosa; pelo menos, só Valéria disse algumas palavras.

Iaiá Garcia

Chegando à Rua dos Inválidos, a viúva suspeitava de que alguma coisa havia ocorrido entre os dois e de que era grave. Durante todo aquele dia pensou sobre as formas de descobrir o que havia acontecido; e não achou nada melhor do que perguntar diretamente a um deles. Jorge havia saído de casa logo depois e não voltou para jantar; durante todo esse dia Estela não sorriu e quase não falou.

Não foi preciso interrogá-la. Logo na manhã seguinte, acabando de se levantar, Estela entrou em seu quarto e pediu alguns minutos de sua atenção. Contou-lhe a necessidade de voltar para casa; já era moça, devia ir ajudar seu pai nos serviços que ele precisaria de alguém e tinha o direito de exigir da filha. Não era ingratidão, acrescentava; levaria dali saudades eternas; voltaria lá muitas vezes; seria sempre obediente e grata. Era apenas a necessidade de acompanhar o pai. Este pedido confirmava a suspeita de Valéria, mas só esclarecia metade da situação. A retirada de Estela era um meio de fugir de Jorge ou de lhe falar mais livremente? Valéria tratou de sondar o coração da moça, dizendo a ela que a razão dada não era o bastante e que alguma causa escondida estava levando-a a fazer isso; depois, lembrou a ela a amizade que lhe tinha e a confiança a que Estela deveria ter para com ela.

— Vamos lá, disse ela; diga-me tudo.

Estela afirmou que não havia mais nada; mas, insistindo a viúva, respondeu curvando a cabeça, — o que importava meia confissão. Valéria insistiu ainda por muito tempo; fez uso da sutileza e da autoridade, mas a moça não cedeu mais nada.

— Bem, disse a viúva; seja feita a tua vontade.

Foi assim que Estela, depois de algum tempo morando na casa de Valéria, voltou à casa do pai, na rua de D. Luísa. O Sr. Antunes ficou desorientado com a notícia; disse que vivia perfeitamente só; achou o procedimento de Estela pouco educado e menos justo, em relação à viúva do desembargador; sobre quem falou várias qualidades, que não adiantaram de nada, porque Estela não voltou atrás, nem a viúva tentou convencê-la.

A separação não valia nem mais nem menos; fez aumentar o amor de Jorge, por isso mesmo que vez ou outra dava espaço à imaginação, musa consoladora e desleal. Duas forças lutavam no coração do rapaz; o obstáculo, que tornava mais intenso o amor, e o remorso que fazia o sentimento parecer mais puro. Não sentiu nenhum ressentimento sobre a resolução de Estela; sentia-se culpado, e mais ainda, sentia-se como vítima da fuga

da moça. Nem tudo isso seria somente efeito da paixão; uma parte era culpa da influência da seriedade do caráter de Estela, que acabou por marcar no espírito de Jorge **ideia** diferente da que ele fazia a seu respeito. Valéria descobriu pouco a pouco a ineficácia do remédio que havia aceitado; estava certa da paixão do filho, e via que, longe de diminuir, entrava pela vida adiante, menos brutal talvez, mas não menos sincera e profunda; soube que Jorge **frequentava** a casa da rua de D. Luísa; temeu o futuro e pensou no modo de estrangular as esperanças ainda no início.

— Ou ela já o ama ou pode vir a amá-lo, dizia consigo.

Valéria encarava os dois desfechos possíveis da situação, se a moça amasse seu filho: ou seria a queda de Estela, de quem a viúva gostava muito, ou a união dos dois, solução que afastava aos sentimentos, **ideias** e projetos. Jamais concordaria com semelhante união: Sua forma de pensar era — o que é certo é certo, o que é errado é errado²⁵. O contrário não passava de absurdo ou romance. De qualquer modo, necessitava ser resolvido.

Foi dessa forma que um dia voltou insistentemente a pensar no projeto de casar o filho com Eulália, e o obrigou a lhe obedecer. Jorge começou resistindo e acabou enfraquecendo a **ideia**; mas isso não iludiu a mãe. Valéria chamou logo em seu auxílio a jovem parenta. Eulália, que teve tempo de refletir e francamente lhe disse que não estava disposta a ser sua nora, porque Jorge não a amaria nunca; e ainda que não via no casamento uma página de romance, entendia que a antipatia ou total indiferença era o mais desagradável dos vínculos conjugais.

Desamparada, a viúva pensou então na viagem à Europa; e, quando ele recusou, pensou na guerra do Paraguai. Com esforço lançou mão desse meio, violento para os dois; mas, uma vez escolhido, brilhou mais a vantagem do que brilhou o perigo. Assim foi que de repente, o resultado tinha sido esse; e de um caso doméstico saía uma ação patriótica.

²⁵ No texto original, a frase usada foi “lé com lé, cré com cré”.

Capítulo IV

Jorge está fardado;

Sr. Antunes “Era um sujeito amarelo e míope, alto e magro”

Estela “era pálida, pálida como as freiras, mas sem nenhum tom de melancolia religiosa. Ela tinha os olhos grandes, em forma de amêndoa, por baixo de sobrancelhas lisas, cheias e bem feitas. Os olhos eram a parte mais aparente do rosto, a que dominava tudo, independentemente da harmonia do restante de suas feições; é que havia neles uma expressão de equilíbrio moral, que funcionava como a principal característica da beleza de Estela. As feições da moça eram bonitas e delicadas, uma a uma mas a impressão que o todo deixava estava longe da meiguice natural feminina. (...) Normalmente, vestia roupas pretas, cor que preferia a todas as outras.”

Já era noite quando Jorge chegou à casa de Estela. O Sr. Antunes estava à porta e talvez já esperava a visita; recebeu-o com alegria e tristeza.

Quatro meses haviam se passado depois da cena da Tijuca e, durante esse tempo, Jorge foi muitas vezes à casa da rua de D. Luísa. Estela não fugia dele e nem o maltratava; tinha a mesma serenidade e frieza de outro tempo, falando pouco com ele, claro, mas com tamanha discrição, que parecia não ter havido entre eles o menor desentendimento.

De sua parte, Jorge tentava apagar a lembrança daquele episódio, agindo com o respeito e consideração que acreditava serem bastantes para resgatar a estima perdida. Às vezes ficavam a sós na sala, porque o Sr. Antunes inventava algum motivo que o obrigasse a ausências parciais, com a finalidade única, dizia ele consigo mesmo, — de ajudar a natureza. Mas, sobretudo nessas ocasiões, mesmo sendo propícias, Jorge não passava a linha que tinha traçado para si mesmo, não sussurrava para ela uma única palavra amorosa, não lhe lançava um só olhar que pudesse fazer com que ela corasse ou reagisse. Qualquer palavra sobre a cena da Tijuca, ainda que fosse de desculpas, seria prejudicial ao objetivo de Jorge; ele evitava esse erro trivial, não dizendo nada que de uma forma ou de outra pudesse lembrá-la à moça. Falavam pouco e de coisas indiferentes, como pessoas de nenhuma intimidade.

Foi só quando perdeu totalmente a esperança de convencê-la pelos meios normais, que ele aceitou a proposta de se alistar no exército. No dia em que deu a notícia a eles, a impressão causada no pai e na filha foi profunda, mas diferente, porque o pai ficou totalmente atordoado e morto, ao passo que a filha sentiu a alma respirar livremente, e se uma voz secreta e medrosa lhe disse: não o deixes ir; outra mais dominadora e forte gritou que a partida era a liberdade e a paz. A viagem, a distância, o tempo, a natureza das ocupações militares deviam arrancar do moço um sentimento que Estela acreditava que poderia ser origem de discussões domésticas, e que de qualquer forma a entristecia.

— Então é amanhã? Perguntou o Sr. Antunes fazendo o jovem capitão entrar.

— Amanhã.

Estela o recebeu como das outras vezes, sem reclamações do pai, que parecia ter apostado em tornar esses últimos instantes amargos. A tristeza do Sr. Antunes era mortal. Ele pertencia ao grupo daquelas pessoas que, através dos anos e ainda nos frios do inverno, conservam as manias da juventude, e para quem a vida tem sempre a forma dos castelos das histórias que construíram na infância. Uma vez convicto da ideia de casar a filha com o jovem, viveu para ela, como se já estivesse certo dos resultados. Para ele o incidente da guerra não mudou a realidade da situação, mas pareceu que adiava o seu desejo, e o afligia. Ele próprio havia dito à filha, porque sonhar acordado e falando é característica das ambições impotentes. Agora mais que tudo, agora que via o filho de Valéria fardado, prestes a embarcar no dia seguinte, acreditou mais na separação. Após meia hora de conversa, o Sr. Antunes retirou-se alguns minutos da sala; ia procurar charutos.

— Tome um dos meus, disse Jorge.

— Nada; os seus são muito fortes.

Nunca os charutos de Jorge sofreram tal acusação da parte do Sr. Antunes, que fumava regularmente os do filho como havia fumado os do pai. Estela ficou humilhada com a resposta e com a atitude; segurou um suspiro e talvez evitou uma lágrima. Jorge, que estava de pé, junto a uma mesa, viu o pai de Estela sair, e ficou olhando para o chão. A moça cravou os olhos no trabalho, que estava fazendo, e um silêncio mortal reinou entre os dois.

Jorge ergueu enfim os olhos e os colocou sobre a moça, cuja beleza lhe pareceu naquela noite ainda mais pura e espiritual, jus-

Iaiá Garcia

tamente porque ele começava a vê-la com os olhos da saudade. Ela fazia o trabalho como se estivesse cansada. Suas mãos, que podiam ser comparadas com as mais puras, moviam as agulhas sem aparentar comoção nem tremor. Esse aspecto indiferente e digno já não humilhava mais o jovem; ou se o humilhava, não era o amor-próprio, era o coração que se sentia oprimido. Podia ver, em si mesmo, a diferença das situações, o caminho vivido, desde suas primeiras ideias a respeito de Estela. Mas os minutos corriam e o silêncio o constrangia cada vez mais; enfim, resolveu quebrá-lo, e quebrá-lo de modo que tirasse daquele minuto ou a salvação ou o naufrágio da vida que ia aventurar. Deu dois passos para Estela.

— Talvez não nos vejamos mais, disse ele.

— Por quê? Disse Estela sem levantar os olhos.

— Posso ficar enterrado no Paraguai.

— Sua mãe não gostaria de ouvir isso...

Seguiram-se ainda dois minutos, que pareceram duas horas mortais. Jorge perdeu momentaneamente o uso da língua e da razão; mas venceu a si mesmo, reuniu as forças, e pôs toda a sua alma nestas palavras, ditas em voz baixa e triste:

— Embarco amanhã para o Sul. Não é o patriotismo que me leva, é o amor que lhe tenho, amor grande e sincero, que ninguém poderá arrancar do meu coração. Se morrer, a senhora será o meu último pensamento; se viver, não quero outra glória que não seja a de me sentir amado. Uma e outra coisa dependem só da senhora. Diga-me, devo morrer ou viver?

Estela tinha levantado a cabeça; quando ele acabou, estava de pé. Olhou para ele alguns instantes com uma expressão muda e fria. A vaidade da mulher podia se contentar com aquela tentativa de reparação solene, e perdoar; mas o orgulho de Estela triunfou, e não deu lugar a nenhum outro sentimento de justiça ou de humanidade. Moveu os lábios com um jeito irônico, de onde saiu esta palavra má e desdenhosa:

— O senhor é um tolo.

Quando o pai voltou à sala, pouco depois, Jorge estava com uma das mãos no encosto de uma cadeira, pálido como um defunto. Estela foi até à porta da entrada da sala, resolvida a se trancar por dentro.

O Sr. Antunes não tinha percepção; mas, ao ver o rosto dos dois, não era muito difícil adivinhar que alguma coisa havia acontecido entre eles. Tentou adivinhar; contudo, não entendeu bem o que seria, se uma cena dolorosa de despedida, se outra coisa menos propícia a seus pensamentos. Foi ao jovem capitão e lhe pediu que se sentasse; mas Jorge disse que ia sair e se despediu. Sem olhar para Estela, estendeu-lhe a mão, que ela apertou com o ar mais **tranquilo** do mundo. O pai tentava ver alguma uma lágrima discreta, um gesto disfarçado, qualquer coisa que falasse em favor de suas esperanças. Nada; Estela não baixou o rosto nem escondeu os olhos. Jorge, sim; independentemente do esforço que fazia, a mão tremia ao apertar a do escrevente.

O Sr. Antunes acompanhou o rapaz até a porta. Ali, antes de a abrir, quis abraçar o jovem oficial.

— Dê-me essa triste honra, disse ele; creia que este abraço é de amigo.

Jorge deixou-se ir, sem entusiasmo; mas quando sentiu o corpo do pai de Estela, pareceu que abraçava uma parte da moça, e o apertou fortemente ao peito. Esta manifestação agradou extremamente o outro; chegou a comovê-lo.

— Conte comigo, murmurou ele; fico para ajudá-lo.

Jorge o ouviu, apertou-lhe maquinalmente as mãos, recebeu um último abraço e lançou-se à rua.

A dor que não deixa sequer o direito de conversar com a alegria é intolerável. O mais duro dos sacrifícios é o que não tem as consolações da consciência. Essa dor tomava conta de Jorge; esse sacrifício ia consumá-lo.

Não foi dali para casa; não ousaria encarar sua mãe. Durante a primeira hora que se seguiu à saída da casa de Estela, não pôde domar os pensamentos; eles cruzavam seu cérebro sem ordem nem clareza. O coração batia firme no peito; vez ou outra o corpo era tomado de calafrios. Ia despeitado, humilhado, com uma marca de remorso no coração. Queria de uma vez só gesto eliminar a cena daquela noite, quando menos apagá-la da lembrança. As palavras de Estela soavam ao ouvido como o som do vento furioso; ele lembrava a figura desdenhosa da moça, o gesto sem ternura, os olhos sem misericórdia.

Ao mesmo tempo, lembrava a cena da Tijuca, e alguma coisa lhe dizia que essa noite era a vingança daquela manhã. Ora **sentia-se** odiado, ora ridículo. Quem se sente odiado pode ter no orgulho



um refúgio; quem se sente ridículo acha no orgulho sua própria condenação.

— Sua mãe é quem tem razão, dizia uma voz interior; ia selar uma aliança que não era digna de você; e se não soube respeitar nem a sua pessoa nem o nome de seus pais, justo é que pague o erro indo para guerra.

A vida não é um poema de Virgílio, é um evento natural, que se não aceita com restrições, nem se infringe sem que sofra penalidade. Há duas naturezas, e a natureza social é tão verdadeira e tão imponente como a outra. Não se contrariam, completam-se; são as duas metades do homem, e você ia a primeira natureza vencer, desrespeitando as leis necessárias da segunda.

— Quem tem razão é você, dizia-lhe outra voz contrária, porque essa mulher vale mais que seu destino, e a lei do coração vem em primeiro lugar. Não ia descer; ia fazê-la subir; ia reparar o erro do destino; escuta a voz de Deus e deixa para os homens o que vem dos homens.

Jorge caminhava assim, levado de sensações contrárias, até que ouviu o relógio bater meia-noite e caminhou para casa, cansado e oprimido.

Valéria esperava por ele sem dormir. Essa dedicação silenciosa, oculta, vulgar nas mãos, natural naquela véspera de uma separação irritante e longa, foi como um bálsamo ao coração dolorido do rapaz. Foi também um remorso. A consciência o tocou ao ver que havia desperdiçado algumas horas longe da criatura, a quem verdadeiramente ia deixar saudades, única pessoa que pediria a Deus por ele.

Valéria sabia onde o filho estaria, e tremia de medo à proporção que as horas passavam, receosa de que, sendo amado por Estela, tivesse passado por cima das convenções sociais, indo refugiar-se em algum lugar escondido. Pensou nisso, e enfraqueceu, e se arrependeu, duvidando de si e da retidão de seus atos. Não duvidava da natureza do mal; mas não estaria pensando mais do que deveria? Supondo que esse pensamento era a sua primeira punição, reagiu fortemente, reprimindo as energias abatidas e dispersas e voltou a ser a mulher que era, com todas as suas fortes qualidades naturais ou adquiridas. Além do mais, de que adiantaria se arrepender se já era tarde?

Jorge entrou com o rosto recomposto, mas triste. Valéria o recebeu sem nenhuma expressão de censura ou de mágoa. Não lhe disse nada; ele falou pouco e se despediram sem grandes gestos, aquela última noite que ele ia dormir sob o teto de seus pais.

A noite foi para ele aflita e melancólica. Passou a noite toda a elaborar listas que diziam respeito ao fim de sua antiga vida e ao futuro incerto que o aguardava. Buscou papéis, queimou cartas de amigos íntimos e finalmente escreveu algumas linhas de testamento e de cartas a pessoas íntimas. Deitou-se por volta das quatro horas; às sete estava de pé. Valéria já havia acordado. Algumas pessoas foram se despedir dele e acompanhar a mãe no solene momento da despedida. Entre essas pessoas estava o pai de Estela, cuja tristeza, que era sincera, trazia uma máscara ainda mais triste.

Veio enfim o momento da despedida. Valéria tentou se segurar até onde pôde; mas o último instante trazia tantas dores, que era impossível resistir. A organização moral da viúva era forte, mas a resistência fora prolongada e a vontade se gastou nesse esforço de todos os dias. Quando chegou o instante final da separação, caíram dos olhos as lágrimas, não daquelas acompanhadas de vozes e gemidos, mas dessas outras que marcam silenciosamente os rostos, característica de uma dignidade que cede a custo à lei da natureza. Ela estendeu os braços, ainda bonitos, sobre os ombros do filho; nessa postura o olhou algum tempo; depois o beijou e o apertou perto ao coração.

— Vai, meu filho, disse com voz firme. Eu fico rogando a Deus por você; Deus é bom e devolverá você a mim.

Sirva a sua pátria, e lembre-se de sua mãe!

Foram as últimas palavras. Jorge não as ouviu; tinha o espírito abalado e surdo. Chorou também, menos silenciosamente que Valéria, mas as mesmas lágrimas aflitas.

— Adeus, querida mamãe! Disse ele saindo enfim de seus braços.

Saiu; Valéria não o viu sair; deu as costas a todos e foi chorar no quarto sua decisão de levar Jorge à guerra.

Pouco tempo depois, perdendo de vista a cidade natal, Jorge sentiu que dobrava a primeira página de seu destino, e ia começar outra, escrita com sangue. O espetáculo do mar o deixou ainda mais abatido: aumentava a solidão até o infinito. Os poucos dias da viagem o desafiaram nesse sentimento de apatia que antecede as catástrofes. Enfim, chegou a Montevidéu, — seguindo dali ao Paraguai.

A segunda viagem, o povo estranho, as novas coisas, o movimento do teatro da guerra, produziram nele uma transformação saudável. Seu espírito facilmente adaptável sacudiu as sombras de preocupação que o atormentavam, e, uma vez voltado o rosto para o lado do perigo, começou de enxergar, não a morte obscura ou ainda gloriosa, mas o triunfo e o festejado regresso. Depois de sua primeira participação na guerra²⁶, Jorge se sentiu homem. O momento das preocupações tolas havia acabado; o que começava era o do sacrifício. Ia encarar trabalhos que ainda não conhecia, expor-se a perigos maiores; mas ia resolvido e firme, com a face serena e clara e o ar da confiança aceso no coração.

Imaginação, amor, despeito, o que não seria capaz de fazer?

²⁶ No texto original, a frase é “Bebido o primeiro hausto da campanha”.

Capítulo V

As primeiras cartas de Jorge foram todas direcionadas à mãe. Eram longas e derramadas, entusiásticas, descuidosas e até infantis. Descontados os exageros que podia haver nelas, ficava uma impressão, que o coração de Valéria compreendeu; o objetivo era suavizar a ausência e dissipar as preocupações.

Logo Jorge se familiarizou com a vida militar. O exército, acampado em Tuyuty, não iniciava operações novas; tratava-se de reunir os elementos necessários para prosseguir na batalha de modo seguro e decisivo. Não havendo nenhuma ação grande, em que pudesse provar as forças e aprender, Jorge buscava as ocasiões que apresentassem algum perigo, as situações arriscadas, nas quais um espírito atrevido era necessário para conseguir êxito, sagacidade e paciência. Esse desejo conquistou a simpatia dos chefes imediatos.

O coronel que o comandava passou a prestar atenção nele; sentiu sua alma jovem através do olhar brando e calmo. Ao mesmo tempo, observou que, no meio dos muitos prazeres fáceis do acampamento, provocado pelo tempo ocioso gasto em cidades diversas, Jorge conservava uma postura diferente, um horror puro por tudo o que pudesse fazê-lo esquecer a guerra, ou somente de pensar nela. O coronel era homem ideal para o trabalho; amava a guerra pela guerra; morreu talvez de nostalgia no descanso da paz. Era bravo e ríspido. A princípio isso foi diferente para Jorge, passou a ser o objetivo dele agradar ao coronel. Jorge, entretanto, sem perder no início o jeito da vida na cidade, foi criando com o tempo a crosta da guerra. Seu desejo de trabalhar, de se arriscar, de temperar a alma ao fogo do perigo, fez os sentimentos do coronel mudarem em relação a ele. Passou a ver nele um bom companheiro de armas e ao fim de pouco tempo procurou diferenciá-lo dos demais.

Mesmo que Jorge sempre falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o tinha como seu amigo, nem tinha amigos no acampamento, ou se tinha não os considerava como tais. Ouvia confidências de muitos, animava as esperanças de uns, consolava as tristezas de outros, nunca abria, porém, a porta do coração à curiosidade alheia. Devia ser, entretanto, interessante somente uma página da vida daquele militar, jovem, bonito, abastado, que não ia ao teatro nem às festas do acampamento, que ria poucas vezes e mal, que só falava da guerra, quando falava de alguma coisa.

Um dia, um major do Ceará o encontrou sentado em um destreço de uma carreta, largado em um lugar esquisito, ora a olhar para o horizonte, ora a desenhar uma estrela no chão com a ponta da espada.

— Capitão, disse o major, parece que você está vendo estrelas ao meio-dia?

Jorge sorriu da piada, mas não deixou de continuar, nos demais dias, a desenhar estrelas no chão ou a procurar por elas nas nuvens do céu. Os oficiais, atraídos pela simpatia, não passavam muito tempo com ele; Jorge era, não só taciturno, mas diferente, ora dócil, ora ríspido, muitas vezes distraído e absorto. Era distraído, sobretudo, quando recebia cartas do Rio de Janeiro, entre as quais raramente não vinha alguma do Sr. Antunes. O pai de Estela regava com a água a esperança que não havia perdido. Suas cartas eram declarações²⁷ disfarçadas. Falava muito de si, e muito mais da filha, cuja alma, dizia ele, andava singularmente triste e acabrunhada. Jorge resistia ao desejo de falar também de Estela: mais de uma vez o nome da moça lhe caía da ponta da caneta; ele riscava logo, assim como riscava qualquer frase que pudesse fazer referência aos seus sentimentos; as cartas que escrevia ao pai da moça eram secas, sem interesse especial, educadas e frias.

Um dia, porém, antes da metade do ano de 1867, seu coração não conseguiu resistir à necessidade de contar sobre o amor a alguém ou de gritar aos quatro ventos do céu. Não havia ninguém em que pudesse confiar; Jorge alargou os olhos e se lembrou de Luís Garcia, única pessoa estranha a quem havia confiado e contado metade do segredo que havia levado para a guerra. Os corações discretos são raros; a maioria não é de gaviões brancos, que, ainda feridos, voam calados²⁸, como diz a canção; a maioria é do tipo, que conta tudo ou quase tudo para todos.

Já nesse tempo o coração de Jorge tinha sofrido grande transformação. Seu amor, sem diminuir de intensidade, mudou de natureza, convertendo-se em uma espécie de adoração mística, sentimento profundo e forte, que parecia ser mais importante que qualquer outra coisa²⁹. Ele mesmo disse isso na carta a Luís Garcia, sem contar o nome da pessoa, nem nenhuma circunstância

²⁷ A palavra usada no texto original foi “epitalâmios”. Os epitalâmios eram poemas lidos por ocasião do casamento de alguém.

²⁸ Perceba o grande potencial poético da frase.

²⁹ A frase original era “respirar atmosfera mais alta que a do resto da criação”.

Iaiá Garcia

que pudesse dar pista da realidade; exigiu que ele fizesse absoluto silêncio e contou-lhe o que sentia:

“Não importa saber quem é”, disse ele; o essencial é saber que amo a mais nobre criatura do mundo, e o triste é que não somente não sou amado, mas até estou certo de que sou odiado.

Minha mãe se iludiu quando achou que meu amor encontraria resposta em outro coração. Talvez desistisse de me mandar ao Paraguai, se soubesse que esta paixão solitária era o meu próprio castigo. Era; já não é. A paixão veio comigo, apesar do que ouvi antes de embarcar; e se não cresceu, é porque não podia crescer. Mas se transformou. De criança tonta, que era, passou a ser homem de juízo. Uma crise, alguns quilômetros de distância, poucos meses de separação, foram bastantes para acontecer o milagre.

Não sei se a verei mais, porque uma bala pode acabar comigo, quando eu menos esperar. Se eu voltar a vê-la, não sei como ela me receberá. Mas de um ou de outro modo, este amor morrerá comigo, e o seu nome será a última palavra que sairá de meus lábios.

Meu amor não sabe já o que é impaciência ou ciúme ou exclusividade: é uma fé religiosa, que pode viver inteira em muitos corações. Talvez o senhor me não compreenda. Os homens sérios ficam surdos a esses detalhes do coração. Os loucos não as entendem. Eu mesmo não sei explicar o que sinto, mas sinto alguma coisa nova, uma saudade sem esperança, mas também sem desespero: é o que me basta.”

Jorge releu o escrito, e ora o achava claro demais, ora obscuro. Teve dúvida ainda por algum tempo; enfim, dobrou a carta, fechou-a e a enviou para o Rio de Janeiro.

Quando a resposta lhe chegou às mãos, o exército preparava-se para deixar Tuyuty. Jorge estava totalmente entregue aos cuidados da guerra, a sonhar batalhas, a derrubar mentalmente os soldados de Lopez. A resposta de Luís Garcia dizia pouco ou nada sobre o assunto carta de Jorge; era composta quase que totalmente de conselhos e reflexões, linguagem sóbria e medida, reflexões e conselhos relativos quase exclusivamente aos deveres de homem e de soldado.

Jorge esperava aquilo mesmo; conhecia, ainda que pouco, o gênio seco e frio de Luís Garcia. Contudo, ficou momentaneamente desapontado e triste. Seria certo que ninguém compartilhava seus segredos e sua solidão? Depois de longos meses de separação, nem Estela pensaria nele, nem ele achava pessoa com quem dividisse as

saudades³⁰, último alimento de um amor sem cônjuge. A consciência da solidão moral o abateu um instante; toda a força acumulada durante aqueles meses saiu dele, e a alma caiu de braços.

Poucos dias depois ocorreu a marcha de Tuyuty a Tuyu-Cué, a que se seguiu uma série de ações e movimentos, em que muita coisa aconteceu. Só então pôde Jorge encarar a guerra verdadeiramente, a cujo princípio não havia assistido; participou de mais de uma jornada heroica, correu perigos, mostrou-se valoroso e paciente. O coronel o adorava; sentia-se tomado de admiração diante daquele jovem, que combatia durante a batalha e se calava depois da vitória, que transmitia o ardor aos soldados, não recuava de nenhuma dificuldade, ainda a mais arriscada, e a quem uma estrela parecia proteger com suas asas de luz.

Ele notou uma vez, em um dos combates mortíferos de dezembro de 1868, ano e meio depois da carta de Luís Garcia, que o destemor do jovem parecia ir além dos limites normais, e que em vez de um homem que combatia, era ele um homem que queria morrer. A sorte o salvou. Acabado o combate, recolhidos os feridos, repousados os corpos, o coronel foi se encontrar com ele na barraca, e o achou tristemente quieto, com os olhos inchados e parados. O coronel não reparou nisso; entrou a elogiar o comportamento que havia tido, ainda que um pouco excessivo. Jorge tinha se erguido respeitosamente e olhava para o coronel sem dizer palavra alguma. Este o encarou e viu nele sinais de abatimento.

— Que diabo você tem, capitão?

— Nada, respondeu o moço.

— Recebeu ontem cartas do Rio de Janeiro?

— Uma: de minha mãe.

— Está boa?

— Com a saúde perfeita.

— Nesse caso...

O coronel parou e refletiu; depois continuou:

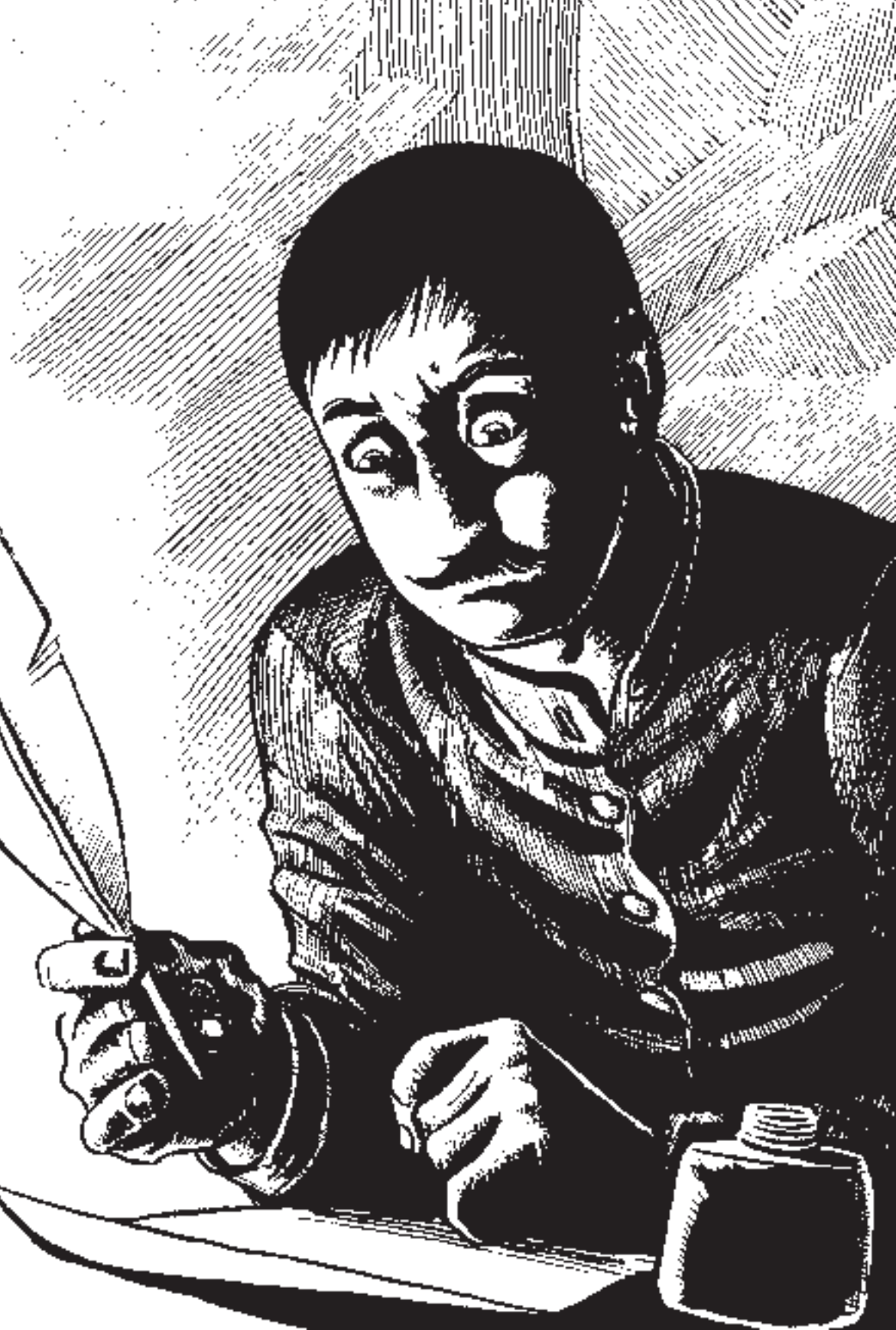
— Já sei o que é.

— O que é? Exclamou Jorge procurando sorrir.

— Há de acontecer, continuou o coronel; a coisa está a caminho, há de acontecer, não lhe digo mais nada.

E bateu em seu ombro, com um gesto que tanto podia dizer: “sossegue, capitão”, como: “parabéns, senhor major”. Jorge enten-

³⁰ No texto original, a expressão usada foi “nem ele achava pessoa com quem partisse o pão da saudade”.



deu esse trocadilho, e apertou as mãos do coronel, agradecendo a ele, não o posto que ele havia anunciado, mas a afeição que lhe tinha. O coronel encarou-o com olhar paternal durante alguns minutos.

— Subir! Não sonham com outra coisa, rosnava ele consigo.

E saiu.

Jorge ficou só, acendeu um cigarro, que não pôde fumar até o fim. Depois sentou-se, desabotoou a farda, tirou uma carta, abriu e releu algumas linhas do fim. A carta era de Luís Garcia. Dava-lhe notícias de sua mãe, que, por motivos de doença, havia ido para Minas, e encerrava com estas palavras assombrosas:

“... Resta-me dizer-lhe, se em alguma coisa lhe pode interessar minha vida, que sábado passado casei-me pela segunda vez. Minha mulher é a filha do Sr. Antunes. Sua mãe foi nossa madrinha.”

Com os olhos parados nessas poucas linhas, Jorge parecia indiferente a tudo mais. O papel, recebido na véspera, estava amarrotado, como se tivesse passado pelas mãos durante um ano. Olhava, relia e não podia entender; quando chegava a entender, não podia acreditar. O casamento de Estela era a seu ver um absurdo; mas após o tempo de dúvida, a realidade tomava conta dele. A razão mostrava a ele que tal notícia devia ser verdade. No fim de dois dias, ele tinha compreendido alguma coisa do silêncio de sua mãe: o motivo era, sem dúvida, o mesmo que a havia levado a mandá-lo ao Paraguai. Nunca havia lhe falado de Estela, nem do casamento de Luís Garcia, silêncio premeditado para extinguir completamente em seu coração os últimos gemidos de um amor sem resposta.

Jorge sentiu então um fenômeno próprio de tais crises, — um movimento de ódio a todo o gênero humano, desde sua mãe até o seu inimigo. Tornou-se descortês, violento, deliberadamente mau: esse efeito foi passageiro, ao qual seguiu-se de um abatimento profundo. Ferido daí a dias em Lomas Valentinas, retirou-se por alguns meses do exército, cujas operações só continuaram depois da metade do ano seguinte. Jorge participou das batalhas de Pirebebuy e Campo Grande, não na qualidade de capitão, mas na de major, cuja patente lhe foi concedida depois de Lomas Valentinas. No fim do ano estava tenente-coronel, comandava um batalhão, e recebia os abraços de seu antigo comandante, contente de o ver transformado em herói.

Um acontecimento inesperado e desastroso veio ainda golpeá-lo cruelmente, logo depois de março de 1870, quando, acabada a

Iaiá Garcia

guerra, estava ele em Assunção. Valéria havia falecido. Luís Garcia lhe deu essa triste notícia, que ele antes de ler já tinha adivinhado, porque as últimas cartas já lhe faziam pressentir a notícia triste. Jorge adorava a mãe. Se tinha vindo para a guerra a contragosto, é certo que ela o enchia de honras, e que ele queria colocar no colo de Valéria. O destino decidiu diferentemente, como se quisesse contrariar cada um de seus favores fazendo seu coração sangrar.

No fim de outubro voltou ao Rio de Janeiro. Tinham passado quatro anos distante. Assim que entrava na barra e descortinava a cidade natal, Jorge comparava os tempos, as angústias e as esperanças da partida com a glória e a tristeza do regresso. Não se sentia feliz nem infeliz, mas nesse estado intermediário, que é a condição vulgar da vida humana. Comparava-se ao mar daquela manhã, nem bravo nem quieto, mas levemente ondulado e crespo, tão prestes a adormecer totalmente, como a crescer e arremessar-se na praia. Que novidades poderiam vir ao seu encontro³¹? Jorge não tentou adivinhar. Trazia os olhos no passado e no presente, deixou para o tempo os casos de futuro.

³¹ No texto original, a frase é “Que aragem sonolenta ou que tufão destruidor, viria roçar por ele a asa invisível?”.

Capítulo VI

Antes de irmos direito ao centro da questão, vejamos quais fatos levaram ao casamento de Estela.

Poucos poderiam supor, nos fins de 1866, que a guerra se desenvolveria ainda por cerca de quatro anos. O cálculo do general Mitre, relativo aos três meses de Buenos Aires a Assunção, já tinha caído, certamente, no abismo das ilusões históricas. Proclamações são loterias; a sorte faz com que elas sejam sublimes ou vãs. A do general argentino, que era já uma afirmação errada, exprimiu, contudo, no seu tempo, a convicção dos três povos. Do primeiro combate com o inimigo, viu-se que a batalha seria difícil e longa; a ilusão se desfez; ficou a realidade, que nem por isso encaramos com rosto aflito. Além do mais, era difícil prever, em outubro de 1866, que a guerra chegasse até março de 1870. Supunha-se que um esforço muito grande bastaria a reparar Curupaity, a derrubar Humaitá, a vencer o ditador, não nos três meses do general Mitre, mas em muito menos tempo do que viria a ser na realidade.

Assim, não admira que Valéria receasse a cada instante a terminação da guerra e a imediata volta do filho. Se tal coisa acontecesse, ela teria dado um golpe inútil, e o fogo podia renascer das cinzas mal apagadas. Valéria preferia as soluções radicais. Uma vez que o filho tinha partido, viu a necessidade de aniquilar as últimas esperanças, e o mais seguro meio era casar Estela. Assim agindo, satisfaria também a afeição que tinha à moça, afeição que nunca havia diminuído. Sabia que entre Estela e o pai havia contrastes morais de difícil conciliação. Cada um deles falava língua diferente, não podiam se entender nunca, sobretudo (dizia ela consigo), na escolha de um noivo.

Dois meses depois do embarque de Jorge, Valéria mandou chamar o Sr. Antunes a Santa Teresa, onde tinha uma casa de verão. O recado foi escrito, circunstância que lhe deu certa solenidade. A viúva nunca havia escrito para ele até então. O Sr. Antunes leu e releu o bilhete, mostrou-o duas ou três vezes à filha, esteve tentado de mostrá-lo ao vizinho fronteiro. Enquanto se vestia, colocou-o sobre a mesa, olhando para ele de vez ou outra, pensando em tudo o que iria falar, medindo as palavras, lapidando-as. Depois de se vestir, guardou o bilhete cuidadosamente na bolsa. Na rua, **livrou-se** de alguém que o importunava dizendo enfaticamente aonde ia. Quanto ao motivo do recado, não sabia qual era, nem teve muito

Iaiá Garcia

tempo para isso. Pensou, entretanto, e supôs que se tratava de algum serviço que ela lhe ia encomendar.

Era serviço, e não lhe pedia a viúva; ela prestava o serviço, e não se demorou muito em dizer isso. Ao final de dez palavras, pediu-lhe licença para dotar Estela.

— Não queria fazer isso, sem o seu consentimento, concluiu ela; por isso mandei chamar o senhor.

Do mais fundo a que um homem possa ir, a natureza pode fazê-lo vencer, ainda que por um só minuto.

O pai de Estela teve esse minuto. Imóvel e sem fala a princípio; depois, ainda sem fala, mas não já imóvel, o Sr. Antunes revelou em seu rosto, aliás vulgar, uma comoção séria e digna. A dignidade, porém, se foi com o silêncio. Quando ele abriu a boca para agradecer a prova de afeição que a viúva lhe dava à filha, a alma retomou o trejeito habitual. Valéria cortou seu discurso com uma arte tão superior, que o pai de Estela sentiu mais do que compreendeu. A viúva tinha a verdadeira generosidade, que consiste menos em prestar o favor do que em negá-lo; disse-lhe que, casando Estela, cumpria um desejo do desembargador, e sem esperar pelo elogio que o Sr. Antunes provavelmente ia recitar, fez uma longa e afetuosa lista das qualidades da moça.

— É muito boa filha, concluiu a viúva; tem qualidade digna de todo o carinho, e, além do mais, sou amiga dela.

— Isso, minha senhora, é a maior fortuna que ela poderia ter. Quanto a ser boa filha, não é por vaidade que o digo, mas creio que a senhora tem razão. É igual à mãe, que era uma santa alma.

— Estela não é menos que isso. E bonita! Enfim pode vir amar alguém, não lhe parece?

— Pode, pode, assentiu o Sr. Antunes. Que eu, verdadeiramente, não sei se ela já não amará. É tão calada!

Ultimamente parece andar triste...

— Triste?

— Distraída... assim, como alguém que não tem o pensamento sossegado. Não sei se aquilo é paixão, ou doença.

Doença não creio que seja, porque ela é forte e tem boa aparência. Coitadinha! Mas sempre alegre... isto é, alegre não... quero dizer, não anda sempre triste... ou por outra...

Valéria sorriu mentalmente daquela confusão que o Sr. Antunes fazia, e que atribuiu ao alvoroço que naturalmente a notícia do casamento lhe havia causado; interrompendo-o dizendo que fosse contar à filha.

Estela ouviu daí a meia hora a notícia da generosidade da viúva, que o pai se apressou a lhe contar e, contra a expectativa dele, ouviu a notícia calada e séria. Não achando a explosão de alegria que esperava, o Sr. Antunes abanou desanimado a cabeça.

— Não te entendo, filha! Replicou ele. Você tem que me dizer o que é que quer ser neste mundo. Não é rica, nem menos que rica; não tem a menor esperança no futuro. Eu não posso deixar nada para você, porque nada tenho. Há uma senhora, que gosta de ti, que te faz um benefício, e você recebes isto como se fosse uma ofensa.

A observação trouxe a filha para a realidade.

— Papai sabe que não sou de muito riso, disse ela; pode ficar certo de que a notícia me alegrou muito.

Não alegrou nada. A fatalidade de sua posição nunca foi tão pesada para ela. Depois do episódio da Tijuca, aquele favor parecia uma espécie de perdas e danos que a mãe de Jorge liberalmente lhe pagava, uma água virtuosa que lhe lavaria os lábios dos beijos que ela fazia de tudo para esquecer, como lady Macbeth a sua mancha de sangue. Out, damned spot!³² Este era o seu conceito; esta era também a sua mágoa. A superioridade de seu comportamento desde aquela manhã de algum modo havia levantado seu orgulho, que o ato inconsiderado de Jorge havia por um instante humilhado.

Mas a ação da viúva, por mais espontânea que fosse, tinha aos olhos da moça a **consequência** de ver que o benefício vinha da mesma origem da afronta. Estela não distinguia entre os bens da mãe e do filho. Tudo vinha da mesma bolsa; e dali é que lhe vinha o dote.

Ela entrou na casa da viúva com essa **ideia** opressiva na cabeça. A viúva a recebeu de forma que ela se sentiu melhor. Valéria a beijou, com um gesto mais maternal que protetor. Nem lhe deixou concluir a frase de agradecimento; cortou-a com uma carícia; depois lhe falou da beleza, das ocupações, de cem coisas alheias ao motivo que as reunia, fingimento generoso, que Estela compreendeu, porque também possuía o segredo dessas formas delicadas de agir.

Quinze ou vinte dias depois, Valéria interrogou diretamente Estela, e a resposta que obteve foi contrária a suas esperanças.

— Não amo ninguém, disse a moça; e provavelmente não amarei nunca.

— Por quê? Replicou vivamente a viúva.

³² Em tradução livre: “Fora, mancha desgraçada”.

Estela sorriu.

— Podia lhe dizer, respondeu ela, que não tenho coração...

— Seria mentir. Mas vais talvez dizer que não é difícil de achar um bom marido.

— Isso.

— Tens razão até certo ponto. De todas as aves raras a mais rara é um bom marido; mas o que é raro não é impossível. Acredito que descobrirei uma **jóia**. Se eu a encontrar, o que tu farás?

— Aceito, disse a moça depois de um instante.

— Assim, não; não quero que aceite isso sem vontade; tem que aceitar com amor... porque eu não acredito que não tenha coração; é coisa de moça bonita. Deixe-me ver, — continuou a viúva colocando sua mão no peito dela; — tem sim! Tem um coração que parece querer sair do peito. Estela, você está doente!

— Que **ideia**! Exclamou a moça rindo. Como, se eu vendo saúde! Não estou doente, estou comovida. Tratemos do noivo. Não me peça que o ame apaixonadamente, porque eu não nasci para isso. Minha natureza é fria. Mas um pouco de carinho, certo interesse...

— Exatamente: a semente do amor. O tempo se encarregará de fazer a árvore.

Durante três meses não tocaram no assunto. No fim desse tempo, tendo Valéria descido de Santa Teresa, Estela foi passar algumas semanas na Rua dos Inválidos. — Ainda nada? Perguntou a viúva logo que a viu. — Nada, foi a resposta. Dada a situação de uma e outra, não era fácil a Valéria encontrar para Estela o noivo desejado a menos que a própria noiva apontasse um, e essa era a mais improvável de todas as hipóteses.

Entretanto, a convivência fez renascer entre ambas alguns dos hábitos antigos. Valéria tornou a sentir a necessidade de ter Estela consigo, de conversar com ela, de depositar nela suas **ideias** e enxaquecas. Estela oferecia todas as vantagens de uma velha amiga, com a circunstância de ser moça, e ainda mais, a de ser bonita, qualidade apreciada pela viúva, que havia sido uma das belas mulheres de seu tempo. Nada impedia que elas restaurassem inteiramente a situação anterior, a não ser a memória do passado recente. Era isso que ainda estabelecia entre as duas aquela cautela, aquela separação, que o Sr. Antunes chegava a suspeitar às vezes, sem poder compreender nunca. Não falavam de Jorge, nem da guerra, nem de coisa que pudesse reviver a lembrança do passado.

Começado o verão de 1867, Valéria mudou-se para Santa

Teresa, onde Estela foi algumas vezes. Numa dessas vezes encontrou ali a filha de Luís Garcia, que já estava com quase treze anos, e concluía os estudos do colégio. Houve um instante de hesitação entre as duas; laiá, que era ainda a mesma criatura travessa e alegre, sentiu-se tímida diante da seriedade de Estela, mas esse instante foi curto e a afeição imediata. Assim que acabou o verão, a viúva resolveu não descer à Rua dos Inválidos; e, com o pretexto ou motivo de que em Santa Teresa ficava mais só, conseguiu que Estela fosse lá ficar com ela por algum tempo. Estela subiu em março.

Iaiá já fazia parte da intimidade da casa, graças a um pouco de esforço próprio do que a sua personalidade. A espreteza da menina era a sua maior qualidade, e graças aos dois olhos que Deus lhe deu, foi que ela viu depressa o que era menos agradável, para evitar, e o que era mais, para fazer. Essa qualidade lhe ensinava a dinâmica da vida, quando outras meninas ainda não passam do abecedário, onde ficam muitas vezes. Assim que conseguiu a chave do caráter de Valéria, Iaiá abriu a porta sem grande esforço.

Iaiá quase todos os domingos, às tardes, e algumas vezes de manhã, mesmo com as reclamações do pai, que dizia que os domingos eram os dias de ouro, e só eram se fosse exclusivamente para ele. Luís Garcia cedeu, não por causa da viúva, mas para satisfazer a filha, que parecia ter prazer em frequentar a casa. — Ainda é criança, pensou ele; é importante fazer suas vontades. Quando Iaiá jantava na casa de Valéria, Luís Garcia, ou também jantava, ou ia buscá-la à noite, e saía de lá depois de uma hora de conversa. A presença de Estela agradava ainda mais à mocinha, e dentro de pouco tempo, a afeição de Estela era o que mais lhe ocupava o coração. A lei dos opostos tinha ligado essas duas criaturas, porque tão petulante e juvenil era a filha de Luís Garcia, como séria e serena a filha do Sr. Antunes. Uma ia para o futuro, enquanto a outra vinha já do passado; e se Estela tinha necessidade de alegrar a seu humor com um raio da adolescência da outra, Iaiá sentia instintivamente que havia em Estela alguma coisa que precisava ser sarada ou consolada.

Um dia, Iaiá encontrou Estela ao pé de uma mesa, com um álbum de retratos aberto diante de si. A moça estava tão distraída, que só notou a presença de Iaiá, quando ela parou do outro lado da mesa, e inclinou os olhos para o álbum. Estela teve um pequeno susto, mas se controlou logo.

— Seu pai parece ter um bom coração, disse ela.

— Não é verdade? Retorquiu a menina com entusiasmo.



Efetivamente, uma das páginas do álbum continha o retrato de Luís Garcia; mas na outra página estava o retrato de Jorge, um dos três ou quatro que a viúva possuía na coleção. Iaiá, que adorava o pai, achou que a observação de Estela era a mais natural do mundo, e não olhou sequer para a outra fotografia. Estela fechou depressa o álbum com a mão trêmula, e mal pôde sorrir quando Iaiá insistia em tocar no mesmo assunto. Tinha o peito ofegante e o olhar vago, remoto, esvaído nas batalhas do Sul. Seu coração batia violentamente. Mas essa comoção não durou mais de três a quatro minutos.

— A senhora podia se casar com papai, disse a menina depois de olhar algum tempo para ela.

Estela novamente tomou um susto, mas dessa vez era só espanto. Como se Iaiá a abraçasse pela cintura, ela inclinou o rosto sobre o rosto da menina, e perguntou sorrindo:

— Você tem muita vontade de ser minha enteada?

— Tenho.

Estela abanou a cabeça, com um gesto, não de negativa, mas de descrença. Já conhecia alguma coisa do caráter de Luís Garcia; rigorosamente era um esposo aceitável. Via nele um homem de afeições tranquilas, medíocres, mas sinceras. Via como alguém respeitoso sem abatimento, educado sem exagero, falando pouco, mas com alguma ideia, em todo o caso com muita oportunidade, vivendo enfim para si e para a filha. De tudo o que tinha percebido concluía que o equilíbrio era a lei moral desse homem, e que não esperava mesmo muito da vida³³, a não ser um pouco de tranquilidade. Que importa? A vida conjugal é tão somente uma crônica; basta ter fidelidade e algum estilo. Mesmo que houvesse algumas semelhanças entre ambos, havia também diferenças, mas Estela podia apostar no tempo, que ajusta as diferenças. E, ainda que, se o marido era aceitável, não lhe parecia que fosse possível. A seriedade exterior parecia o rodear de uma atmosfera impenetrável.

Iaiá não insistiu; mas dois ou três domingos depois, estando todos na chácara, interrompeu a conversa geral para perguntar a Estela se tinha alguma afeição por ela.

— Já disse que sim, respondeu Estela.

— Mas gosta muito de mim?

³³ No texto original a frase é “e que à taça da vida não pedia mais do que alguns goles, poucos”.

Iaiá Garcia

— Muito, repetiu Estela prolongando a primeira sílaba.

— Por que não vem morar comigo?

Todos riram; Estela beijou sua testa. Ficando a sós, a viúva e Estela jogaram uma partida de cartas, mas jogaram sem dar atenção; depois tomaram chá, mas sem sentir apetite; finalmente dormiram, mas sem sentir sono. Talvez a mesma **ideia** preocupava as duas. No dia seguinte, Estela perguntou sorrindo à viúva:

— Se eu disser que já escolhi um marido?

— Quem?

— O Luís Garcia.

Valéria apertou as mãos dela.

— Excelente homem, disse ela; marido digno e capaz. Conheço-o há muitos anos; nunca desmereceu nosso respeito. E... vocês se amam?

— Isso agora é mais complicado, replicou Estela; não posso dizer que o amo; mas, desejaria ser sua mulher.

Talvez ele não deseje ser meu marido, e é por isso mesmo que estou consultando a senhora e lhe peço que me diga, já que aprova a escolha, se posso esperar algo dele e se devo...

— Não deves fazer nada; deixe tudo comigo.

Valéria não escondeu sua alegria. Nunca tinha passado pela sua cabeça a **ideia** de casar os dois; Iaiá fez a **ideia** nascer, Estela a abriu como uma flor; só faltava o fruto, e era justamente a parte difícil, porque o caráter de Luís Garcia mostrava-se completamente avesso ao desejo de casar pela segunda vez. Mas Valéria não se desanimou. Não se pode dizer que ele seja o noivo ideal de todas as noivas, pensava ela; não tem a expansão nem o jeito da juventude; mas deve ser um excelente marido. Luís Garcia tinha agora melhor posição. Conseguiu uma promoção no emprego, e mediante isso, e alguns trabalhos extras que lhe eram solicitados, pôde ficar inteiramente protegido das dificuldades da vida.

Garantiu o futuro da filha e restaurou as estruturas da casa, não por si, mas com a intenção de ser mais agradável a Iaiá.

Estela, entretanto, tinha uma condição.

— Não desejo parecer que me ofereço, disse ela; seria deslegante para um e para outro, e não seria a realidade.

— Que você se oferece, não; mas quem me pode impedir de ter notado que você o ama? Disse a viúva maliciosamente.

— Ou que o admiro, completou Estela. Para um bom casamento não é preciso mais que isso.

Luís Garcia ficou muito surpreso quando Valéria depois de al-

guns dias lhe perguntou se não tinha vontade de casar pela segunda vez. Sorriu e ergueu os ombros; mas, insistindo a viúva, respondeu que a **ideia** de casar era já ultrapassada para ele.

— Não diga isso, tornou Valéria. Iaiá já é quase moça, vai deixar o colégio. O senhor vive só, e tendo que fazer companhia à sua filha, é melhor que lhe dê uma madrastra.

Luís Garcia abanou decididamente a cabeça.

— Não tenho vocação para o casamento, disse ele depois de uma pausa; minha verdadeira vocação é o celibato.

— Foi por isso que ficou viúvo?

— Casei-me uma vez, é verdade, mas não foi por amor; além de que, eu era jovem.

— Quando teimo em alguma coisa, é difícil que não consiga, disse a viúva depois de alguns instantes. Há duas pessoas de quem gosto muito, ela e o senhor, ambas merecedoras uma da outra; e eu entendi que devia casar as duas, e vou casá-las. Por que está sorrindo com esse ar incrédulo?

Como Luís Garcia não respondeu e continuou sorrindo, Valéria levantou-se e foi até a varanda; de onde se olhava para a chácara; depois voltou para dentro:

— Venha ver sua noiva, disse ela.

Luís Garcia foi até a varanda; a viúva apontou para Estela e Iaiá.

Na chácara havia um canteiro circular, plantado de grama, no centro do qual jorrava a água de um poço. A borda dele era coberta de plantas, cujas folhas largas, riscadas umas de vermelho, outras de branco, interrompiam a monotonia da relva. Estela colheu algumas dessas folhas, juntou os talos formando um cacho, a pedido de Iaiá. Quando Luís Garcia chegou à janela, a moça tinha terminado o difícil trabalho. Uma vez pronto, Iaiá que olhava para ela, infantilmente ansiosa, inclinou a cabeça, e Estela vestiu-a com a grinalda rústica; depois recuou alguns passos, aproximou-se outra vez, ajustou-a melhor. As folhas caíam por sobre os ombros irregularmente, ou erguiam-se sobre a cabeça, e o todo daria **ideia** de uma coroa. Estela olhou a menina alguns instantes; inclinou-se para ela e a beijou repetidas vezes. Iaiá quis pagar a ela o trabalho e a carícia devolvendo para ela a grinalda, e colocando na cabeça de Estela. Estela recusou, mas como a menina insistiu, batendo impacientemente o pé, cedeu ao desejo infantil. Inclinou-se; Iaiá, que havia subido em um banco, colocou em sua cabeça, como a outra tinha feito, e, satisfeita a sua vontade, pulou do banco para chão.

Iaiá Garcia

Nesse momento, como Valéria falava a Luís Garcia, não viram que a menina, pulando precipitadamente e mal, caiu na areia; só perceberam o desastre ouvindo um pequeno grito angustioso de Estela. A moça havia corrido até a menina para ajudá-la a levantar. A queda foi pequena; Iaiá procurava sorrir, mas um seixo que havia no chão, e sobre o qual tinha caído com o rosto, havia feito um leve machucado na face.

— Não foi nada, dizia ela.

— Nada! Você se feriu... Ora, que nada! Meu pai é quem diria isso... Deixa assim.

Estela levou a menina pela mão até a fonte; molhou o lenço na água; limpou o sangue do rosto, inclinada sobre ela, que sorria voluntariamente. Nesse momento, Luís Garcia, que havia descido logo, chegou ao grupo das duas.

— Não foi nada, papai, disse Iaiá percebendo no rosto do pai o motivo que o trazia ali; fui pular do banco e caí. Foi bem feito; é para eu não ser travessa.

Luís Garcia estendeu a mão direita sobre a cabeça da filha e lhe examinou a ferida, que era pouco mais de nada. Tranquilizou-se e a repreendeu levemente. Estela, que havia interrompido os cuidados, concluiu dizendo que o caso era de pouca seriedade, mas podia ter sido mais grave. Luís Garcia agradeceu o cuidado e o favor.

— Além do mais, a culpada fui eu, disse Estela, e sem desculpa, porque não sou criança. Vamos? Continuou ela pegando na mão da menina.

— Então? Perguntou a viúva a Luís Garcia logo que este voltou par junto dela.

— Não quero falar disso, ou me faça um milagre, disse ele secamente.

Apesar da comoção que lhe ficou da atitude afetuosa de Estela, em relação a Iaiá, Luís Garcia riu no dia seguinte, ao lembrar a proposta de casamento. Quando voltou lá, não ouviu mais falar em tal assunto, nem Estela lhe deu a entender a menor pretensão. Pareceu-lhe que Valéria havia consultado apenas o seu desejo particular.

Vendo a moça de perto, Luís Garcia havia já observado duas coisas: primeiro, o discrição com que ela agia, sem se aproveitar da intimidade de Valéria, nem cair na prática da bajulação; depois um ar de tristeza, que era a seu jeito habitual. Concluiu que Estela devia sofrer ou ter sofrido alguma vez. Apreciou, além disso, algumas de suas qualidades morais. Viu que eram verdadeiras, mas

julgando-as também antiquadas, como as formas do rosto ou como a flor do campo; com uma diferença, dizia ele, — que há um tempo para que as formas percam o frescor primitivo, e a flor exale o seu último cheiro, — ao passo que a natureza social tem a decadência antecipada, e um princípio de corrupção, que destrói rapidamente toda forma de beleza da juventude³⁴.

Estela não havia desistido da **ideia** e pensava em uma forma de chegar à execução, apesar da confiança da viúva, que lhe dizia: — Calma; a rede está lançada. Era justamente essa **ideia** de rede, que causava desgosto ao jeito direto e simples de Estela. Entretanto, cada dia que passava vinha confirmar a eleição da moça.

O resto foi obra de Iaiá, obra dividida em duas partes, uma voluntária, outra inconsciente. Voluntária, porque a menina também, no silêncio articulador de seu cérebro, havia elaborado o plano de os unir, e havia dito isso mais de uma vez a um e a outro. Inconsciente, porque o amor que a ligava a Estela, foi a mais poderosa força que modificou o pai. Era uma afeição intensa entre essas duas criaturas; ao passo que Iaiá dava a Estela uma porção de ternura de filha, Estela achava no amor da menina uma antecipação dos prazeres de ser mãe. Luís Garcia testemunhou esse sentimento recíproco e, por assim dizer, fatal. Se Iaiá devia ter madrasta, onde acharia uma mais completa? Discreta, moderada, superior a seus anos, Estela tinha as condições necessárias para esse delicado papel. A primeira insinuação da viúva foi a causa principal; mas o tempo, a convivência, a afeição das duas, a necessidade de dar uma segunda mãe à menina, e antes verdadeira que interesseira, finalmente, a certeza de que Estela não era contra a solução, tais foram os primeiros elementos da decisão de Luís Garcia.

Faltava só o milagre, e o milagre veio. Iaiá adoeceu um dia na casa de Valéria, e a doença, mesmo que não fosse grave nem demorada, deu chance para que Estela manifestasse de modo convicto toda a ternura de seu coração. Luís Garcia foi testemunha da dedicação silenciosa e contínua com que Estela tratou da doente. Esse último fato o desarmou totalmente. Entre eles, o casamento não era a mesma coisa que costuma ser para os outros; nada tinha das alegrias que não se podem descrever ou das ilusões juvenis. Era um ato simples e sério. E foi o que Estela lhe disse, no dia em que trocaram as primeiras promessas.

³⁴ No texto original, a frase é “que destrói em breve termo todas as florescências do primeiro sol”. Perceba o alto valor poético dessa passagem.

Iaiá Garcia

— Creio que nenhuma paixão nos cega, e se estamos casando é por nos julgarmos conscientemente dignos um do outro.

— Uma paixão de sua parte, em relação à minha pessoa, não seria verdadeira, confessou Luís Garcia; não acredito que haja isso. Por minha parte, não seria também verdadeiro um sentimento dessa natureza, não porque a senhora não o pudesse inspirar, mas porque eu já não poderia tê-lo.

— Melhor assim, concluiu Estela; estamos na mesma situação e vamos começar uma viagem com os olhos abertos e o coração **tranquilo**. Parece que em geral os casamentos começam pelo amor e acabam pelo respeito; nós começamos pelo respeito; é muito mais seguro.

O casamento foi aprovado pelo Sr. Antunes, da mesma forma com que um réu declarasse sua a própria execução. Não somente iam embora suas esperanças muito menos modestas, como lhe causava repugnância o caráter do genro. Não permitiu sem que hesitasse ou lutasse; hesitação perante a viúva, luta em relação à filha; mas cedeu, porque ele havia nascido para não resistir. Habilidoso, no entanto, em tirar algum lucro dos males inevitáveis, uma vez que percebeu que recusar não adiantaria, aceitou o acordo, não somente com aparência cordial, mas ainda entusiasmada.

— O dote apaga seu brilho, gemia ele filosoficamente.

A viúva serviu de madrinha para Estela. Sua alegria era sincera, e tanto ou quanto desinteressada. Quase já não lembrava do perigo que, dois anos antes, lhe atordoara o espírito. As cartas de Jorge eram tão livres de qualquer opressão, tão exclusivamente militares! Além disso, a consciência ficava satisfeita de um desfecho que, de certo modo, compensava a perda, se alguma perda havia causado a Estela. Finalmente, a satisfação com que a viu aceitar o casamento, aliás sugerido por ela própria, e a felicidade de que foi testemunha durante os primeiros tempos, deram-lhe a convicção de que a moça estava já inteiramente sem culpa, em relação ao filho. Quanto à paixão dele, tinha fé que o tempo seria o remédio.

Capítulo VII

Três meses depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, Jorge tinha liquidado todos os negócios de família. O que herdou podia dispensá-lo de advogar ou de seguir qualquer outra profissão, uma vez que não fosse ambicioso e fizesse uso criterioso de suas rendas. Tinha as qualidades necessárias para isso, umas naturais, outras obtidas com o tempo. Os quatro anos de guerra, de mãos dadas com os sucessos imediatamente anteriores, fizeram com que ele perdesse certas preocupações que eram, em 1866, as únicas de seu espírito. A vida livremente aproveitada, o desperdício elegante, todas as seduções da juventude, eram inteiramente passadas.

O espetáculo da guerra, que geralmente constrói o orgulho, produziu em Jorge uma ação contrária, porque ele viu, ao lado da glória justa de seu país, o conflito das coisas humanas que não tem remédio. Pela primeira vez meditou; admirou-se de achar em si uma fonte de **ideias** e sensações, que nunca havia tido em outros tempos. Contudo, não se pode dizer que era filósofo. Era um homem, apenas, cuja consciência reta e transparente havia sobrevivido às preocupações da dos primeiros momentos, cujo espírito, temperado pela vida intensa de uma longa batalha, começava a aprofundar um pouco as reflexões.

Querendo criar um plano de vida nova, renegou a princípio todos os hábitos anteriores, dispostos a dar à sociedade apenas a correta educação polida. Primeiramente teve a **ideia** de se estabelecer em algum lugar silencioso e escondido no interior; mas logo desistiu, devido à necessidade de ficar à disposição de uma viagem transatlântica, **ideia** que nunca executou.

Os primeiros três meses passaram depressa; foram empregados em resolver as coisas por fazer. A viúva havia deixado poucas coisas para acertar. Uma delas nos interessa, porque diz respeito a Iaiá Garcia. A viúva beneficiava assim, indiretamente, o marido de Estela. Jorge aprovou cordialmente o ato de sua mãe. Aprovou também o dote de Estela, mas o sentimento da vergonha que sentiu, logo que teve notícia dele, honrava a delicadeza de seu coração.

Luís Garcia logo foi visitar o filho de Valéria. O encontro desses dois homens, que o destino colocou em tão delicada situação, foi amigável, mas não expansiva. Jorge não achou Luís Garcia mais velho; era o mesmo. Não o achou também menos discreto que antes. A conversa, no começo não foi além dos fatos gerais; falaram da

Iaiá Garcia

guerra e das vitórias. Jorge contou alguns episódios, que o outro ouviu com interesse; e, como parecesse esquecer seus próprios feitos:

— Vejo que é modesto, observou Luís Garcia; ainda bem que lemos os jornais e as notícias oficiais.

— Fiz o que pude, respondeu Jorge; era preciso vencer ou ser vencido. E o restante das pessoas? Continuou ele para desviar o assunto.

— Cada qual segue o seu destino. Meu sogro creio que já o visitou...

— Já.

— A propósito, deixe-me agradecer os favores que devo a sua mãe...

Jorge quis interrompê-lo com o gesto.

— Perdão; é meu dever, continuou Luís Garcia com seriedade. A Sra. D. Valéria quis mostrar ainda no último momento a simpatia que sempre teve por mim. Fez isso duas vezes, além de outras. Primeiramente, resolveu me afazer casar outra vez, coisa que estava longe de minhas intenções. Foi ela a culpada dessa transformação em minha vida, mas foi em boa hora, porque não me podia fazer maior favor. Preparou tudo, escondendo até a última hora a prova de ternura que minha mulher havia dado desde alguns meses antes; Deu o dote a ela, como deve saber...

Jorge fez um gesto afirmativo.

— Achou que não era bastante e deixou um legado para a minha filha, que será o seu dote... Gostava muito dela. Não podendo agradecer esse favor, permita que agradeça ao...

— Desta vez você me obedecerá, interrompeu Jorge com brandura; falemos de outra coisa.

— Sim; falemos de minha mulher. Saiba que fez valer dignamente o esforço de sua mãe; e mais uma vez me fez compreender o benefício do casamento. Logo depois de casado, me propôs aceitar, em favor de minha filha, a parte com que a Sra. D. Valéria lhe manifestara sua afeição. Gostei de ouvir isso, porque era sinal de desinteresse, mas recusei, e recusei sem efeito. Aceitei, enfim; e não podia ser de outro modo. Estou lhe dizendo essas coisas porque são raras...

Jorge fechou o rosto ao ouvir essas palavras de Luís Garcia. Tinha adivinhado a causa do desinteresse de Estela. — Orgulho eterno! Pensou ele. Depois refletiu sobre caso e perguntou a si mesmo se a moça teria contado ao marido alguma coisa do que

havia acontecido entre eles. Era difícil saber, mas não era certeza. Nenhuma mulher diria, Estela principalmente. Interrogou o rosto de Luís Garcia; achou-o natural e imóvel. Após alguns segundos de silêncio, estendeu-lhe a mão.

— Permite-me então que lhe dê os parabéns? Disse ele.

— De coração, respondeu Luís Garcia. E depois de se levantar: — Se eu tivesse a mania de dar conselhos, diria que se casasse.

— Pode ser.

— Não lhe pergunto por aquela paixão; acredito que a esqueceu por completo.

— Totalmente.

Luís Garcia apertou a mão de Jorge cordialmente e saiu, depois de lhe oferecer sua casa para visita. Jorge ficou pensativo por alguns instantes. A notícia do dote de Estela havia causado certo embaraço; a notícia da doação feita pela moça em favor da enteada, produzia nele agora um sentimento misturado de admiração e despeito. Ele sentia arder no mais fundo do coração da moça uma ponta de ódio, e em seu próprio coração não podia deixar de aprovar o ato.

Sendo obrigado a visitar Luís Garcia, Jorge demorou a fazer isso enquanto lhe foi possível. Um dia, enfim, sabendo por intermédio do Sr. Antunes que a família não estava em casa, foi a Santa Teresa e deixou lá um bilhete de visita.

A vida de Jorge ficou então dividida entre o estudo e a sociedade, à qual era destinada somente uma parte mínima. Estudava muito e projetava ainda mais. Planejou várias obras durante algumas semanas. A primeira foi uma história da guerra, que deixou de lado, desde que encarou de frente o monte de documentos que teria de pesquisar, e as várias informações que seria obrigado a reunir. Vieram depois um livro sobre questões jurídicas e logo duas biografias de generais. Tão depressa escrevia o título da obra como a deixava de lado. Seu espírito sofredor colhia só o princípio da **ideia**, aliás apenas por pouco tempo. Uma vez, uma só vez, lembrou-se de escrever um romance, que era nada menos que sobre si mesmo; mas esse gênero de escritos pessoais só é suportável quando o escritor tem um grande talento. Depois de algumas páginas, reconheceu que a tarefa não correspondia à habilidade, é que não saía das bobagens e dos fatos engraçados. Faltava a ele o engenho necessário para extrair a lei universal e humana daquilo que é particular e importante; e a facilidade com que reconheceu isso superava todos seus méritos.

Quando estava mais disposto a escrever uma autobiografia, pensou em andar pela casa da Tijuca, a mesma aonde havia ido uma vez com sua mãe e Estela, ponto de partida dos fatos que transformaram sua existência. Quis vê-la novamente; talvez ali achasse uma fonte de inspiração. Foi; encontrou tudo quase no mesmo estado. Entrou curioso e **tranquilo**. Pouco a pouco sentiu que o passado começava a reviver; e a ressurreição foi completa, quando penetrou na varanda, em que da primeira vez havia achado o casal de pombos, solitário e esquecido. As pobres aves já não estavam lá! Tinham voado ou morrido, como as esperanças dele, e tão discretamente que não revelaram o desastrado episódio a ninguém. Mas as paredes eram as mesmas; o parapeito e o ladrilho do chão eram os mesmos. Mudam os homens, a vida muda seus aspectos; há, porém, nas coisas mortas a virtude de permanecerem da mesma forma; e a rua insignificante, o prédio velho, o muro arranhado cativam os olhos da memória, reconstruindo a sensação que se foi.

Jorge encostou-se no parapeito, onde Estela havia estado, com os pombos ao colo, diante dele, naquela manhã fatal. O que sentia nesse outro tempo, mesmo que fosse o princípio do amor, tinha ainda um pouco de força juvenil. Contudo, a vista das paredes nuas e frias da varanda abria em sua alma a fonte das sensações sérias, e ele tornou a ver os olhos apaixonantes e o rosto pálido da moça; pareceu até escutar o som da voz. Viu também a sua própria violência; e, mesmo que tenha sofrido tantas mudanças, ainda trazia a consciência íntegra, a recordação fez com que ele estremecesse e ficasse abatido. Jorge apoiou os braços no parapeito e apoiou a cabeça nas mãos.

— Olá, senhor dorminhoco! Está na hora de almoçar.

Jorge ergueu rapidamente a cabeça e olhou para a chácara, de onde pareceu que havia saído a voz. Na chácara, a vinte passos de distância, estava um homem, que sorria para ele, com as mãos nas costas, segurando uma bengala grossa. Jorge sentiu um calafrio, como se houvessem descoberto o segredo do passado. Só depois que a primeira sensação passou, aliás curta, respondeu sorrindo:

— Não estou dormindo; estou pensando nos aluguéis.

— Vai se mudar pra cá?

— Não.

— A casa é sua?

— É. Suba aqui.

O homem subiu os seis degraus da escada de tijolo e entrou na varanda, onde Jorge havia assumido exclusivamente o papel de proprietário, olhando atentamente para as paredes do edifício.

— Que faz por aqui, Sr. Procópio Dias, às dez horas da manhã? Disse Jorge logo que o outro apareceu.

— Passei a noite na Tijuca; soube que esta casa tinha ficado vazia, vim vê-la; não sabia que era sua. Está um pouco estragada.

— Muito.

— Muito?

— Parece.

Procópio Dias abanou a cabeça com um gesto de pena.

— Não é assim que um proprietário deve responder, disse ele. Meu interesse é achar que ela está arruinada; o seu é dizer que apenas precisa de algum conserto. A realidade é que a casa está entre a minha e a sua opinião. Olhe, se está disposto a concordar sempre com os inquilinos, é melhor vender todas as casas que possui. — Ou fica perdido...

Quer dizer que essa casa é sua? A aparência não é feia; há alguma coisa que pode ser consertada e ficará então excelente. Não é uma casa moderna; mas é sólida. Eu já a vi quase toda; descí à chácara, e estava a examiná-la, quando o senhor apareceu na varanda.

— Quer ficar com ela?

— Ingênuo! Respondeu Procópio Dias batendo alegremente em ombro. Se eu digo que ela não está muito estragada é porque não quero ficar com ela pra mim. É grande demais; e depois, fica muito longe da cidade. Se fosse mais para baixo...

— Mas no caso de haver por aí algum namoro? Ponderou Jorge sorrindo.

— Vamos falar de outra coisa, disse o outro piscando os olhos.

Os olhos de Procópio Dias eram cor de chumbo, com uma expressão refletida e sonsa. Tinha **cinquenta** anos esse homem, uns **cinquenta** anos ainda jovens e prósperos. Não era nem gordo nem magro e de média estatura, e não horrivelmente feio; o pouco de **feitura** que tinha, ele disfarçava, quanto podia, por meio de qualidades que havia adquirido com o tempo e com o trato social. Fazia às vezes um movimento que lhe descrevia na testa cinco linhas de expressão. Era uma das suas maneiras de rir. Além dessa particularidade, havia a forma do nariz, que representava um triângulo de lados iguais, ou quase: nariz a um tempo sarcástico e acusador. Além da expressão dos olhos, Procópio Dias tinha a particularidade de parecer simples,

sempre que lhe convinha; nessas ocasiões é que ria com a testa. Não usava barba; ele próprio a fazia com o maior cuidado. Dava para ver que era homem rico. As roupas, bem equilibradas no corte e nas cores, eram do melhor tecido e do acabamento mais perfeito. Naquela manhã, trazia um longo casaco abotoado até metade do peito, deixando mostrar meio palmo de camisa, infinitamente bordada. Entre o último botão do casaco e o único da gola, mostrava um brilho grande, ostensivo, escandaloso. Um dos dedos da mão esquerda era enfeitado com um maravilhoso anel. A bengala tinha o apoio de ouro trabalhado, com as iniciais dele por cima, — de forma gótica.

Jorge conheceu Procópio Dias no Paraguai, onde este fora negociar e triplicar os lucros, o que lhe permitiu colocar-se além das crises da economia. Estabeleceram relações, não íntimas, mas frequentes e agradáveis, e até certo ponto úteis a Procópio Dias, que obteve de Jorge mais de uma indicação. Mesmo com a frequência das relações, estavam longe de serem amigos; e isso, não por esforço de Procópio Dias, cujas maneiras simples assediaram por muito tempo a inexperiência de Jorge. O motivo de Procópio Dias acabou com a guerra, desde que com a guerra havia acabado também o interesse mercantil. Jorge não tinha nada contra ele; quando o havia conhecido, estava no período de tristeza.

— Ainda não respondeu à minha suspeita, disse Jorge dando o braço a Procópio Dias.

— O namoro?

— Sim.

— Nem sombras disso, meu caro! Ou antes... acho que vou entrar para um convento: é a minha última vontade.

Procópio Dias tinha duas crenças. Uma delas era o lucro. Mediante alguns anos de trabalho assíduo e atividades ilícitas encobertas, viu aumentar suas posses. Em 1864, por um instinto verdadeiramente miraculoso, pressentiu a crise e a falência dos bancos, e retirou a tempo o dinheiro que tinha em um deles. Vindo a guerra, lançou-se a todo tipo de coisas que pudessem multiplicar as rendas, coisa que efetivamente conseguiu no fim de 1869.

Se não fosse a segunda crença, é provável que Procópio Dias só passasse com a morte. Tendo chegado a uma posição sólida, aos cinquenta anos, encontrou-se diante de outra riqueza, não menor que aquela — o tempo —, essa dívida de juros infinitos, atrás da qual tantos correm em busca e que só a alcançam na sepultura. Ora, o segundo credo era o prazer. Para ele, a vida física era o destino da espécie humana. Nunca foi imoral; desde as primeiras fases da vida, reservou



para si a porção de diversão compatível com os meios da ocasião. Sua filosofia tinha dois pais: Lúculo e Salomão, — não o Lúculo general, nem o Salomão piedoso, mas só a parte sensual desses dois homens, porque o eterno feminino o dominava tanto quanto o eterno estômago. Entre os colegas de negócio foi sempre tido como um feliz vencedor de corações verdadeiros. E, diferentemente de outros, não colocava nisso a menor vaidade ou gloriola; preferia a cautela e a discrição, não por causa do pudor da sociedade, mas porque era mais cômodo. Nenhuma diva mundana teria jamais a coragem de dar em cima dele³⁵ na rua ou sorrir simplesmente para ele; era perda de tempo³⁶. Acreditava que ele era a perfeição da sensualidade.

Não conhecia Jorge nem a vida nem o caráter do outro. Procópio Dias tinha o pior mérito que pode caber a um homem sem moral: era insinuante, amigável, conversador; tinha certa esperteza e graça. Era bom parceiro de rapazes e senhoras. Para os primeiros, quando eles o pediam, tinha a piada grosseira e o estilo imoral; se eles não gostassem, usava de estratégias diferentes. Com senhoras era o mais paciente dos homens, o mais serviçal, o mais carinhoso — uma **joia**.

— Ninguém vê o senhor, dizia ele depois de duas horas, sentado à mesa de almoço de Jorge, na casa da Rua dos Inválidos. Não conheço os seus amigos de outro tempo, mas devo acreditar que todos censuram essa vida de **bicho do mato**. — Nos teatros... nunca vai aos teatros?

— Vamos hoje?

— Você é uma má influência! Disse Jorge sorrindo.

De noite foram ao teatro. Procópio Dias estava inspirado; a palestra, a cena, o próprio tempo, tudo conspirou para desfazer as sombras de tristeza que a manhã havia acumulado no rosto de Jorge. — Não se deixe apodrecer escondido, que é a sepultura mais fria de todas, dizia Procópio Dias, à mesa de um hotel, onde fora jantar. Jorge não comeu nada. Achava de mau gosto estar com ele, não quis aceitar o favor da janta, apesar de ter aceitado o do almoço. Procópio Dias percebeu isso mesmo, mas não se afetou; abaixou a cabeça, deixou passar essa onda de desconfiança, e saiu fora, a rir. Saíram dali uma hora depois. A lembrança da Tijuca tinha passado.

Jorge deixou-se ser influenciado pelos conselhos do outro. Abriu mão do último livro planejado, contentando-se com ter vivido

³⁵ A expressão utilizado no texto original foi “cortejá-lo”.

³⁶ A expressão utilizada no texto original foi “perdia o tempo e o sacerdote”

suas histórias. Além do mais, o tempo ia enfraquecendo a antiga sensação, e a vida social voltava a prendê-lo em suas malhas.

Entre as pessoas que voltou a ver, estava a mesma Eulália, com quem a mãe queria casá-lo, alguns anos antes. Eulália não havia ficado solteira; estava na **lua de mel**, uma **lua de mel** que durava mais de um ano. O casamento havia sido algo bom, que tinha colocado no coração um pouco mais de ternura. Encontraram-se num baile. Nenhum deles ficou acanhado; como nunca chegaram a tratar dos planos de Valéria, falaram um com o outro com da mesma forma que em 1866. A diferença é que Eulália, que era feliz, exagerava em mostrar felicidade convencer Jorge de que antes tinha ganhado mais do que perdeu com a recusa dele.

— Vá lá à Rua Olinda, disse a moça; quero mostrar-lhe meu filho.

Jorge foi. Eulália mostrou-lhe o filho, criança que valia por duas, era tão gorda e vigorosa. Jorge chegou a pegar nele, mas não sabia lidar com as rendas, os babados, as fitas. Eulália, que possuía já toda a destreza materna, tomou seu filho das mãos dele. — O senhor não entende disto, disse ela. E depois de concertar a touca da criança, beijou-a muitas vezes, riu para ela, conversou com ela, tudo com uma graça e poesia, que Jorge estava longe de acreditar que ela tinha cinco anos antes. Ele contemplava essa jovem mãe, elegante e natural, e se sentia tomado de inveja e cobiça.

— A felicidade é isso mesmo, pensou ele.

Voltou lá algumas vezes, tornou-se íntimo da casa. Começou a receber também. Viu entre os **frequentadores** de sua casa o pai de Estela, que percebeu nele a bondade do desembargador. O Sr. Antunes era convidado certo do almoço nos domingos; dava a Jorge notícias do genro e da filha. Ele ainda lamentava o sonho não concretizado, e não sei que prazer tinha de falar de Estela e do genro para ele. Além do mais, um era como o lamento do outro, a respeito de quem fez mais de uma queixa. Jorge, porém, ouvia o homem sem lhe responder nada.

No meio do ano de 1871, fez Jorge uma viagem a Minas Gerais, com o objetivo de se ajoelhar à sepultura de sua mãe, cujos ossos transportaria algum dia para um dos cemitérios da cidade. A viagem durou seis semanas. Jorge visitou alguns parentes, e voltou nos princípios de agosto.

Um incidente mudou seus planos.

Capítulo VIII

Chegando à cidade, Jorge teve notícia de que Luís Garcia estava doente. Não contava com isso, ficou perplexo. Não queria visitá-lo, mas não poderia deixar de fazer isso. Luís Garcia havia sido pessoa querida de seus pais; ele próprio lhe tinha carinho e consideração: motivos fortes o bastante para realizar essa cortesia. Mas, por outro lado, ir a Santa Teresa era se arriscar à suspeita de Estela. Jorge pensou durante dois longos dias. Certo, ele sentiu algum incômodo, com a **ideia de vê-la; ideia** que, se tentou rejeitar na alma, lá ficou forte e descontrolada. Mas a razão que confessava a si próprio era a da conveniência.

Venceu a dúvida e foi a Santa Teresa, na tarde do terceiro dia. A casa não era já a mesma; estava maior que a outra. Era nova, rodeada de plantas, com as telhas ainda da cor original. Havia duas entradas, uma para a sala, a porta ficava entre quatro janelas, outra para o jardim, e era uma porta de grade de ferro, aberta no centro de um pequeno muro, por cima do qual vinha a se espalhar o verde de uma trepadeira. Lá estava Raimundo, mais velho que antes, mas não menos forte. Raimundo o conheceu, apesar de queimado do sol. Abriu a porta para ele; acompanhou-o alegremente ao fundo do jardim.

— Meu senhor vai ficar muito contente, dizia ele fazendo Jorge entrar.

— Está melhor?

— Está, sim, senhor. Olhe, está ali.

Raimundo mostrou um grupo de pequenas árvores que, através ramagem, se via um vestido de mulher. Jorge sentiu uma onda de frio na barriga. Mas passou depressa; e deu o primeiro passo tão firme, como já havia feito diante das legiões de Lopez.

— Quem é, Raimundo? Falou uma voz desconhecida, no meio das árvores.

Jorge viu aparecer uma moça, que parecia ter dezoito anos mas não tinha mais que dezesseis; reconheceu a filha de Luís Garcia. Ela não o reconheceu logo; os trabalhos da guerra haviam mudado o rapaz. Além do mais, nas poucas vezes em que havia visto não tinha prestado muita atenção. Jorge foi conduzido até a cadeira onde se achava estirado Luís Garcia, entre duas outras, uma com uma costura de agulha em cima, outra com um livro aberto. Luís Garcia o recebeu com satisfação e cordialidade; Jorge explicou a demora da visita pelo fato de estar ausente. A explicação era uma cortesia nova; Luís Garcia agradeceu.

— Estive muito mal, disse ele; acho mesmo que cheguei às portas da morte. Agora estou quase bom.

Jorge sentou-se ao lado do doente, enquanto laiá, do outro lado, brincava com os cabelos do pai ou lhe apertava uma das mãos. Luís Garcia contou as dificuldades da doença e elogiou a dedicação da família; Jorge falou pouco, já para evitar mostrar a emoção que sentia ao penetrar naquela casa, já para não alongar a visita e ir embora no primeiro minuto de silêncio. No fim de quinze minutos levantou-se.

— Espere um pouco, disse o convalescente. Laiá, vai chamar sua madrastra.

Laiá levantou-se para obedecer à ordem do pai; mas no momento em que ia colocar nos joelhos dele o livro que tinha no colo, ouviu-se um passo na areia e logo depois esta súbita palavra:

— Pronto!

Era Estela. O susto de Jorge, por mais imperceptível que fosse, não escapou a laiá, e a fez sorrir disfarçadamente; entendeu que tinha sido um susto. Estela apareceu; mas, porque já sabia da presença de Jorge, pôde encará-lo sem nenhuma comoção aparente. Houve certa hesitação entre um e outro, mas foi curta. A moça se inclinou levemente e estendeu sua mão. Jorge a apertou.

— Ainda não tinha tido a satisfação de a ver depois de minha volta do Paraguai, disse ele.

— É verdade, respondeu a moça; vivemos muito escondidos.

Estela aproximou-se do marido, Jorge se afastou para deixá-la passar. — Pronto, repetiu ela. Trouxe para ele um copo de geleia. Enquanto Luís Garcia tomava a refeição de enfermo, Estela ficou de pé, ao lado dele; depois sentou-se e dirigiu a palavra ao filho de Valéria. Naturalmente falou sobre da campanha. Ele respondeu sem ficar afetado, e com tranquilidade.

— Já tive ocasião de lhe dizer que ele foi um dos heróis, interveio Luís Garcia olhando para a mulher; mas o Dr. Jorge teima em negar seus próprios serviços. Laiá não é a mesma coisa.

— É? Perguntou Jorge.

— É verdade; durante toda a campanha matou pelo menos metade do exército paraguaio.

Laiá direcionou ao pai um olhar de amável censura.

— Não precisa ficar tímida, disse Jorge; era uma maneira de ser patriota; mas creia que havia menos perigo em matar o inimigo daqui de longe.

— O senhor matou algum? Perguntou laiá em um instante.

— Provavelmente. Na guerra é preciso matar ou morrer. Não me importava morrer; mas há ocasiões em que o herói é o que menos importa. Eu fiz o que pude.

Como a tarde começou a escurecer, Estela disse ao marido que era tempo de entrar em casa. Levantou-se para o ajudar; Jorge, porém, apressou-se a substituí-la. Estela foi adiante, e quando Jorge entrou na sala com o doente, ela preparava a cadeira em que este devia se sentar, uma espaçosa e grande cadeira de vime. Luís Garcia esperou alguns instantes, enquanto a mulher colocava as almofadas, balançando serenamente de um lado para outro.

Durante essa curta espera, Jorge olhava para a moça, e era a primeira vez que o fazia por mais tempo. A diferença entre a Estela de 1866 e a de 1871 era pouca. Tinha o mesmo rosto pálido e os mesmos olhos sérios. As feições não haviam mudado; o busto conservava a graça antiga; estava só um pouco mais cheio, diferença que não destoava da altura, que era grande. Esta era a pessoa física. Moralmente devia ser a mesma; mas que contraste nisso tudo! Assim, — a mulher que o tinha levado a servir por quatro anos uma batalha árdua e difícil, e cuja imagem não havia esquecido no meio do perigo, essa mulher estava ali, diante dele, ao pé de outro, feliz, serena, dedicada, como uma esposa bíblica. A comparação doeu nele; mas o coração começava a bater do mesmo jeito que já havia batido. Para pará-lo, Jorge se despediu dez minutos depois.

— Já! Exclamou Luís Garcia. Foi visita de médico. Agradeço, entretanto, a atenção. Esta casa é sua; sabe que todos nós queremos muito bem a você.

Jorge seguiu para casa, contente e arrependido da visita que tinha acabado de fazer. Passou as primeiras horas da noite a ler dez ou doze tomos, lendo de qualquer forma duas ou três páginas de cada um, abertas ao acaso, e interrompido trinta vezes. Quando os olhos estavam mais atentos na página aberta, o espírito saía passo a passo e corria pela infinita batalha dos sonhos vagos. Voltava de vez em quando; e os olhos que haviam chegado mecanicamente ao fim da página voltavam ao princípio, a resgatar o fio da atenção. Como se a culpa fosse do livro, trocava-o por outro, e ia da Filosofia à História, da crítica à poesia, saltando de uma língua a outra, e de um século a outro século, ao acaso.

O clarão da manhã seguinte dissipou uma parte das preocupações da noite. O primeiro alvoreço tinha passado. Jorge disse

a si mesmo que bastava ser homem, esquecer o incidente do dia anterior, e fugir para sempre da possibilidade de haver outros. Não repetiria a visita a Luís Garcia; e provavelmente não os veria nunca mais. Na Rua do Ouvidor encontrou Procópio Dias, que lhe disse à queima-roupa:

— Entrei meia hora depois do senhor sair.

— Onde?

— Em Santa Teresa. Se tivesse demorado mais meia hora, encontrava o senhor e poderíamos ter descido juntos. O senhor conhece Luís Garcia há muito tempo?

— Desde muito moço.

— Eu também; mas não o via há dez anos. Está o mesmo homem; está melhor, porque casou com uma mulher bonita. Que pessoa é aquela?

— A mulher foi educada por minha mãe.

— Dá pra ver que sim. Oh! falamos muito do senhor.

— Sim? Perguntou vivamente Jorge.

Procópio Dias olhou fixamente um instante; depois riu com a testa.

— Muito, repetiu ele; eu e o Luís Garcia travamos um duelo de elogios, e se não há nisto vaidade creio que o venci; naturalmente porque sou mais expansivo do que ele. Na verdade, ele é seco, mas o pouco que disse, disse com sinceridade. Parece que aquela família tem muita estima e respeito.

Procópio Dias tornou a lhe falar de Santa Teresa, na noite do dia seguinte, em uma casa onde jantaram juntos.

Falou-lhe primeiramente em particular, depois diante de outros. A dona da casa, que era uma Diana³⁷ caçadora de boatos e novidades, farejou algum mistério entre as marcas de expressão da testa de Procópio Dias, e dobrando as pontas do arco³⁸, disparou subitamente uma flecha que ninguém viu, mas foi enterrar-se no coração de Jorge. Este fez boa cara ao tiro, mas lá dentro sangrou um pouco de irritação e medo. Sentia no fundo da consciência o calor de um sentimento honesto, e, contudo, a opinião tendia a tomar conta dele e a vasculhar as cinzas do passado; cinzas frias ou mornas, é o que ele não podia ainda discernir. Confiado em si mesmo, Jorge tremia diante da

³⁷ Na mitologia, Diana é a deusa dos caçadores. Machado faz uso dessa metáfora para descrever a atitude de fofoca da dona da casa.

³⁸ A deusa Diana tinha um arco de caça.

Iaiá Garcia

opinião — a opinião do epigrama e da anedota, que começava a sacudir o seu riso de desdém e cru³⁹.

Inquieto e aborrecido, saiu dali pouco depois de jantar. O gracejo da dona da casa continuava a zumbir em seu ouvido, ao mesmo tempo que a figura de Estela lhe surgia aos olhos, com o seu aspecto de costume. Já entrado na Rua dos Inválidos, Jorge desandou o caminho e foi direito a um teatro, com o fim de se distrair e esquecer mais depressa. Eram nove e meia; assistiu a um resto de drama, que lhe pareceu jovial, e a uma comédia inteira, que lhe pareceu mórbida. Apesar disso, arejou a mente com as programações da noite e caminhou para casa mais leve e desassombrado. Era uma hora quando chegou; o criado entregou a ele uma carta.

— A pessoa que trouxe esta carta disse que era urgente.

Jorge a recebeu, sem conhecer a letra de que escreveu. Era letra de mulher. Abriu sem pressa, mas com curiosidade. Não era longa; dizia simplesmente isto: — “Ilmo. Sr. doutor. Papai está muito mal; está pedindo o favor de vir a nossa casa. — Lina Garcia”.

— A que horas veio esta carta? Perguntou ele ao criado.

— Às sete.

Jorge fez um gesto de enfado e mandou buscar um transporte. Depois de uma hora parava à porta de Luís Garcia. Era tudo silêncio. Jorge parou por alguns instantes, incerto sobre o que era certo fazer. O perigo, se perigo houve, podia ter passado, e toda a família estaria em repouso. Olhou pela porta do jardim, e viu uma claridade fraca, através de uma cortina. Logo depois ouviu passos na areia. Era o Sr. Antunes que percebeu o veículo parando.

— Meu genro está mal, disse o pai de Estela; teve esta manhã uma recaída e perto das oito horas tivemos medo de perdê-lo.

Jorge entrou.

Luís Garcia estava prostrado; a febre ardia estranhamente nos olhos. De um lado e de outro do leito, podiam ser vistas a mulher e a filha, aparentando quietas, mas gastando toda a força moral em conter a angústia que ameaçava se transformar em lágrimas.

— Que tem? Perguntou Jorge aproximando-se do enfermo.

— Uma febrinha importuna, respondeu este.

A um sinal, Estela e Iaiá saíram do quarto, onde só ficou Jorge.

³⁹ Todo este parágrafo representa, metaforicamente, o dizer em algumas regiões “jogar verde para colher maduro”. Em outras palavras, indica que, maliciosamente, a dona da casa perguntou-lhe algo que inevitavelmente o colocaria em alguma situação que denunciaria o que ele pensa sobre Estela.

Mandando chamar o moço, Luís Garcia colocou em prática uma **ideia** que lhe brotara no calor da febre.

Ouviu do médico algumas palavras que lhe fizeram supor a probabilidade da morte; e, não tendo amigos nem parentes, e não querendo confiar a mulher e a filha ao sogro, lançou mão da pessoa que lhe pareceu ter bastante caráter e a influência necessária para as orientar e proteger.

— Seu pai foi amigo de meu pai, disse ele; eu fui amigo de sua família; devo-lhe favores apreciáveis. Se eu morrer, minha mulher e minha filha ficam amparadas pelo dinheiro, porque o dote de uma servirá para as duas, que se gostam muito; mas ficam sem mim. É verdade que meu sogro, mas... mas, meu sogro tem outras ocupações, está velho, pode fazer falta a elas de repente. Queria pedir a você que as protegesse e guiasse; que fosse como um tutor moral das duas. Não é que falte juízo nelas; mas duas senhoras sozinhas precisam de conselhos... e eu... desculpe-me se sou indiscreto. Promete?

Jorge prometeu tudo, com o fim de o **tranquilizar**, porque Luís Garcia parecia excessivamente aflito com a **ideia** daquela eterna separação. O pedido pareceu singular; achou que era devido à febre do doente. Soube depois que a vida de Luís Garcia teria fim na primeira crise da enfermidade, segundo havia declarado o médico.

Eram quase quatro horas quando Jorge saiu de lá. Voltou às nove e achou o médico. A crise era esperada na tarde desse dia, e só então se poderia dizer se a vida do enfermo estava perdida ou salva. Foi o que o médico lhe disse, na porta do jardim, aonde Jorge o foi acompanhar.

— Além de que, concluiu o médico, ele tem outra doença que o deve matar dentro de alguns meses, um ano ou ano e meio.

— Coração?

— Justamente.

Esta notícia impressionou o moço. — Não será ilusão da Medicina? Perguntou ele. O médico abanou a cabeça, e saiu. Jorge se encaminhou para casa, mas teria dado apenas três passos, quando viu Estela que vinha ao seu encontro.

A moça parou diante dele.

— Que lhe disse o médico? Perguntou.

— Tem esperanças; logo de tarde poderá dizer mais alguma coisa.

— Só isso?

— Só.

— Não o desenganou?

Iaiá Garcia

— Não.

Estela refletiu um instante.

— Dê-me sua palavra, disse ela.

Jorge estendeu-lhe a mão, sobre a qual Estela deixou cair a sua, tão fria quanto pálida.

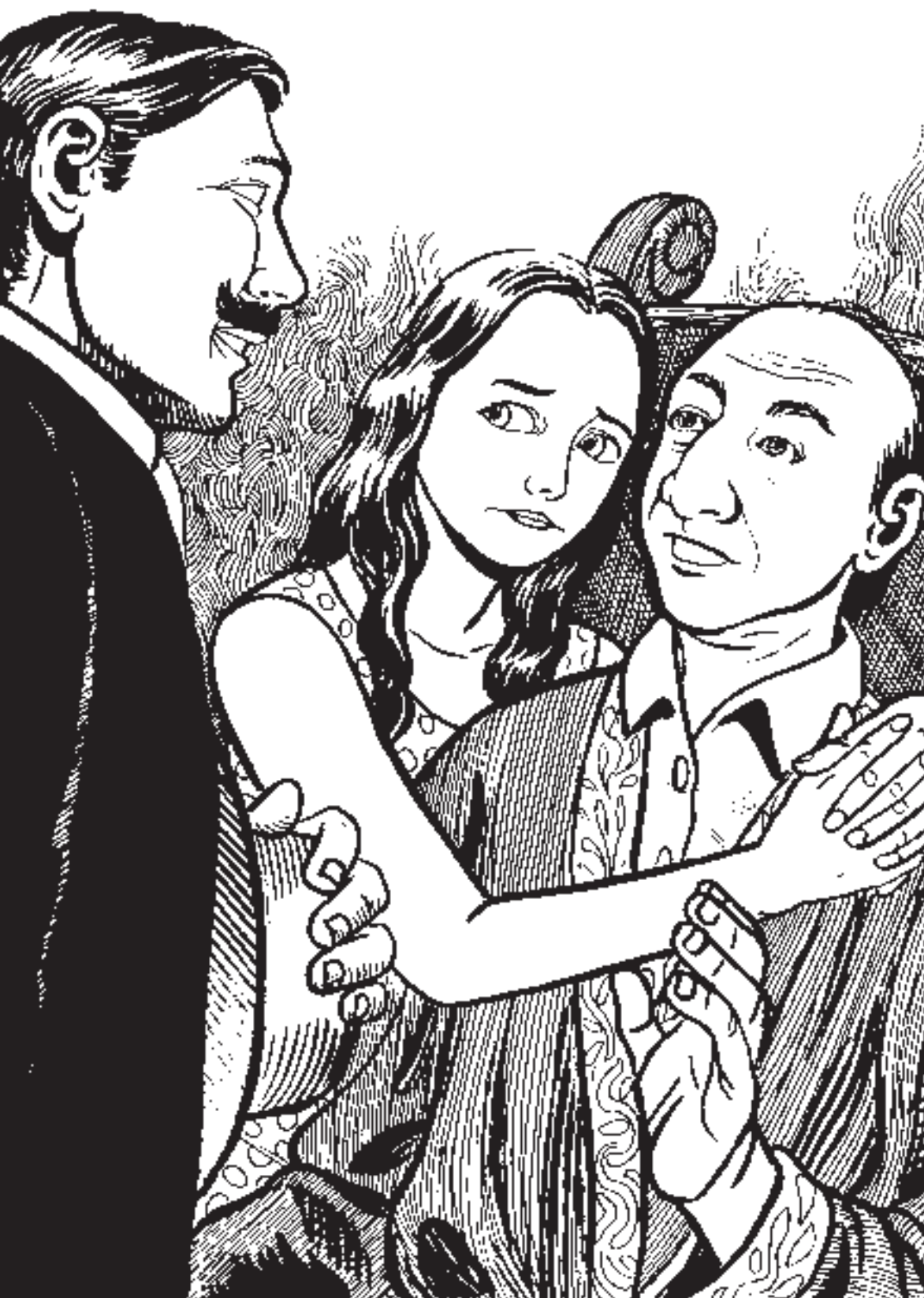
— Sou amigo de seu marido, disse Jorge depois de alguns instantes; creio que ele pode contar com toda a minha dedicação.

Estela pareceu acordar do estado momentâneo de desligamento; prestou atenção no moço, retirou a mão e respondeu com um simples gesto de concordância. A alma triste havia voltada ao estado normal. Jorge a viu entrar em casa e ficou só alguns minutos, recordando a revelação do médico e a sentir que, ao pé da tristeza que o tocava, havia alguma coisa semelhante a um sentimento egoísta e cruel.

Entre a esperança e o medo passavam-se longas horas, até que a crise veio e passou, sem levar consigo a vida ameaçada. Na manhã seguinte a alegria foi tamanha em redor do enfermo, que ele viu claramente o perigo e a salvação. Nem a filha nem a mulher pareciam desgastadas do trabalho e da noite sem dormir; estavam frescas, risonhas, ágeis, partindo entre si o pão da alegria, como haviam partido irmãmente o pão da angústia.

Durante a doença e a recuperação, Jorge os visitou uma vez por dia; e é importante dizer que, se por um instante houve em seu coração um impulso egoísta, tal impulso não se repetiu depois; ajudou o doente com desinteresse e lealdade. A família deste se mostrou agradecida. Luís Garcia recordou ao moço o pedido que lhe fizera na noite em que o mandara chamar, e recordou, não só para lhe agradecer o fato de ele ter concordado como para explicá-lo. Mas a explicação era difícil, porque ele havia cedido principalmente à aversão que o sogro inspirava nele, em quem não tinha a mínima confiança; apesar das meias palavras de que usou, Jorge entendeu tudo.

A **frequência** trouxe a necessidade. Levado pelas circunstâncias, Jorge acostumou-se às visitas, e tornou-se íntimo. No mês de setembro, a pretexto do calor, que ainda não fazia, transferiu a residência para a casa que tinha em Santa Teresa, e que não ficava a longa distância da de Luís Garcia. Não tinha o que pensar no caso; sua mãe tinha o costume de passar ali três a quatro meses no ano. Além do mais, nas últimas semanas, ele havia começado a se fazer



menos visto e menos frequentado. Podia facilmente passar a viver de forma mais reclusa.

Entretanto, como essa mudança antecipada para Santa Teresa, podia não ter como explicar coerentemente, Jorge buscou enganar-se a si mesmo, juntando os elementos e realizando as primeiras atividades de um trabalho, que jamais devia acabar, mas que, em todo caso, explicava a necessidade de repouso. O pouco de verdade que havia no projeto era tão pequena, que ele sentiu a consciência falar dentro de si. Para aplacar essa rebelde eterna, juntou todas as forças e se atirou de vez ao trabalho. Nos intervalos deste é que visitava a casa de Luís Garcia, uma ou duas vezes por semana. Aos domingos, tinha sempre para jantar o Sr. Antunes, com quem jogava uma partida de bilhar. Tentou ensinar a ele o xadrez, mas desanimou ao fim de cinco aulas.

— Ah! Mas nem todos têm o seu talento! Exclamou triunfalmente o pai de Estela.

Luís Garcia jogava xadrez. Era a diversão comum entre ele e Jorge; outras vezes saíam para passear por distância curta. Luís Garcia aceitava bem essas distrações, que não eram atrapalhadas nem cansativas, mas brandas e pausadas, como ele. Além do mais, nem sempre eram distrações sem resultados positivos. Jorge gostava das conversas que agora não eram mais vazias, e os dois trocavam ideias e observações. Luís Garcia era homem de pouca cultura, sobretudo irregular; mas tinha os dons naturais e a longa solidão tinha dado a ele o hábito de refletir. Também ele ia à casa de Jorge, para pegar alguns livros emprestados. Já era tarde; já não era jovem; faltava tempo e sobrava fome; mergulhou profundamente, sem muito método e sem fazer questão; tinha vontade de aproveitar tudo ao máximo⁴⁰. E porque era leitor de qualidade, dos que juntam a reflexão à impressão, quando acabava a leitura, relembra o livro, colocava-o por assim dizer, no cérebro. Embora sem método rigoroso, essa leitura gerou algumas ideias e lhe completou outras, que só tinha por intuição.

A necessidade intelectual de Luís Garcia contribuiu assim para tornar a convivência mais íntima, única exceção na vida reclusa que ele continuava a ter, ainda depois de casado. Jorge pela sua parte não desmentia até ali o bom conceito que o outro formava de suas qualidades; e a família viu lentamente estabelecer-se a intimidade

⁴⁰ No texto original, a expressão utilizada foi “tinha vontade de colher a flor ao menos de cada coisa”.

e a consideração entre os dois homens. Uma noite, saindo Jorge da casa de Luís Garcia, este e a mulher ficaram no jardim algum tempo. Luís Garcia disse algumas palavras a respeito do filho de Valéria.

— Pode ser que eu esteja enganado, concluiu o descrente; mas me convenço de que é um bom rapaz.

Estela não respondeu nada; cravou os olhos numa nuvem negra, que manchava a brancura do luar. Mas laiá, que havia chegado alguns momentos antes, ergueu os ombros com um movimento nervoso.

— Pode ser, disse ela; mas eu o acho insuportável.

Capítulo IX

A nova ordem de coisas perturbou profundamente o humor de Estela. O procedimento de Jorge, por ocasião da doença do marido, não lhe pareceu esconder nenhuma intenção particular; mas durante a recuperação, e principalmente depois dela, pareceu que a **ideia** do moço era se aproximar da família. Para quê? Estela achava que o amor de Jorge, ao fim de um período tão longo, estaria totalmente acabado, como produto da primeira estação. Não lhe negou um pouco de gratidão, quando viu os favores que havia prestado ao marido enfermo, com tanto empenho, discrição e dignidade. Agora, porém, ao ver a **frequência** e a convivência, supôs alguma coisa mais do que a simples afeição tradicional. Que encanto podia oferecer a casa de uma família retirada e silenciosa a um homem criado em um nível social diferente? O lugar ao qual pertencia era outro; modificações de espírito ou ambições futuras o deviam levar àquele lugar. Esta consideração lhe pareceu definitiva. Concluiu que a paixão, vencida ou reprimida, soltava outra vez o grito da revolta; e se era assim, Jorge devia estar pior que em 1866, porque naquela época os sentimentos surgiam com violência e sinceridade, ao passo que agora o seu principal aspecto era o engano. O amor, se amor havia, trazia já os olhos abertos e contava com a razão; de explosivo, tornava-se cauteloso e sutil.

— O que ele pensa de mim? Perguntou Estela a si mesma.

Quando esta palavra lhe soou no espírito, Estela sentiu-se diminuída e humilhada aos olhos de Jorge; e de, todas as situações possíveis para ela, a mais intolerável era a humilhação. O leão sacudiu a juba imperial⁴¹. Estava vivendo por enquanto uma vida sem explicação e cheia de malícia. Estela cogitou no meio de fazer acabar a intimidade dos dois homens; e também, a **frequência** de Jorge naquela casa. Pensou em pedir isso diretamente a Jorge; mas rejeitou desde logo a **ideia**, aliás incompatível com sua forma de agir; depois, pensou em dizer tudo ao marido.

Uma noite, na primeira semana de novembro, Estela decidiu definitivamente revelar ao marido a única página de seu passado. Estava sozinha, no jardim, e viu chegar o fim da tarde⁴² — uma tarde cinzenta e amortecida. De vez em quando, o espírito voltava ao passado, e ela estremecia com uma sensação estranha,

⁴¹ Perceba o alto teor de poeticidade nesta metáfora.

⁴² No texto original, a frase usada foi “E vira desmaiar o crepúsculo da tarde”.

misteriosa e insuportável. A noite chegou totalmente, e a alma de Estela mergulharia também na vaga e maldosa escuridão do futuro, se a voz rude do escravo não viesse acordá-la.

— Nhanhã está apanhando sereno, disse Raimundo.

Estela se ergueu e foi ao gabinete do marido. Luís Garcia estava trabalhando, à claridade de um lampião, que se voltava toda para ele e os papéis que tinha diante de si graças ao efeito de um abajur. O resto do quarto ficava na meia escuridão.

— Que é? Perguntou Luís Garcia sem levantar a cabeça.

Estela parou do outro lado da mesa; Luís Garcia levantou então a cabeça e olhou para ela, sem poder perceber o transtorno de seu rosto.

— Que é? Repetiu.

Vendo que ele estava entregue ao trabalho, por amor dela e da filha, Estela hesitou; achou que era crueldade lhe dar, em troca da proteção e do carinho, um desengano e uma aflição. Hesitou um instante, e passou da hesitação à renúncia. Conteve-se e saiu. Preferiu o silêncio.

Mas o silêncio só por si não melhorava nada; tarde ou cedo, o marido perceberia em seu rosto o constrangimento, em relação a Jorge, constrangimento inexplicável, que ele podia interpretar contra ela. Foi então que a serpente lhe ensinou a dissimulação⁴³. A necessidade lhe deu a intuição maquiavélica; isto é, a ocasião não consentia um rosto verdadeiro, sinceramente agressivo, mas um ar ameno, uma cordialidade de superfície, friamente educada, mas educada. Desse modo, a paz doméstica estava a salvo, e isso era o essencial. Ao mesmo tempo mostraria a um coração destemido, capaz de afrontar todo o artifício do outro: um pouco amor-próprio, que mora no fundo das decisões mais desinteressadas.

Com o tempo, Estela percebeu que o procedimento de Jorge, se alguma intenção escondia, não a deixava qualquer suspeita; não lhe parecia já engano, mas ausência. Ele próprio a evitava; fugia de conversas longas, sobretudo de conversas solitárias. Era respeitoso e frio.

Com efeito, Jorge não havia cedido a nenhum plano preconcebido; ia do jeito que o tempo levava; entrava por um canto, sem saber se iria dar na estrada certa ou em um abismo. Nenhuma

⁴³ Perceba a intertextualidade com a história bíblica da serpente que engana, com Estela que aprendeu a fingir. Perceba também a mudança no caráter de Estela.

Iaiá Garcia

preocupação lhe ensombrou o rosto risonho e calmo. Era possível dizer que, após uma jornada longa e trabalhosa, sentia prazer em tudo aquilo.

A verdade é que o amor de Jorge tinha deixado de ser sentimento para ser uma **ideia** fixa. Nascido de uma primeira explosão de juventude, passou por alguns anos de ausência. A ausência disciplinou os primeiros desejos desenfreados, quebrou os impulsos, afrouxou a coragem; o amor se transformou em uma crença silenciosa. Essa evolução não parou. De dentro do coração, deu um pulo para o cérebro, onde passou a ser racional. Não era já uma paixão, mas uma certeza, isto é, outra coisa. Pensava muitas vezes na **consequência** de herdar em pouco tempo a esposa de Luís Garcia, solução que lhe parecia necessária; era o que ele dizia a si mesmo. E esse casamento tinha dois resultados: era uma desculpa e uma vingança: desculpa do mal que ele fizera, vingança do tratamento que ela lhe deu. Ambos deviam isso um ao outro. O casamento os perdoava. Talvez as dívidas não fossem iguais na balança comum, mas Jorge tinha certo senso de justiça, e entendia que, se havia sofrido muito e demoradamente, isso não foi maior que a afronta que, a seus olhos, foi grave.

As reclamações da consciência eram agora menos **frequentes** e menos duros: é o efeito natural desses tipos de situações violentas. Os mais firmes podem chegar assim às tolerâncias inexplicáveis, e o que hoje se evita, é amanhã é dúvida da juventude. Jorge não ficou estranho a essa lei do costume. Acreditava que era inocente, porque era não fazia nada, esquecendo a regra dos mandamentos que leva em consideração a ação e a intenção.

Dois circunstâncias perturbaram, entretanto, o espírito de Jorge, antes do fim daquele ano.

A primeira foi a **frequência** de Procópio Dias, que lhe pareceu pouco explicável. Procópio Dias era recebido com abraço mais carinhoso do que ele. Em relação a Jorge, o procedimento de Estela era cauteloso e apenas amigável; o de Iaiá era de algum modo medroso ou hostil; uma e outra pareciam se alegrar quando Procópio Dias aparecia na porta. Era uma expressão diferente. Este as acompanhava às vezes nos passeios, ou conversava com elas por muito tempo, fazendo-as rir com uma espontaneidade, que não tinham quando falavam com Jorge. Obedecia aos desejos da madrastra e aos caprichos da enteada, quaisquer que fossem, com tanta paciência e bom humor, que fazia ciúme no outro, sem saber. Jorge prestou atenção nas falas e nas ações do intruso, e com o tempo veio a se **tranquilizar**.

— É um celibatário necessitado da companhia de mulheres, disse consigo.

Procópio Dias não parecia outra coisa; a presença feminina era para ele uma necessidade; o balançar das saias era a melhor música para seus ouvidos. Graças à idade, Iaiá era mais familiar do que Estela; às vezes chegava a “judiar” com ele, excesso que o pai ou a madrasta reprimia, e reprimia sem necessidade. Procópio Dias não manifestava nem sentia o menor despeito; achava graça e chegava a imitá-la.

A segunda circunstância que gerou alguma sombra de dúvida no espírito de Jorge foi justamente a hostilidade de Iaiá Garcia.

— Que diabo fiz eu a esta menina? Perguntava Jorge a si mesmo.

Durante a moléstia e a convalescença do pai, Iaiá havia tratado Jorge com muita gratidão e cordialidade. Algum tempo depois, começou a diminuir essa aparência, até que cessou de todo e se transformou em outra coisa, que visivelmente era repugnância, com uma pontinha de hostilidade. Luís Garcia viu logo a diferença, tanto mais fácil de notar quanto em Estela, que já não era tão expansiva como nos primeiros dias, tratava ainda assim o filho de Valéria com um respeito que salvava as aparências; a única exceção era a filha. Não deixou de reclamar; disse a ela que Jorge era filho de uma pessoa a quem eles deviam respeito, e de quem ela mesma tinha uma recordação de morte; que essa circunstância devia amenizar a antipatia, se Jorge inspirava essa antipatia. Iaiá ouvia e se calava; mudava num dia, para voltar a fazer durante toda a semana.

— Você é estranha, disse uma vez o pai depois de lhe repetir a advertência.

Podia ser “estranhice”. A vida que Iaiá tinha tido durante largo tempo havia lhe dado o amor exclusivo da solidão e da família. Mas, no caso presente, parecia ser alguma coisa mais do que isso. O rosto com que recebia Jorge não era o mesmo com que via outras pessoas. Jorge às vezes chegava quando ela estava no piano; Iaiá parava habilmente, tocava algumas poucas notas e saía. Se ele ia conversar com ela e a madrasta, Iaiá falava o mínimo e ia embora. Não sorria nunca se ele dizia uma coisa graciosa ou fazia um cumprimento; não se interessava por qualquer projeto que viesse dele; não lia os romances que ele lhe emprestava. Se era convidada a dizer o que pensava de um ou outro desses livros, fazia nos cantos da boca um gesto de indiferença. Não

Iaiá Garcia

falava nunca de Jorge; aparecia para ele o menos que podia. Este procedimento constante, não afrontoso, porque ela o disfarçava, impressionou o espírito do moço, que não conseguiu descobrir a causa verdadeira, ou pelo menos real.

A verdadeira causa era nada menos que um sentimento de ciúme filial. Iaiá adorava o pai sobre todas as coisas; era o principal mandamento de seu catecismo. Propôs o casamento, com o fim de lhe tornar a vida menos solitária, e porque gostava de Estela. O casamento trouxe para casa uma companheira e uma afeição; não lhe diminuiu nada da sua participação como filha.

Iaiá viu, entretanto, a mudança que houve nos hábitos do pai, pouco depois de recuperado, e sobretudo desde os fins de setembro. Esse homem seco para todos, expansivo somente na família, havia dado uma exceção em favor de Jorge; sem mostrar maneiras contrárias, aliás incompatíveis com ele, era menos reservado, de mais fácil e continuado acesso. Porém, não foi esse primeiro fato que produziu em Iaiá a notada mudança; foi outro. Luís Garcia deu a Jorge algumas demonstrações de confiança pessoal; e no dia em que a filha viu a primeira, recordou-se da carta que havia escrito ao moço na noite em que a doença do pai havia se agravado, e da confidência dos dois, cujo assunto nunca havia chegado aos ouvidos. Neste instante sentiu borbulhar no coração uma primeira gota de amargura. Imaginou que Jorge veio roubar dela alguma coisa. Não imaginou se haveria assunto que dois homens devessem tratar exclusivamente entre si; supôs que havia perdido uma parte da confiança do pai, e porque amava o pai sobre todas as coisas, seu amor tinha os ciúmes, as raivas, os arrebatamentos do outro amor, e **consequentemente** os mesmos ódios e penas.

O pai conhecia toda a intensidade do carinho de filha da moça, e não era menor a do seu amor; mas ele dizia consigo filosoficamente, e não sem pesar, que a natureza se encarregaria de lhe ensinar outro sentimento, menos sério, mas não menos intenso e impulsivo. Quando ele refletia assim, contemplava a filha com um olhar já úmido das primeiras saudades.

Iaiá estava então maravilhosa. Era leve, ágil, súbita, — com um pouco de destimidez; às vezes áspera, mas dotada de um espírito ondulante, leve e não incapaz de reflexão e firmeza. Assim era o retrato da menina, se não valesse a pena falar também dos olhos, que, se eram límpidos como os de Eva antes do pecado, se eram de pássaros, como os da Sulamites, tinham como os desta alguma

coisa escondida dentro, que não era certamente a mesma coisa: era uma navalha. Quando ela olhava de certo modo, ameaçava ou penetrava os refulhos da consciência alheia. Mas eram raras essas ocasiões. A expressão comum era outra, meiga ou indiferente, e mais de infância que de juventude. Talvez a boca fosse um pouco grande; mas os lábios eram finos e enérgicos. Em resumo, as feições dos onze anos estavam ali desenvolvidas e mais acentuadas.

Uma tarde, Luís Garcia recebeu ordem de ir imediatamente à casa do ministro. Saiu, deixando a mulher e a filha, ansiosas pelo resultado. Jorge apareceu pouco depois. A demora de Luís Garcia foi longa, e Jorge teria se retirado, se não fosse a chegada do Sr. Antunes, que deu um sopro de vida à conversa que se encerrava. Nove horas, dez horas, onze horas bateram sem que Luís Garcia voltasse. Iaiá estava impaciente; receava alguma doença repentina do pai, um desastre qualquer. Eram onze horas e quinze minutos quando ele entrou ofegante, porque viera depressa, tendo encontrado Raimundo, que, ouvindo os medos da moça, saiu para encontrá-lo e lhe contar.

Iaiá se atirou em seus braços.

— Medrosa! Disse Luís Garcia segurando sua cabeça com as mãos.

Sentou-se um instante para repousar; com a mão esquerda comprimia o coração. Logo depois levantou-se, chamou Jorge e foi até uma das janelas. Conversaram em voz baixa dez minutos. Disse a ele que talvez fosse obrigado a sair no fim daquela semana; tratava-se de uma necessidade de trabalho; se não fosse um milagre, a viagem era inevitável.

Iaiá não tirava os olhos de um e de outro; despediu-se de Jorge dando-lhe as pontas dos dedos. Foi no dia seguinte que Estela lhe disse que talvez fossem obrigadas a sair da Corte por algum tempo. Ouvindo a notícia, Iaiá compreendeu a confidência da véspera, e ficou contrariada. Ela era a última que recebia a notícia, e o primeiro foi um estranho, um intruso, — quase a disse um inimigo. Nenhuma palavra do pai; nenhuma comunicação direta.

— A última!

Esse ressentimento exagerado era o próprio efeito do jeito da moça e, também, de sua educação quase solitária. Para afastá-la de Jorge não foi preciso mais; o despeito apoderou-se inteiramente dela. Falou quase mais nada.

E essas duas forças, uma de impulsão, outra de repulsão, tendiam a se cruzar, no caminho de seus destinos.

Capítulo X

Bem, quatro ou cinco dias depois, Luís Garcia que, no planejamento de viagem, começou a arranjar alguns papéis diferentes e antigos, se dispôs a concluir esse trabalho, mesmo que a comissão que ganharia houvesse sido dispensada. Era dia de ano bom, — uma bela manhã, fresca, límpida, azul. Tinham ido à missa na capela do convento; almoçaram em família, com a presença do Sr. Antunes, que havia inaugurado uma roupa nova, e trazia nessa manhã um aspecto, não somente adorador, mas até adorável.

Iaiá tinha acordado extremamente alegre e buliçosa. O Sr. Antunes levou para ela um ramalhete de cravos, dizendo que era para que ela recebesse outros ramalhetes durante todo o ano; e a menina, depois de o receber e agradecer com uma reverência, foi colocá-lo num vaso, sobre o parapeito da janela da sala. O Sr. Antunes despediu-se dela, meia hora depois de ter almoçado.

— Já vai?

— Vou jogar uma partida de bilhar com o Jorge, disse familiarmente o pai de Estela. Voltaremos cedo.

— Ele vem jantar?

— Quero ver se o trago.

— Mas... ele não está avisado, argumentou Iaiá.

— Está; foi ele próprio que me autorizou a trazê-lo. Verdade é que fui eu que o pedi. Devemos muito àquele moço, e ao defunto pai e à mãe, a Sra. D. Valéria, que Deus a tenha. Até logo.

Iaiá ficou só e um instante pensativa; mas, logo depois ergueu os ombros, começou a costurar, para passar o tempo, e caminhou para o gabinete do pai, onde encontrou Estela.

— Virgem Nossa Senhora! Disse a moça parando à porta.

Ao pé da mesa estava uma grande cesta, transbordando de papéis; sobre a mesa papéis; papéis na mão de Luís Garcia; outros na mão de Estela; alguns soltos no chão. Era um acúmulo de seis anos. Luís Garcia tinha o costume de guardar tudo, cartas, exemplares de jornais em que havia alguma coisa de interesse, anotações, simples cópias. De longe em longe fazia uma lista e liquidava o passado. Havia já alguns anos que não fazia a costumada limpeza. Havia começado quando pensou em ter de deixar a Corte; agora tratava de terminar. Estela tinha entrado pouco antes da enteada; sentou-se em uma cadeira rasa, e se entretinha a receber ou apanhar algum pedaço de jornal velho, e a ler algum trecho em que os olhos paravam.

— Que é? Disse Luís Garcia logo que a filha soltou a exclamação.

— Papai vai ficar afogado em papel, disse a moça.

Luís Garcia não respondeu; voltou os olhos para uma carta que tinha na mão, e que, sem dúvida, lhe trazia alguma recordação amarga, porque ele sorria tristemente. Leu toda; releu alguns trechos; depois fez um gesto de desdém, rasgou e jogou os pedaços na cesta.

Iaiá foi se sentar do outro lado, a poucos passos do pai.

Na mesa, ao pé deste, havia um monte de coisas que serviam, um monte pequeno; a grande maioria era inútil. Não é isso mesmo a lembrança do passado? De tantos sucessos que nos tocaram, como-veram, entulharam a vida, de tantas raivas, alegrias, desânimos, de tudo isso que pareceu eterno, o resíduo disso é um pouco de recordações, ou saborosas ou amargas. Luís Garcia desdobrava às vezes um jornal, guardado havia anos; duas cruces ou alguns traços indicavam o trecho que nesse tempo tinha chamado sua atenção. Relia agora; buscava o motivo de ter guardado e sorria. A impressão que havia comunicado algum interesse ao escrito havia desaparecido de todo; o escrito era um esqueleto. As cartas também eram assim. Poucas escapavam da destruição; a maioria delas eram dilaceradas, umas em dois pedaços — as ínfimas —, outras em trinta, as que podiam ter alguma gravidade. Estela, que o ajudava, pegou casualmente em uma carta, cuja letra do que estava escrito lhe não pareceu estranha.

— Eu conheço esta letra, disse ela.

— Deixa ver.

Estela deu-lhe a carta.

— É do Dr. Jorge, disse o marido.

Abriu, e depois de ler algumas linhas, sorriu. Leu depois até o fim. Quando acabou, dobrou e ficou a olhar para a mulher; tornou a desdobrá-la mecanicamente.

— Vou devolver, disse ele depois de rápida pausa; talvez se envergonhe de haver escrito estas coisas...

E dirigiu os olhos à carta, com uma insistência de aguçar o mais embotado apetite. Depois, voltou a cabeça um pouco para trás, onde ficava a filha, a distância, de olhos baixos; abafou a voz e disse a Estela:

— Nunca soubeste do verdadeiro motivo que o levou à guerra?

Estela ficou ainda mais pálida do que era; o sangue todo saiu de seu coração, de onde lhe não saiu uma só palavra; foi com um



gesto negativo que ela respondeu. E se não podia empalidecer mais, podia corar e corou de vergonha. Luís Garcia não viu nem a primeira, nem a segunda impressão de suas palavras. Enrolava e desenrolava com os dedos um dos cantos da carta. Naturalmente relembrava os sucessos daqueles cinco anos, as confidências da mãe e do filho.

— Quem diria que depois de tamanho sacrifício... O que são rapazes! O que são paixões! Ele gostava de uma moça; não sei quem era, mas suponho... A mãe fez quanto pôde para **domá-lo**; quando desesperou, lembrou-se de o mandar para o Sul; ele aceitou. Fui confidente de um e de outro. Tempos depois de embarcar... espera... a data deve estar aqui... 67... Ainda em 67 durava a tal paixão; afinal parece que só esperava o fim da guerra para acabar também. Morreu sua paixão e ele engorda. Nunca suspeitaste nada?

— Não, murmurou Estela.

Luís Garcia deu a carta à mulher, que a recebeu trêmula e fria.

— Lê, que é interessante, disse ele.

Estela olhou para o papel e para o marido, vacilante, sem saber o que faria e em o que pensar.

— Lê; é interessante, disse ele, que havia voltado aos outros papéis, abrindo uns, separando outros, **tranquilo** e indiferente.

Estela, sem levantar a cabeça, olhou ainda de lado para ele, como se estivesse procurando no rosto uma intenção escondida, se porventura havia alguma; e esse gesto era tão cheio de medo e hesitação, era também tão dissimulado, que ela própria sentiu e se arrependeu. Cravou depois os olhos no papel, sem ler, sem fitar nenhuma linha, uma palavra única. Não via as letras; via, ao longe, dois pombos que voavam e a pureza de seus lábios tocada por uns lábios de homem; nada mais. A mão tremia; ela a manteve firme sobre a borda da mesa; mas o tremor, ainda que pouco perceptível, não cessou.

— Leste? Perguntou Luís Garcia dobrando um jornal que acabava de passar pelos olhos.

Estela fez um gesto para que esperasse um instante. Não reparava que havia decorrido tempo suficiente para haver lido a carta duas vezes. Fez um esforço; voltou a página; duas ou três frases lhe feriram os olhos: “Meu amor não sabe o que é impaciência ou ciúme ou exclusividade; é uma fé religiosa que pode viver inteira em muitos corações” — “O essencial é saber que amo a mais nobre criatura do mundo” — “A paixão veio comigo, e se não cresceu é porque

Iaiá Garcia

não podia crescer; mas se transformou. De criança que era, fez-se homem de juízo.” Chegou ao fim da carta ou pareceu ter chegado; dobrou-a, e não se atreveu a dizer nada; depois tornou a abri-la.

— Que poesia, hem? Disse Luís Garcia sorrindo.

E o sorriso era tão natural, tão despreocupado, tão honesto, que Estela ficou **tranquila**. Conhecía a dignidade e a sinceridade do marido; não podia supor que ele tivesse tanta hipocrisia nem tamanha indiferença. Sorriu também, mas um sorriso de aprovação, sem convicção nem espontaneidade. Luís Garcia se inclinou para ela; falou com a mesma voz abafada de pouco antes; falou sobre o amor que Valéria tinha pelo filho e a estratégia usada para o fim de o tirar do Rio de Janeiro.

— Naquele tempo, disse ele, não sei se cheguei a me arrepende de ter apoiado; hoje não. O filho ficou são e salvo de seus amores, com um posto e honras de sobra.

— É verdade, murmurou Estela, que o escutara com uma atenção vaga e impaciente.

Logo depois se levantou e foi à janela. Ali sacudiu a cabeça com um gesto enérgico. Talvez forças contrárias lutavam nela; ou era o seu passado que surgia da sombra do tempo, com todas as cores vivas ou escuras, com as delícias ocultas e nunca reveladas, e ao mesmo tempo com as amarguras e resistências. Era isso; era o coração que mordía impaciente o freio da vontade e do orgulho, e vinha pedir ainda uma vez o sua parcela de vida, e pedia em nome daquela carta, expressão antiga de um amor desenganado e esquecido. Estela sufocava esse sentimento, mas eles vinham. Após alguns minutos, deixou a janela, voltou à cadeira onde estava. Luís Garcia lia então um pedaço de jornal. Não chegou a levantar os olhos. Na frente, Iaiá tinha os olhos colocados na madrastra. Tinha ouvido no início o nome de Jorge, mas não prestou muita atenção; mas uma ou duas palavras soltas do pai despertaram sua curiosidade. Iaiá ergueu a cabeça, inclinou-a depois, ouviu a confidência do pai, mesmo que tenha sido feita em voz baixa, e enfim não retirou mais os olhos de Estela. Viu-a receber a carta, com a mão trêmula; viu-a a empalidecer ainda mais; viu-lhe a confusão e o embaraço. Por que o embaraço e a confusão? Um amor extinto de Jorge, uma paixão que o tinha levado à guerra, o que tinha ela, o que tinham eles três com isso? Iaiá olhou a princípio com curiosidade, depois com espanto, até que os olhos brilharam de esperteza e penetração. O estilete que eles escondiam desdobrou a ponta aguda e fina, e foi ao fundo da consciência de Estela.

Era um olhar intenso, de águia, profundo, que sentia o coração da outra, ouvia o sangue correr nas veias e penetrava no cérebro cheio de pensamentos vagos, turvos, sem ligação. Iaiá adivinhou o passado de Estela; mas adivinhou demais. Pensou na realidade até cair no possível. Supôs um vínculo anterior ao casamento, terminado contra a vontade de ambos, talvez persistente, mau gosto aos tempos e às coisas. Uma simples inocência de dezessete anos viu tudo isso. Seu pensamento cristalino e virgem, nunca marcado pela experiência, ignorava até as primeiras desconfianças de moça. Não tinha **ideia** do mal; não conhecia as mudanças do coração. Jardim fechado, como a esposa do Cântico de Salomão, viu de repente abrir uma porta, e esses dez minutos foram a sua puberdade moral. A criança tinha passado: virava mulher.

A impressão foi tão profunda, que apesar da força de resistência que havia em sua mente, Iaiá não pôde ficar ali mais tempo. Saiu e escondeu-se no quarto. Certo, aquele amor intruso, se o havia, era para maltratar e fazer sofrer um coração de filha, amassado de ternura, para o qual a forma superior e exclusiva do sentimento era a paixão que a prendia a seu pai, como um vínculo indestrutível. Depois, vinha o afeto que tinha pela madrasta, sua mãe eletiva, afeto sincero e real, e que agora já podia diminuir, quem sabe até se morrer totalmente?

Sentada na beira da cama, com os pés juntos, as mãos fechadas entre os joelhos, os olhos cravados no espelho que lhe ficava na frente, Iaiá articulava mentalmente sua descoberta. Comparava o que acabou de ver com os fatos anteriores, de todos os dias, isto é, a frieza, a indiferença, a estrita polidez dos dois, e mal podia combinar uma e outra coisa; mas ao mesmo tempo lembrava que nem sempre estava presente quando Jorge ia ali, ou fugia muita vez, e podia ser que a indiferença não passasse de uma máscara. Além do mais a comoção da madrasta era significativa. Buscou lembranças mais antigas, até o dia da primeira visita de Jorge, e se lembrou que ele tinha estremecido ouvindo a voz de Estela, coisa que lhe pareceu então indiferente. Agora via que não.

Passou uma hora toda nesse pensar solitário, a sós com a suspeita e o remorso. Também remorso, porque de vez em quando impressionada com a vista do caminho andado, a alma recuava e estremecia; tinha horror de si mesma. Mas a figura pálida da madrasta surgia ao pé dela, com a expressão que tinha visto pouco antes, e a consciência fazia as pazes com a malícia.

Veja a **consequência**. Estela não era culpada; um incidente do passado é que criava tamanha sombra na vida presente; mas bastou o espetáculo da comoção para mexer com o espírito da enteada e lançar lá dentro os primeiros germens da ciência do mal. O que aconteceria se fosse culpada? Talvez o mais desagradável resultado dos desvios domésticos é essa corrupção dos corações ingênuos, testemunhas do que ignoram um dia, do que suspeitam, descobrem e sabem na manhã seguinte: primeira perda da virgindade.

Iaiá agitava-se no quarto, de um lado para outro lado, desejosa e receosa ao mesmo tempo de se encontrar com Estela. Duas vezes chegou à porta e voltou. Uma das vezes, voltando para dentro, viu retrato do pai que estava junto à cabeceira da cama, — uma simples fotografia. Tirou dali, contemplou demoradamente o rosto sério e puro. Veja! Haveria na terra quem o amasse uma vez e não sentisse que o amor tomaria conta de si completamente? Tão afetuoso! Tão bom! Vivendo exclusivamente para os seus, sem invejar nada ao resto dos homens. Isto lhe dizia o coração, enquanto ela ia beijando o retrato com respeito, com amor, por fim com delírio. Lágrimas grossas e quentes caíam dos olhos; Iaiá deixou cair: secou cada uma com seus próprios beijos. Quando essa primeira emoção passou, não se repetiu mais. Seco os olhos, Iaiá pôde friamente refletir, e a reflexão dominou a angústia.

O que se passou naquele cérebro ainda imaturo, mas já robusto, foi uma resolução sem plano. Era essencial e urgente desvendar essa história, não pensou na forma de fazer isso. Sua inocência, assim como escondia dela a extensão possível do mal, assim também lhe encobria as asperezas e as dificuldades da execução. Seu coração lhe designava esse papel de anjo guardador. Natureza simples e intacta, ia corretamente ao fim sem o medo que a experiência dá e a contemplação da vida. Quem sabe? Não conhecia a hipocrisia, mas acabava de suspeitá-la; começava talvez a aprendê-la.

Tinha demorado muito e era preciso sair do quarto; mas, como tivesse chorado, podiam perceber os vestígios da dor. Iaiá foi ao banheiro, colocou água na bacia e começou a lavar os olhos e o rosto. O barulho da água impediu-lhe ouvir que alguém abria a porta. Estela apareceu para ela repentinamente.

— O que faz você aqui há tanto tempo? Disse a madrastra, parando à porta.

Iaiá não se atreveu a olhar de rosto para ela; pensou uma resposta para fugir e continuou o que estava fazendo.

— Que tens? Perguntou Estela pegando em seus braços e fazendo-a voltar para si. Você chorou?... Chorou, sim; tem os olhos vermelhos. Que foi? Iaiá, fala; que foi?

— Não é nada, respondeu a outra procurando sorrir.

— Não minta, Iaiá.

A enteada olhou de relance para o espelho; viu que era inútil mentir.

— Foi uma tolice, disse ela.

— Alguma travessura?

— Antes fosse!

Iaiá pegou do retrato que tinha colocado na borda do mármore da pia, e olhou alguns instantes para ele. Estela quis abraçá-la a si, mas a enteada afastou com o corpo.

— Trata-se... de teu pai? Perguntou a madrastra.

Iaiá fitou-a e respondeu:

— Sim, mamãezinha; estava a tirar a poeira do retrato de papai, e comecei a pensar... foi uma loucura... se ele... morresse?

Estela repreendeu-a com uma interjeição; Iaiá quis continuar, mas a outra interrompeu-a impetuosamente:

— Não diga isso, disse; não pense em tolices. Me dê o retrato.

— Não é verdade que ele é o melhor dos homens? Perguntou Iaiá, enquanto Estela pendurava o retrato.

A única resposta da madrastra foi caminhar para ela e lhe dizer que nunca mais pensasse em semelhante coisa.

— Eu sou dona dos meus pensamentos, respondeu a moça, erguendo os ombros.

Após alguns segundos de silêncio, Estela percebeu que alguma coisa preocupava a enteada, e disse. Iaiá respondeu negativamente. Mas Estela insistiu:

— Você não está do mesmo jeito, e esses olhos andam vagamente de um lado para outro. Talvez... quem sabe...

— Não é isso que a senhora pensa, interrompeu Iaiá secamente.

Depois sentou-se, olhando para o jardim, e mordendo o lábio, que tremia, e apertando os seios com a mão. Estela ficou um instante calada; enfim sacudiu bondosamente a cabeça e se aproximou da menina.

— Você não confia em mim, Iaiá, disse ela colocando a mão em seu ombro. Se confiasse, me diria em que pensas, porque é claro que é em alguma coisa. Não é difícil deixar de pensar no Procópio Dias;

acho até que é a coisa mais fácil; mas não será algum pensamento do mesmo tipo? Anda; seja franca; sou apenas tua madrastra, e pouco mais velha que tu; posso ouvir tuas confidências e te aconselhar. Onde você encontrará amiga melhor do que eu?

Iaiá tinha controlado a primeira sensação; vestiu completamente a máscara da **tranquilidade**, enquanto não a substituía por outra. Levantou-se e disse com ousadia:

— Está bem, vou lhe dizer uma coisa... não... suponha... é melhor supor... tenho vergonha de dizer a verdade. Suponha que tive um amor de colégio...

— Tu? Aos treze anos!

— Aos doze e meio.

— Bonito! Não foi começar tarde. Esse amor logicamente acabou nos braços da última boneca.

— Imagine que não, disse Iaiá em tom sério. Ora, se eu tiver de casar com o Procópio Dias...

— Quem falou com você em casar com ele?

— Por ora é engraçado; mas, se ele teimar, é possível que nem a senhora nem papai digam o contrário, e ainda mais possível que eu me deixe vencer para agradar a todos. Mas é este o ponto de minha confidência; é uma **ideia** que me persegue há dias. Eu devo casar com um homem amando outro? Posso fazê-lo? Devo fazê-lo?

Estela estremeceu levemente, sob o olhar insensível e puro da enteada, e não respondeu logo. Iaiá parecia respirar com esse embaraço de um minuto; mas ao mesmo tempo o coração sangrava, porque o embaraço era a confirmação de suas recentes suposições. A madrastra não tinha a malícia da enteada; além disso, como achar nela o conhecimento de um fato antigo e não divulgado? Estela nem pensou nisso. Passou o minuto, e ela respondeu com **tranquilidade**:

— Não deves casar, se o amor pode ser realizado sem obstáculos. No caso contrário, o casamento é uma simples escolha da razão: sacrifício.

Iaiá, que tinha uma das mãos da madrastra entre as suas, largou-a subitamente. Estela riu, e bateu em sua testa com a ponta do dedo.

— Esta cabecinha! Disse ela. Aqui dentro há muita coisa que é preciso capinar...

No primeiro instante, Iaiá empalideceu. Ao último gesto de Estela, respondeu com um sorriso forçado e sem cor. Logo que

ela saiu, sentou na cadeira e colocou o rosto nas mãos. Quando dali saiu, meia hora depois, não trazia nenhum sinal de lágrimas, ou sequer de tristeza. Não vinha alegre, claro; serena, sim, daquela serenidade com que o caçador do sertão se dispõe a encarar a onça.

Jorge foi jantar, e pela tarde apareceu Procópio Dias. Durante o jantar e a noite, Iaiá chamou a atenção da família e dos estranhos, pela alteração de seus modos. Estava um pouco pálida, mas a luz viva dos olhos parecia mostrar ao rosto uma porção do colorido que não estava presente. Mostrou-se expansiva, e não brincalhona. Suas frases eram longas, deduzidas, iam até o fim do pensamento, sem as interrupções e saltos do costume. Normalmente, parecia que a moça pensava por fragmentos, porque era quase impossível ter uma conversa inteira e ordenada com ela. Naquele dia era o contrário. Era como se a alma tirasse a roupa de bailarina, para enfiar um roupão caseiro, simples, apertado, longo até o pescoço. Era melhor assim? Era pior? Nem uma nem outra coisa; era uma aparência nova.

Mais do que ninguém, Jorge percebeu essa alteração, porque em relação a ele a moça também havia mudado alguma coisa. Iaiá havia sentido nesse dia mais repugnância do que nunca ao ver o filho de Valéria, e chegou a recuar instintivamente a mão. Cedeu, porém, e o sorriso com que corrigiu a recusa foi o primeiro que Jorge recebeu diretamente dela. Nesse dia, a moça respondeu-lhe sem custo, e talvez lhe dirigiu a palavra alguma vez; Luís Garcia viu tudo e entendeu que era efeito de suas repreensões.

Nem Luís Garcia nem Jorge poderiam supor que sobre a cabeça da madrasta e da enteada a carta de 1867 agitava as suas letras de fogo. Era uma carta importuna, que não trazia destruição imediata, era a faísca subitamente lançada no amor adormecido de uma e no ódio nascente de outra; Jorge estava longe de o ler no rosto amável de Iaiá, e no olhar fugidio de Estela.

Pouco depois das dez horas a reunião acabou. O Sr. Antunes dormiu nessa noite na casa do genro.

Jorge e Procópio Dias saíram juntos.

— Vai para a cidade a esta hora? Perguntou Jorge.

— Perceba que ainda não me ofereceu cama, disse rindo o outro.

— Mas ofereço-lhe agora.

— Aceito. Precisava justamente conversar com você: negócio grave.

Iaiá Garcia

- Não seria algum fornecimento?
- Nem só de pão vive o homem, acudiu Procópio Dias.
- Que negócio é?
- Uma explicação.
- Sobre...
- Há de ser lá em casa; a noite é escura e as paredes têm ouvidos.



Capítulo XI

Depois de entrar em casa, Procópio Dias não se apressou a dar ou pedir a explicação. Jantou primeiro, porque confessou haver adquirido esse costume, e Jorge não se demorou em acompanhá-lo. A janta improvisada, composta de carnes frias e dois ou três cálices de vinho puro, deixou-o em paz com a natureza. Deito isso, era a hora da explicação.

Ela não veio com facilidade. Reclinado numa poltrona, na qual havia estendido uma das pernas, Procópio Dias fumava com prazer e falava com cuidado, usando a voz pausada de um homem para quem fazer a digestão é o mesmo que meditar. Se alguma **ideia** surgia lá dentro, era difícil perceber através do olhar exausto e mórbido. Entretanto, a curiosidade de Jorge não lhe permitiu mais longa demora e Procópio Dias foi levado a satisfazê-la, quando o moço, parando diante dele, francamente lho pediu.

— Isso me parecia mais fácil do que é, disse ele, principalmente porque, apesar de nos conhecermos há algum tempo, não estou certo da opinião que o senhor forma de mim. Boa?

— Boa.

— Dê-me sua mão. Promete ser franco?

— Prometo.

— Qual das duas o leva à casa de Luís Garcia?

Assustado, Jorge retirou vivamente a mão.

— Bem se vê, disse Procópio Dias; é uma delas.

Passada a primeira impressão, Jorge se sentou **tranquilamente**, porém menos do que parecia estar.

— Na verdade, a sua pergunta é uma das mais esquisitas que eu esperava ouvir. Você ignora as relações de amizade que me prendem àquela casa, relações que herdei de minha família, e que eu apenas continuo? Qual das duas! Não há ali duas; há uma, uma somente, uma... e...

— Não é essa? Não é Iaiá?

Jorge fez um gesto negativo.

— Acredito que me devolve a **tranquilidade** ao coração, disse Procópio Dias sentando-se de todo. Você não é meu rival? não tem nenhuma **ideia**?... nenhuma **ideia** vaga?... É isso o que preciso saber... é só isso, e é tudo.

— O senhor gosta de Iaiá?

Procópio Dias fez primeiro um gesto afirmativo; depois bal-

buciu a confissão plena de seus sentimentos, mas com um ar de envergonhado, meio sincero e meio fingido, e tão a ponto e natural, que era difícil saber onde acabava a sinceridade e onde começava a fingimento. Animou-se de pouco em pouco; e não lhe escondeu nada. Confessou que o filha de Luís Garcia lhe transtornara de todo o espírito e que ele estava resolvido aos maiores sacrifícios para ter sua mão.

— Às vezes eu achava que o senhor andava nos meus limites, concluiu ele, **ideia** que me atormentava, porque o senhor tem vantagens incontestáveis sobre mim. A suspeita se ia e eu ficava **tranquilo**. Hoje, porém, confesso que a suspeita reapareceu e entrou a me devorar o coração; e ainda assim, tinha pausas, porque ora me parecia que o seu objetivo era laiá, ora que era a outra...

— Perdão, interrompeu Jorge; eu já lhe disse o que devia, e não posso consentir que voltemos ao mesmo ponto. Uma de suas suspeitas é ofensiva para mim.

— Tem razão; eu devia ter imaginado, concordou Procópio Dias. Mas o que quer? Não se deve julgar os dementes e os namorados. Perdoa-me? Em todo caso, pode crer que a minha intenção não é a melhor. Não sou rigoroso; sei que as paixões mandam nos homens, e que a força de tentar resistir não é vulgar. Por isso mesmo é que se leva em conta a virtude. No dia em que a natureza se fizer comunista e distribuir igualmente as boas qualidades morais, a virtude deixa de ser uma riqueza; fica sendo coisa nenhuma.

— Deixe-me falar com franqueza, disse Jorge, rindo; eu acho que o senhor é ainda menos rigoroso do que diz. Parece que se a sua suspeita, em relação à outra, tivesse fundamento, o senhor não me ouviria com indignação.

— Talvez o admirasse.

Jorge não disse nada; olhou somente para o interlocutor, com um ar de espanto, a que o outro sorriu bondosamente. Houve uma curta pausa. Procópio Dias rompeu enfim o silêncio:

— Talvez estimasse, sem deixar de me indignar depois; isto é, a indignação no momento seria abafada pelo interesse. Concorde comigo, doutor; sejamos justos com a natureza humana. Virtudes perfeitas são invenções de poetas. Não me fazia boa vista que o senhor gostasse da outra, e menos ainda que ela lhe correspondesse, porque, em suma, querendo entrar na família, não desejaria que a família tivesse a menor mancha. Esta é a realidade. Mas eu amo, doutor; e por mais ridícula que pareça esta confissão, por mais

Iaiá Garcia

grosseira que seja a minha casca, a verdade é que amo a enteada apaixonadamente: é o meu pensamento de todos os dias. Ora, dado que o senhor amasse a outra, qual seria o primeiro movimento do meu coração? Ligá-los ao meu interesse. Desde que entre os dois houvesse um segredo, e que esse segredo fosse descoberto ou suspeitado por mim, o senhor e ela eram os meus melhores aliados, e a resistência daquela menina, e a vontade do pai, tudo cedia em meu favor.

Procópio Dias disse estas palavras com simplicidade e convicção. Seus olhos escuros pareciam duas portas abertas sobre a consciência. A expressão do rosto era a de um cinismo puro. Jorge olhou para ele por alguns instantes sem dizer qualquer palavra, parecendo vencido pela reflexão. Ouvia impressionado e satisfeito. Tanta franqueza não mostrava que Procópio Dias já não suspeitava nada? Jorge sorriu e replicou:

— O que o senhor acaba de dizer não será animador, mas me convenço que é a pura realidade. Admira-me somente que tenha tanta profundidade e superioridade para ver e confessar os vícios da natureza humana...

— Sou prático, disse o outro sorrindo. Dificilmente me irritado, mesmo que às vezes confunda o que é fraqueza ou perversão. Assim, por exemplo, eu não ficaria querendo mal se o senhor houvesse me iludido agora sobre seus sentimentos, porque o seu interesse e o seu dever é negá-los.

— Perdão; já lhe dei minha palavra...

— Não deu, nem eu lhe pedi, nem pediria, porque a palavra de honra não obriga a consciência, quando é dada para salvar uma questão de honra. O senhor poderia dá-la sem sinceridade nem remorso. Já não é a mesma coisa se me jurasse, porque o juramento, invocando o testemunho de um parente superior, esse obriga a consciência a dizer a verdade.

— Não exige de mim que jure, espero eu? Disse Jorge.

— Há ainda uma raiz de dúvida, em meu coração, replicou Procópio Dias sorrindo.

— Pois lhe juro...

Procópio Dias levantou-se de súbito.

— Não precisa mais, exclamou ele lhe apertando as mãos. Agora creio; creio de todo. Não é meu rival, nem corrompe a família a que pretendo me unir. Se soubesse o prazer que me deu com a sua última palavra! Obrigado!

Agora creio. Ria de mim, pode rir; eu creio que esta atitude pode ter um lado estranho, — há de ter certamente. O que lhe confesso é que se minha felicidade não é completa depende somente da sorte, não dos homens...

Sentou-se depois destas palavras, proferidas quase sem respirar. Jorge acompanhou-o nessa demonstração de felicidade. Pareciam satisfeitos um com outro. Procópio Dias confessou que era a primeira pessoa a quem falava de seus sentimentos, e não se envergonhava de dizer que, depois de alguns meses, não podia saber nada do coração da moça. Às vezes supunha ser aceito; outras, e eram as mais numerosas, tinha a persuasão contrária.

— O senhor naturalmente a conhece e sabe que contradição é aquela mocinha, disse ele. Há ocasiões em que sua familiaridade comigo chega quase à sedução. Talvez exagero; mas que posso pensar de uma moça que me pede instantemente que vá lá, em certo dia, com um modo sério e cheio de promessas? Digo-lhe sim; vou, e me recebe com um poema, ri de mim; abusa da paciência e não sei se do amor, porque, mesmo que não lhe tenha dito nada, acho natural que ela tenha descoberto nos meus olhos. Se fico despeitado e resolvido a não voltar lá, ela torna-se mansa, como uma pomba, carinhosa, macia, e o meu despeito se vai, e eu continuo a minha viagem interminável.

— Nunca lhe deu a entender nada, ao menos por alusão?

— Nunca; receio que não.

— Não creia; eu suponho que ela gosta do senhor.

— O senhor acha?

— Não; mas é o que concluo do que me contou. As mulheres têm às vezes caprichos; e há naquela uns restos de criança, que a faz ainda mais caprichosa. Meu raciocínio é este: se ela percebeu, e não o repele absolutamente, é porque o senhor ainda pode ter esperanças...

Procópio Dias não pôde exprimir a alegria que estas palavras de Jorge lhe colocaram na alma; seus olhos brilharam de uma luz estranha, depois fecharam-se, enquanto a cabeça pendeu para trás, de um jeito sofredor. Durante essa pausa de alguns minutos, Jorge pôde analisar as feições de Procópio Dias, pouco propícias a chamar a atenção de uns olhos de dezesseis anos, e achou natural que laiá não se sentisse tomada de um entusiasmo cego. Contudo, não era impossível corresponder-lhe de algum modo, se a razão tomasse

Iaiá Garcia

as rédeas ao coração. Jorge acreditava até que houvesse em Iaiá uma semente de simpatia, que bastava fazer germinar.

Entrando em seu quarto, Procópio Dias estava longe de ter sono; a excitação o deixava esperto. Entrou, abriu a janela e olhou ao longe. O aroma vivo das plantas da chácara ainda mais o inspirou. Não era homem de contemplar estrelas nem de fazer filosofias acerca da solidão noturna e do sono das coisas; limitou-se a pensar no que acabava de ouvir.

— Gosta da Estela, murmurou ele; antes de jurar podia ser duvidoso; depois do juramento é positivo. Se ela não gosta dele faz mal; é um rapaz de luxo.

Depois, abriu as asas ao pensamento e foi direito a Iaiá, andando pelo espaço e derrubando paredes: foi e contemplou o seu sono de virgem que ele supunha ser quieto e puro, mas que, a essa mesma hora, era turbado e já complicado das **ideias** do mal. Procópio Dias deixou-se ir ao sabor da paixão, que era viva e sincera, mas própria da natureza dele, isto é, uma conspiração surda e misteriosa de todas as forças sensuais; paixão que não procedia de nenhuma origem moral e superior, e tinha, além do mais, as aparências de outro amor, e até os seus tormentos, ambições e sacrifícios.

A figura pura e santa de Iaiá aparecera a ele um dia, repentinamente, como uma visão. Se ele a visse em algum salão da alta sociedade pensaria nela uma noite, talvez uma semana, até esquecê-la ou substituí-la. Mas o que o prendeu a Iaiá Garcia foi justamente a simplicidade do nascimento. Possuí-la era fazer-lhe um favor. Quantas outras não chamaram sua atenção, ao descer de uma carruagem, ou ao tocar maliciosamente o seu corpo na dança de bom gosto? Ele as via passar ou estar, com os ombros nus ou cingidos de roupas elegantes, risonhas umas, outras sérias, todas orgulhosas e compassadas, e sentia que seus anos, rosto e jeitos de agir o distanciavam delas; não era difícil apagá-las da memória.

Iaiá teria antes de agradecer a escolha; era a sua convicção, foi o que mais o ligou à filha de Luís Garcia. Quando a moça refletisse que acharia no marido a satisfação de todas as vontades do luxo, o gozo das coisas superfinas, elegantes e raras, devia concordar por força e preferi-lo negando qualquer um que lhe desse apenas o coração, trabalho e necessidades. Uma vez brotada a **ideia**, cresceu e **tomou-lhe** o cérebro todo. Iaiá era então a figura presente a seus olhos, ora divina e casta, ora ardente e diabólica — diabólica, porque ele em sua imaginação já a tinha, antes mesmo de a possuir.

No dia seguinte acordaram tarde e almoçaram juntos, sem tocar no assunto da noite anterior. No fim do almoço, Procópio Dias referiu-se ele, dizendo que fora excessivo na noite anterior, e pedindo a Jorge que o não levasse a mal; pois tudo era filho de um sentimento que não peca por moderado na suspeita, nem igualmente na apreciação.

— Não podia atribuir-lhe outro motivo, respondeu Jorge sorrindo.

— Não ficou mal para mim?

— Mal? A prova é que, se dependesse de mim casá-lo, **casava-o** amanhã mesmo.

Procópio Dias agradeceu a simpatia e o favor, e saiu. Jorge foi dali vestir-se para passar alguns minutos no escritório. Enquanto se vestia, pensava na situação do ex-fornecedor do exército. Não eram amigos, mas o caso de Procópio Dias interessava-o; era simpático a seus olhos. Não se perguntou se essa simpatia brotava do medo; convenceu-se ingenuamente do contrário. Um marido apaixonado e rico! Duas vantagens que uma moça nas condições de Iaiá devia aceitar com as duas mãos. Talvez Procópio Dias não fosse mal aceito ao coração da moça; somente, havia nesta uns restos de criança, que o tempo apagaria.

— Naquela idade um pretendente é uma espécie de boneca, dizia Jorge atando a gravata; o que é preciso, a todo trance, é transformar a boneca num esposo.

Chegando ao escritório, ao meio-dia, Jorge encontrou o Sr. Antunes transtornado. Tinha dormido até onze horas, chegou tarde à casa em que trabalhava, o patrão o convidou a pedir demissão. Era uma pequena casa de comércio, onde o Sr. Antunes, que entendia de escrituração mercantil, trabalhava desde algum tempo, graças ao favor de Jorge:

— Mas já foi despedido? Perguntou este.

— Devo fazer as minhas contas e sair no fim do mês.

Jorge escreveu duas linhas ao patrão do Sr. Antunes. De tarde, foi este a Santa Teresa. Jorge ia se sentar à mesa do jantar; o Sr. Antunes já tinha jantado, mas o acompanhou.

— Venha, venha, disse o moço; preciso conversar com o senhor.

Envergonhado e tímido, o Sr. Antunes sentou-se na frente de Jorge, que não lhe disse nada durante os primeiros minutos. Jorge falou enfim, repreendendo-o amigavelmente; disse-lhe

Iaiá Garcia

que as exigências do comerciante não eram fora do normal, e em todo caso não tinha como negá-las, a não ser que quisesse deixar a casa.

— Isso mesmo, disse o pai de Estela.

— Não faça isso; não se ganha nada em andar de emprego em emprego. Além do mais, francamente, não vejo que entrar antes das dez horas seja coisa difícil. Seu genro faz isso há muitos anos.

— Meu genro!... meu genro!... disse o Sr. Antunes sacudindo a cabeça com um gesto de enfado.

Jorge fingiu não atender ao gesto e ao tom do pai de Estela, e tratou de o converter à pontualidade, coisa que começava a ser difícil, porque o Sr. Antunes entrava já nas comodidades; preferia o favor ao trabalho, e os anos contribuíam para esse amor a fazer nada e do benefício gratuito. A maior ambição que o animou, se a sorte a tivesse realizado, daria a ele todas as formas de envelhecer **tranquilo**.

Agora tinha enfraquecido; e o corpo, embora firme, começava a querer não fazer nada, última vontade de uma vida sem dignidade.

Jorge deixou o assunto para não envergonhar o antigo protegido de seu pai, e acabou o jantar alegremente. No fim recebeu um bilhete de Procópio Dias. “Não imagina, dizia este, que dia tenho passado, depois da nossa conversa de ontem. Teimo em dizer que fui excessivo, e ainda uma vez lhe peço me desculpe por isso. O senhor poderia castigar um doido? O amor não tem culpa. Queime este bilhete; e em todo caso não o revele a ninguém, sobretudo à pessoa de que se trata.” Jorge sorriu e releu o bilhete; depois fechou-o na secretária e escreveu esta simples resposta:

“Mais uma vez, não há que perdoar. O senhor foi apenas desconfiado, como todos os ciumentos; mas, como não inventou o ciúme, não lhe culpo por isso.” Entregue a resposta, Jorge olhou para o Sr. Antunes, que fumava discretamente um charuto do jovem.

— Ouvi dizer hoje uma coisa, disse Jorge com ar indiferente; ouvi dizer que Iaiá vai casar.

— Casar? Repetiu o Sr. Antunes com um susto. E depois de um instante: — É possível; naquela casa o último que sabe das coisas sou eu.

— Talvez não passe de invenção. Nem me disseram com quem. Provavelmente há algum namorado ou aparência disso, e então os fofoqueiros vão logo ao fim. Mas será que há algum pretendente ou namorado?...

— Que eu saiba, nada, asseverou o Sr. Antunes. E até, deixe-me dizer-lhe o que penso, duvido que ela pense por ora em algo assim. Aquela menina não tem cabeça.

— Oh! Exclamou Jorge rindo.

— Não tem, digo-lhe eu. Está ali, está no hospício. Não se pode dizer que seja travessura, porque não está em idade disso; é pancada. Se soubesse as coisas que ela faz às vezes!

— Não me parece; quando a vejo, é sempre com um modo comedido, e muitas vezes sério...

— Lá isso, é porque ela não gosta do senhor.

— Não gosta de mim? Perguntou Jorge admirado.

— Não digo que absolutamente não goste, disse o pai de Estela; não lhe tem muita simpatia, é o que é.

— Como sabe você disso?

— Ouvi uma vez o pai repreendê-la, porque de propósito tinha dado as costas ao senhor; e então ela levantou os ombros, assim com um ar de pouco caso. O pai tornou a dizer que aquilo não era bonito, mas perdeu o tempo; laiá fez cara de desdém, com a testa franzida, e eu saí porque já não podia aturar nem um nem outro.

Jorge ficou alguns instantes pensativo. Era verdade que laiá o tratava sempre com muito cuidado e frieza; mas, visto que isso não significasse simpatia, e até lhe sentisse alguma hostilidade, estava longe de achar que era aversão declarada. Do gesto que o Sr. Antunes tinha falado, não se lembrava totalmente; mas era possível. Além do mais, pensou ele, o Sr. Antunes não o inventaria na ocasião; não era caluniador; faltava-lhe essa característica. Mas, por que motivo ela não gostaria dele? Era a segunda vez que Jorge fazia essa pergunta, sem lhe achar resposta coerente. Em seguida, recordou-se da noite anterior, e disse ao pai de Estela que laiá o tratara na véspera com alguma gentileza.

— Milagre de ano bom! Explicou o Sr. Antunes. Também lhe digo que não perde nada se ela não gostar do senhor; é uma sorte. Porque ela, quando gosta de uma pessoa, é de fazer-lhe perder a paciência.

— Mas parece ter bom coração; e creio que gosta muito do pai.

— Estela também gosta de mim.

Jorge encerrou neste ponto a conversação. Seu pensamento voltou à revelação do Sr. Antunes. Por mais indiferente que laiá lhe fosse, Jorge sentia-se agredido com a certeza de que a moça não gostava dele. Por que seria? Simples antipatia ou outra coisa?

Iaiá Garcia

A preocupação passou na tarde do dia seguinte, quando Jorge apareceu na casa de Luís Garcia. Foi a própria Iaiá quem veio abrir a porta do jardim dizendo, alegremente: — Entre, Sr. doutor, já era esperado. Jorge não pôde esconder o assombro que lhe produzira aquela recepção; nem o assombro nem a alegria.

Entrou e estendeu-lhe a mão.

— Não posso, tornou a moça mostrando a sua, fechada; só se adivinhar o que está aqui dentro.

— Não é uma estrela.

— Não, senhor; é um cavalo.

No fundo do jardim estava Luís Garcia, com o tabuleiro do xadrez: acabava de dar uma aula à filha, que lhe pediu desde antes do jantar. Iaiá levou o filho de Valéria até lá. Pela primeira vez sentou-se ao pé dos dois para vê-los jogar; apoiou os cotovelos na mesa e encostou o queixo nas mãos; queria aprender, dizia ela, em três semanas.

— Três semanas! Repetiu o pai a sorrir e a olhar para Jorge.

Das qualidades necessárias ao xadrez, Iaiá possuía as duas essenciais: olho de esperto e paciência de um monge; qualidades preciosas na vida, que também é um xadrez, com seus problemas e partidas, umas ganhas, outras perdidas, outras nulas.



Capítulo XII

Quinze dias depois, Procópio Dias apareceu na casa de Jorge com uma roupa e um rosto de luto. De Buenos Aires chegou no dia anterior, à tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente, notícia que o obrigava a embarcar no dia seguinte e a demorar no Rio da Prata cinco a seis semanas. Não se pode dizer que ele estivesse triste; estava sério; e a seriedade dá ao homem que ri habitualmente uma aparência de tristeza. Estava sério e preocupado. A viagem a Buenos Aires não tinha a finalidade de ver o cadáver do irmão, mas a herança, que mesmo que não fosse grande, valia alguma coisa.

Procópio Dias ofereceu seus serviços ao filho de Valéria, que de sua parte prometeu-lhe algumas cartas de apresentação, se precisasse. Procópio Dias aceitou uma. Jorge levou uma no dia seguinte. Ele recebeu com demonstração de agradecimento e quase ternura. E depois de um momento de silêncio:

— Agora entrego-lhe pessoalmente esta carta, que devia ser levada amanhã por um portador.

Jorge quis abrir: — Não, disse o outro; prometa-me que só a abrirá amanhã.

— Por que não hoje de noite?

— Podia ser hoje de noite; mas é bom que entre a lembrança da despedida e a leitura desse papel passe o tempo de uma noite de sono. Talvez seu juízo seja diferente. Jorge prometeu. Procópio Dias partiu. No dia seguinte abriu a carta e leu estas poucas palavras: “Seja o meu anjo da guarda durante a minha ausência”.

— Por que não? Disse ele consigo.

De tarde, saiu, passeando pelo canal, segundo costumava, e ia pensando seriamente na possibilidade de casar os dois. Naquelas duas semanas teve tempo de apreciar um pouco as qualidades da moça, que lhe pareceram boas, mesmo que achasse também alguma coisa original, misteriosa ou romanesca, muito acima da compreensão ou do sentimento de Procópio Dias. Jorge não se iludia acerca da paixão do pretendente; acreditava ser sincera, mas não lhe atribuía a virgindade das primeiras ou das segundas emoções: era uma paixão da última hora, um ocaso ardente e alimentado entre o dia que lá ia, e a noite que não tardava a escurecer tudo. Ainda assim a união lhe parecia conveniente. Iaiá possuía certamente a força necessária para dominar desde logo

o marido; e o homem preso teria ao seu pé, em vez de um abutre a bicar seu fígado, uma formosa pomba destinada a prolongar suas ilusões da juventude.

Se eram boas as impressões que laiá lhe deixara nos últimos dias, não eram ainda assim isentas de algum enfado, aliás passageiro. Uma ou duas vezes, laiá lhe pareceu singularmente grosseira, e sem motivo nem duração. Essas situações, porém, eram logo recompensadas por uma afabilidade, que parecia mais viva, mais barulhenta, talvez um pouco importuna. Ocasão houve em que Estela disse à enteada, com um sorriso de repreensão: — Não importune o Sr. doutor Jorge. Não compreendeu Jorge por que motivo essa palavra simples, dita em tom brando, deu ao rosto de laiá uma expressão indignada; lembrava-se, porém, que a expressão foi passageira, e que ela passou de raiva à habitual alegria: — Bem vê, disse Estela, bem se vê que é uma criança.

Jorge refletia assim, e já de volta, quando ouviu uma voz que dizia o seu nome. Era laiá que descia da casa da velha empregada. Jorge parou.

— Em que está pensando? Disse ela.

— Na senhora, respondeu o moço afoitamente, depois de verificar que ninguém os podia ouvir.

laiá caminhou até à rua, acompanhada de um homem velho, o irmão de Maria das Dores.

— Que anda fazendo aqui? Continuou Jorge inclinando o rosto — Vim visitar a Maria das Dores. Coitada! Está tão doente!

— Bem; eu logo lhe direi o que é; vá ver a doente.

— Já a vi; estou voltando agora para casa. O Sr. João vai me acompanhar.

— Deixa-me acompanhá-la também? Perguntou.

— Deixo; mas é só por ser curiosa. Quero saber o que ia pensando a meu respeito. Vamos, Sr. João?

Jorge colocou-se ao lado dela; laiá pegou afoitamente o outro braço.

— Vá, conte-me tudo.

— O Procópio Dias viajou hoje.

laiá, que já havia dado os primeiros passos, parou.

— Para onde? Disse.

— Para o Rio da Prata; um irmão seu morreu em Buenos Aires.

— Mas sem se despedir de nós!

— Naturalmente, doía fazer isso, e quis se poupar da dor da

Iaiá Garcia

separação. Esteve, porém, comigo e me prometeu que a demora seria curta. Viu-se muito aflito com a viagem, tão aflito que não sei se lhe digo que era... era, certamente, era maior a dor da viagem do que a da morte do irmão. Talvez lhe faça mal nisto, mas parecia.

— Por quê? Perguntou a moça erguendo os olhos para ele.

— Não sei se lhe deva dizer por que, acudiu Jorge. E daí, não se tratando de nenhuma coisa do outro mundo... É verdade que as moças bonitas, como a senhora, costumam ser cruéis... Não sei... Há situações um pouco...

— Ridículas, concluiu Iaiá.

— Como ridículas?

— Por exemplo, a sua.

Jorge vacilou um pouco; mas a um homem de sociedade, Iaiá não parecia ter força para fazer perder o equilíbrio.

Sorriu levemente, e respondeu sem cinismo:

— Não é ridículo ser afetuoso; eu cuidava responder à linguagem de seu coração.

— Pensemos que a ausência de Procópio Dias me deixava saudades...

— Pensemos.

— Que tem o senhor com isso?

A resposta de Jorge foi um simples gesto negativo. Contudo, não pôde zangar-se, porque sentia tremer o braço da moça, e olhando de lado para ela via que estava pálida e com os olhos no chão. Se a palidez e o tremor eram de raiva não chegou a saber; mas provavelmente não era outra coisa, porque ao final de três a quatro minutos, Iaiá ergueu os olhos e estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Façamos as pazes.

— Nunca estivemos em guerra, acho eu.

— Talvez quase guerra.

— Não por culpa minha...

— Nem minha, acudiu a moça. E erguendo o chapéu de sol para o céu. — Talvez por culpa daquele, disse ela suspirando.

Após o suspiro, veio uma risadinha seca e forçada, mas longa ainda assim como o som de uma batida no cristal. Tinham andado poucos minutos, e esses poucos eram já de sobra para despertar a curiosidade de Jorge, e para lhe dar direito a pedir uma explicação. Jorge pediu de forma gentil, perguntando por que razão era o céu culpado em uma guerra que devia acontecer entre os dois, e sobretudo qual seria o motivo dessa guerra. Iaiá refletiu

um instante, e começou a falar com os olhos baixos.

— O motivo é o senhor mesmo, disse ela.

— Eu?

— O senhor, que é meu inimigo, que me detesta. Não me dirá que mal eu lhe fiz? Continuou ela erguendo subitamente os olhos. Desnecessário fazer esse gesto de espanto; sei que o senhor me detesta e, por mais que pergunte a mim mesma, não sei, não me recordo... Diga, fale com franqueza.

— Pois bem! Exclamou Jorge. Vejo que havia entre nós um desentendimento; e é chegada a ocasião de desfazê-lo.

Quer que lhe fale com franqueza? O inimigo não sou eu, é a senhora; é a senhora, ou antes, era ou parecia ser. Agora compreendo; retribuía a mim a aversão que achava que eu tinha a você. Melhor assim! Vamos fazer as pazes de uma vez.

Iaiá apertou a mão que ele lhe ofereceu e chegaram alegremente em casa. Jorge quis se retirar logo, mas Jorge foi levado a entrar por alguns minutos. Luís Garcia não estava em casa. Estava o Sr. Antunes. Iaiá mal deu tempo aos primeiros cumprimentos. — Vamos jogar comigo, disse ela.

— Em paz?

— Em paz.

Iaiá preparou o xadrez, no gabinete junto à sala; Jorge **sentou-se** pacientemente diante da adversária, ajustou a posição de duas peças, organizou o resto e adiantou o primeiro peão.

— Vá, disse; é a sua vez.

Iaiá não obedeceu ao convite. Olhava para ele, com ar inquieto.

— Dá-me sua palavra de honra de que me não negará o que lhe vou perguntar? Disse ela depois de alguns instantes de silêncio.

Jorge hesitou um pouco.

— Pode ser.

— Exijo.

— O que ela vai me perguntar que eu não possa confirmar? pensou Jorge. E em voz alta respondeu:

— Dou.

— Foi ele quem lhe pediu...

— O sermão? Interrompeu Jorge sorrindo. Serei franco; foi ele mesmo.

Iaiá baixou os olhos ao tabuleiro, moveu a torre com o bispo, como distraída, e em voz ainda mais baixa do que lhe falara, perguntou:

Iaiá Garcia

— O senhor é homem de segredo?

— Sou, respondeu afoitamente Jorge.

— Pois bem, continuou Iaiá, eu gosto dele, gosto muito, mas não desejo que ele saiba.

— Sêrio? Não está brincando?

— Não estou.

Jorge estendeu-lhe a mão: — Magnífico, disse ele alegre; não é preciso mais. Uma vez que se amam, virão naturalmente a...

Não pôde acabar, porque a moça, levantando-se subitamente, afastou-se da mesa, com um pulo, e se dirigiu à janela, que dava para o jardim. Jorge ficou espantado. Não entendia o que estava ocorrendo. Inclinou-se sobre o tabuleiro e começou a mover as peças, sozinho, sem plano, mecanicamente. Assim jogando, ouvia o som do sapato de Iaiá que feria o ladrilho do chão, com um movimento rápido e nervoso. Durou isto cinco minutos. Iaiá voltou para dentro, saiu da janela e se aproximou da mesa. Jorge ergueu então a cabeça para ela e sorriu.

— Não me diga que ficou zangada comigo? Perguntou com bondade.

— Não; eu é que fui imprudente e não sei se mais alguma coisa.

Jorge disse que não. — Foi ríspida somente, disse ele; e se o foi sem querer, não foi sem causa. Não me dirá que motivo é esse? Acho que não a tratei mal...

— Não.

— Nesse caso, o motivo está na senhora mesma; e se eu não tivesse medo de que se zangasse outra vez comigo, me atreveria a lhe pedir que me contasse tudo —, ou pelo menos alguma coisa.

— Para quê? Vamos jogar.

— Está escurecendo.

— Vou mandar acender as luzes.

Acenderam as luzes; começaram a jogar. Entre eles o xadrez não podia oferecer interesse; mas dado que o pudesse, não seria naquela ocasião. Um e outro estavam distraídos e preocupados. A primeira partida foi concluída, em pouco tempo, quase sem cálculo.

— Outra? Perguntou Iaiá.

— Vamos.

— Antes de começar, disse ela colocando as peças, e sem olhar para Jorge, quero dizer que tem um meio seguro de nunca brigar comigo.

- Qual é?
- É ser meu confidente.
- Senhor de seus segredos?
- Todos
- O meio é fácil; só eu ganho na troca.
- Isso é prova de grande coração.

Já não era a menina ríspida de alguns instantes; disse as últimas palavras com muita graça e tranquilidade. Ao mesmo tempo, continuava a arranjá-las organizadamente as peças. Acabou e se encostou no dorso da cadeira.

- Não me declarou ainda se concorda, disse ela.

Jorge hesitou um instante. Era brincadeira ou proposta séria? A uma brincadeira responde-se com outra, a uma proposta responde-se com seriedade. Jorge não queria colocar nos ombros a responsabilidade dos sentimentos da moça. Quais seriam eles? Que planos despertariam naquele cérebro provavelmente indomável? Não podiam ser outros senão os de seu casamento com Procópio Dias, visto que ela confessava amá-lo. Essa reflexão o fez declarar impulsivamente que aceitava a confiança.

- Sabe o que aceita? Perguntou Iaiá.
 - Imagino.
 - Toque! Disse ela estendendo-lhe a mão.
- Jorge deu-lhe a sua.

— Não se trata em todo caso de nenhum assassinato? perguntou rindo.

- Não.

A segunda partida foi mais animada, mas só por parte de Iaiá. A moça ria às vezes, mas a maior parte do tempo direcionava toda a sua atenção para o jogo. Quando falava, era moderada e dócil. Essa alternativa e contraste de maneiras interessava naquele momento o espírito de Jorge. Que espécie de mulher fosse, mandona como uma governanta, brincalhona como uma criança, incoerente e enigmática, era coisa que ele não podia em tão pouco tempo descobrir; mas o enigma chamava a sua atenção. Enquanto ela tinha os olhos no tabuleiro, Jorge buscava ler sua alma na face lisa e pura; mas não via a alma, via só uns fios castanhos de cabelo, que lhe caíam sobre a testa e voavam levemente ao sopro do vento que entrava pela janela, e lhe davam um ar de criança. A boca fina e pensativa corrigia aquela expressão da cabeça; era a primeira vez que ele descobria nela um forte indício de energia e firmeza.

Iaiá Garcia

Quando era a vez de Jorge, Iaiá afastava o corpo, se encostava na cadeira e ficava olhando para ele, como ele havia olhado para ela. Mas nesse olhar não brilhava curiosidade; era uma luz fraca e opaca, como alheia ao mundo exterior. Encontravam-se assim os olhos de um e de outro, e a partida continuava, até chegar ao fim sem um incidente novo.

Prestes a acabar, Estela entrou no gabinete, sem os interromper. Sentou-se silenciosamente a um canto da janela. O jogo cessou no momento em que entrou Luís Garcia. — Perdi duas partidas, papai, disse a moça; mas por um triz não ganhei a segunda. Jorge quis sair logo depois; foi obrigado a demorar, porque Iaiá lembrou-se de tocar piano. Era a primeira vez que Jorge conseguia ouvi-la. A moça escolheu uma página de Meyerbeer; Jorge havia confessado uma vez que esse era o pianista que mais gostava. Mesmo que não fosse não fosse excelente pianista, Iaiá tinha muito sentimento e gosto, e era o bastante para que a alma do grande pianista colocasse sobre ela suas asas fortes e imortais. Pelo menos, Jorge sentiu o vento vivificante.

No dia seguinte a impressão dele era um tanto complexa e perplexa. Aquela mistura de franqueza e reticência, de agressão e meiguice, dava à filha de Luís Garcia uma fisionomia própria, fazia dela uma personalidade; mas a fisionomia era ainda confusa e a personalidade vaga. Jorge sentia-se confuso e retido, ao mesmo tempo, por dois sentimentos contrários; tinha curiosidade e repugnância de entrar no caráter da moça, e conhecer e distinguir os elementos que o estruturavam. O que lhe parecia claro e definitivo era que as primeiras palavras de Iaiá, tão duras e tão secas, não passavam de uma atitude de despeito, por supor da parte dele a aversão que não existia; e se as palavras em si o magoavam, a explicação era o amor-próprio. O resto era inexplicável. Jorge resolveu, entretanto, não lhe falar mais de Procópio Dias, apesar da confissão que ela lhe fizera naquela tarde, confissão aliás contrastada ou diminuída pela forma como agiu a seguir

Iaiá pareceu perder a disposição agressiva; e apagou inteiramente os vestígios do comportamento antigo devido ao novo comportamento amigável. A alma não se tornou mais transparente, nem o caráter menos complexo; mas a esquisita urbanidade dos modos fazia as alterações de humor suportáveis, e aumentava o interesse do lado obscuro ou irregular que havia nela; finalmente, era um desculpa aos modos rudes com que a moça julgava literal-

mente o filho de Valéria. Jorge gostou, mais de que todas, desta circunstância, porque lhe tornou mais fácil a **frequência** da casa. Ele pertencia ao pai ou à filha, — muitas vezes aos dois. Iaiá se lançou ao xadrez com uma vontade incompreensível, e Jorge lhe dizendo que era preciso ler alguns livros, ela pediu um, e porque ele só tivesse em inglês, Iaiá pediu que lhe ensinasse inglês.

— Mas eu sou um professor muito ríspido, observou ele.

— A aluna é muito pior.

Estela assistia algumas vezes às lições do idioma e do jogo; — duas coisas que lhe pareciam incompatíveis com o espírito da enteada. Verdade é que Iaiá havia mudado tanto naquelas últimas semanas! Não lhe acreditava nunca que tivesse uma paciência tão longa, nem uma atenção tão repousada. Iaiá gastava uma a duas horas por dia a decorar os verbos e os substantivos da nova língua, como um estudante em véspera de prova; e essa paixão recente tinha a habilidade única de irritar a madrastra. Jorge, pelo contrário, sentia em si as alegrias do professor. O professor é o pai intelectual do discípulo; Jorge olhava paternalmente aquela inteligência fina, paciente, e resistente, servida por dois olhos de pomba e duas mãos de anjo.

No meio de fevereiro voltaram a falar de Procópio Dias, a propósito de uma carta que Luís Garcia recebera.

Veja só, disse a moça; ele escreveu a papai e nem uma palavra especial para mim. “Lembranças a D. Estela e a Iaiá.” Nada mais. Ele escreveu ao senhor?

— Até agora não.

— Não há nada como a ausência para fazer esquecer tudo, — isto é, esquecer os que ficam. Talvez já não pense em casar comigo. Foi um capricho que passou, como todos os caprichos; foi como a chuva de ontem, que deu apenas alguns pingos de nada. Mesmo que parecesse que o céu ia desabar. Não é? a paixão dele não é como a trovoada? Ameaçou no Rio de Janeiro e foi cair em Buenos Aires. Aposto que vem de lá casado. Verá que não é outra coisa.

Que me diz disso? Vamos; diga alguma coisa.

— Não posso, disse Jorge. A senhora me deu o cargo de confidante e não de conselheiro; me limito a ouvi-la. Verdade é que o tal cargo até agora parece um trabalho simples.

— Como assim?

Jorge sorriu e explicou.

Iaiá Garcia

— Não é isso, acudiu Iaiá; pelo contrário, é um algo muito espinhoso.

— Não creio. A única confidência até hoje não me pareceu sincera. A senhora não ama o Procópio Dias.

Iaiá franziu a testa.

— Por que me diz isso?

— Porque, se o amasse, falaria de outro modo e, sobretudo, não falaria tanto. O amor, nessa idade, vive de reticências, não de frases e menos ainda de frases tão compostas.

— Cale-se! Interrompeu ela batendo nele com a gramática na ponta dos dedos. E depois de uma pausa. — Se ele lhe escrever, me mostra a carta?

Como Jorge lhe disse que sim, Iaiá fez um movimento para rasgar o volume em dois pedaços. Jorge perguntou o que tinha. — Nervoso! Respondeu a moça sacudindo os ombros com um calafrio. Depois, como a se amparar, colocou a mão em um de seus pulsos. Jorge sentiu a pressão de uns dedos de ferro; e parece que outros dedos invisíveis também apertavam as faces da moça, vermelhas como se estivessem molhadas de sangue.

Capítulo XIII

Jorge encontrou em casa, nessa mesma noite, uma carta de Buenos Aires. Procópio Dias contava sobre a viagem e os primeiros passos, e dizia ter toda a esperança de demorar pouco tempo. Tudo isso era apenas o início da carta. As duas outras partes eram saudades, reclamações, expressões de sentimento, e um nome no fim, um nome único, e que era a chave do escrito. Jorge leu atentamente essas confidências, e na mesma noite esboçou uma resposta. Não era fácil manter a discrição que queria conservar em suas relações com Procópio Dias e a necessidade de lhe mandar algumas esperanças. Embora com esforço, redigiu a resposta conveniente, contando-lhe as boas impressões que tinha; só as boas, não lhe disse as duvidosas; sobretudo não desceu a nenhuma realidade, a nenhum nome próprio; nada mais que uma extensa série de palavras animadoras e vagas.

No dia seguinte não foi à casa de Luís Garcia; choveu muito forte. Mas no outro dia foi, logo depois do jantar. Encontrou a família reunida.

— Good evening, my dear mestre! Disse Iaiá logo que o viu entrar na sala.

— Faltava mais uma língua pra essa tagarela, disse Luís Garcia rindo; daqui a pouco tempo ninguém poderá aturá-la.

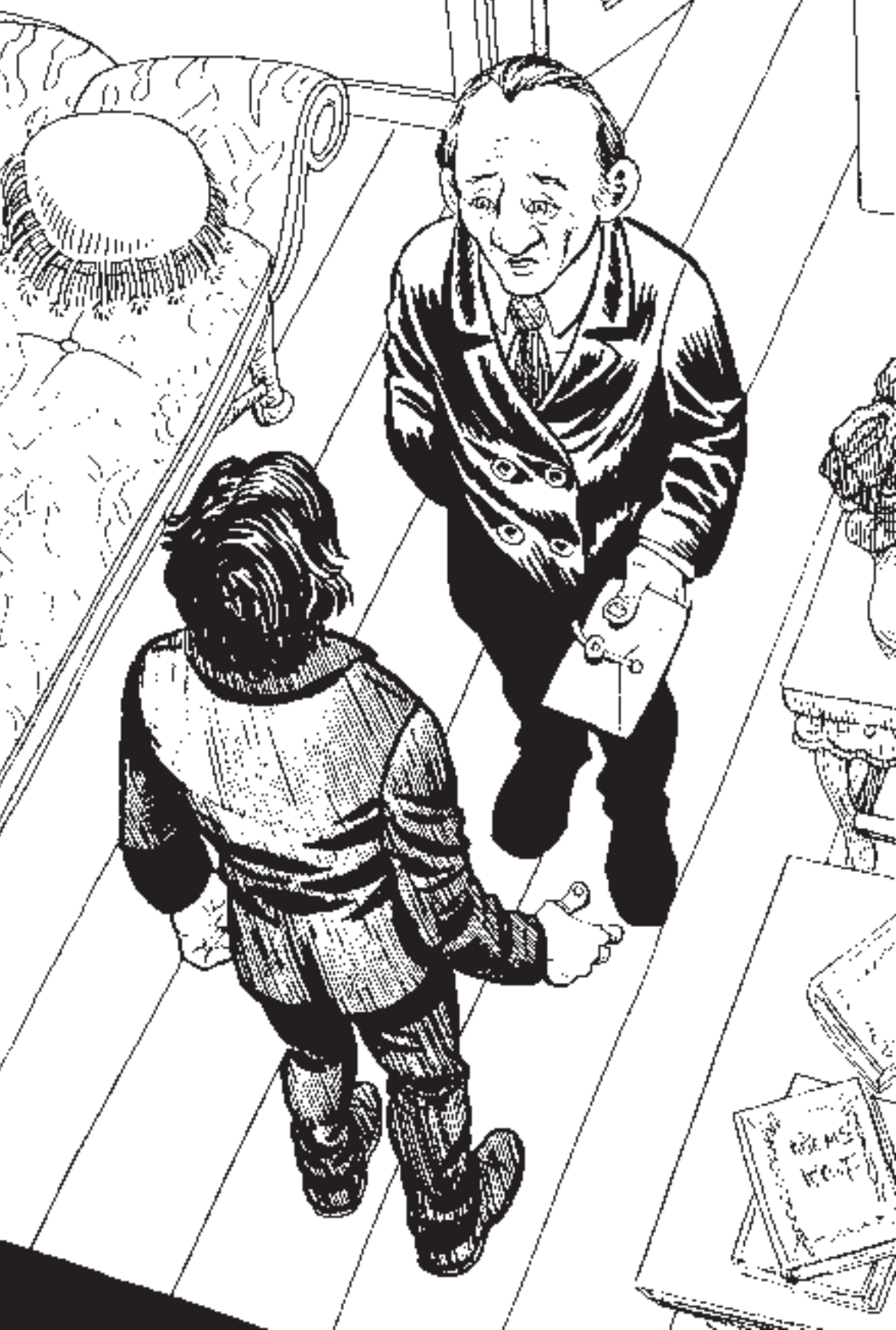
Jorge não esperava, logicamente, encontrar na moça a mesma expressão que havia deixado na noite anterior, quando um gesto nervoso lhe apertava o pulso. Tinham passado quarenta e oito horas, e para que ela se recuperasse bastariam apenas quarenta e oito minutos. Contava com a mudança; além de que procurou lê-la nos olhos, e os encontrou tão alegres como a forma com que ela o saudara. A lição os separou, e foi também o pretexto mais favorável para lhe mostrar a carta de Procópio Dias. Iaiá viu-a selada e compreendeu tudo; tirou das mãos de Jorge.

— Ah! Disse este, seu gesto vale um discurso.

— Posso ler?

— Pode.

Iaiá desdobrou a carta e leu para si. Enquanto lia, Jorge a olhava. Não lhe via nenhuma confusão, alvoroço ou alegria; os olhos seguiam lentamente de uma linha a outra, e a mão firme voltava a página. No fim, quando leu o seu nome, teve um movimento de tédio, e inconscientemente amassou o papel; mas recuperou-se logo, alisou a carta com a mão e resistiu a ela silenciosamente. Durante



alguns segundos ocupou-se em riscar com um lápis alguns círculos na margem da folha aberta da gramática; ergueu enfim os olhos e perguntou sem rir:

— Acredita no que diz essa carta?

— Acredito; tudo o que está aí escrito, já o ouvi de viva voz, e com a mesma sinceridade e calor. Quem sabe? Pode ser que seja o primeiro amor desse homem.

— O primeiro... o primeiro... repetiu ela entre dentes.

— Talvez o primeiro, insistiu Jorge; e, para uma moça, acho que deve ter algum encanto ser amada por um homem considerado superior às paixões. A vida de Procópio Dias teve sempre outros tipos de interesses...

— O senhor o conhece há muitos anos?

— Há muitos, não; desde o Paraguai.

— Acha que eu fazia bem em me casar com ele?

— Bem ou mal, conforme o amor que tiver por ele. Esse é o ponto necessário, e em meu conceito, o ponto que causa dúvida. Receio que a senhora o não ame de verdade; já tive ocasião de o dizer.

— Preciso de alguns esclarecimentos. O senhor amou certamente alguma vez...

— Nunca.

— Nunca? Nunca teve um amor, um só que fosse? Não acredito. Um coronel! Nada; não acredito; só se me jurasse; era capaz de jurar?

— Juro.

— Em nome de sua mãe? Concluiu ela olhando para os olhos que mostravam um contraste entre a expressão firme e o tom das palavras.

Jorge hesitou um instante. Tinha descrença suficiente para falar uma forma vaga de juramento; mas recuou diante da fórmula positiva. Hesitou e rodeou a pergunta.

— Esse nome resume justamente o meu único amor, disse ele; amei a minha mãe.

Iaiá sorriu com ar de dúvida; depois olhou para ele comovida. — Eu amo meu pai, disse ela; nossos corações podem se entender.

A esta palavra não havia o que responder; pareceu com a condenação do pretendente. Apertou a mão que a moça lhe estendeu e a sentiu fria. Após uma curta pausa, abanou a cabeça, murmurando:

— Dessa forma, nenhuma sombra de esperança...

— Faça o que entender, disse a moça no fim de outra pausa.

Iaiá Garcia

Em todo o caso desejo ler a resposta que lhe der.

Jorge abriu a carteira, e tirou de lá o rascunho da carta que pretendia mandar a Procópio Dias.

— A resposta, disse ele, já está escrita. Não querendo **matá-lo**, pus aqui algumas gotas de esperança; não me arriscaria, contudo, mandar o remédio, sem ouvi-la.

Iaiá recebeu o papel dobrado, olhou um instante para ele, outro para Jorge. — Leia, disse este. Iaiá não obedeceu: pegou o lápis, e sobre a folha do papel dobrado começou a riscar os traços de um desenho. Visto que a luz batia totalmente no papel, Jorge não pôde ver logo o que era; mas esperava, em frente da moça, que ela explicasse aquilo. Nessa ocasião, Estela foi encontrá-los.

— Já acabou a lição? Perguntou.

— Agora é uma lição de desenho, ao que parece, disse Jorge.

Estela pôs a mão no ombro da enteada. — É o Procópio Dias! Disse ela olhando para o desenho. Era, mas o desenho frisava a caricatura; a **feiura** de Procópio Dias ia além das proporções verdadeiras, o nariz era enormemente triangular, as marcas da testa grossas e infinitas: um monstro engraçado. Estela sorriu da travessura, mas reclamou com ela.

— Deixe-me ver, disse Jorge quando ela acabou.

— Para quê? Disse Iaiá com indiferença.

E levando o papel à chama, queimou-o. Jorge interrogou-a com os olhos; ela o encarou sem se perturbar. Depois folheou a gramática lentamente.

— Continuemos a lição, disse ela. I love. Vá; onde estávamos? Aqui, era aqui.

Estela assistiu à lição toda, com a paciência da curiosidade. Tinha o rosto nublado, mas firme, como se confrontasse. Não olhava nunca para o professor, mais dividia a atenção entre a aluna e o livro. A lição foi longa, mais longa do que era necessário, porque o próprio professor não acompanhava pontualmente o texto e a leitura. Iaiá tinha diante de si dois juízes, cada um deles tentava decifrar no rosto a inscrição que anunciaria seu destino. Percebia isso, e não se enfadava. Ia de um tempo a outro, e do indicativo ao imperativo, voltando ao começo logo que chegava ao fim, fitando os dois inquisidores com um olhar em que pareciam estar todas as ignorâncias do mundo.

A **tranquilidade** era aparente. Nessa noite, em seus aposentos, a moça deu espaço a dois sentimentos opostos. Entrou ali triste.

— Que estou eu fazendo? Disse ela apertando a cabeça entre os punhos. Abriu a cortina da janela e perguntou ao céu. O céu não lhe respondeu nada; esse imenso escuro tem olhos para ver, mas não tem ouvidos para ouvir. A noite era clara e serena; os milhões de estrelas que brilhavam pareciam rir dos milhões de angústias da terra. Duas delas se soltaram e mergulharam na escuridão, como os figos verdes do Apocalipse. Iaiá teve a superstição de crer que também ela mergulharia ali dentro e cedo. Então, fechou os olhos ao grande mundo, e direcionou o pensamento ao grande misericordioso, ao céu que não se vê, mas de que há uma parcela ou um raio no coração dos humildes. Esse a ouviu e a confortou; ali achou ela apoio e fortaleza. Uma voz parecia dizer-lhe: — Continua a tua obra; sacrifica-te; salva a paz doméstica. Restaurada a alma, ergueu-se do primeiro abatimento. Quando abriu de novo os olhos, não foi para interrogar, mas para afirmar, — para dizer à noite que naquele corpo franzino e tenro havia uma alma capaz de mudar a roda do destino.

O sono chegou. Já dia claro, sonhou que ia andando na beira de um abismo, e que uma figura de mulher colocava as mãos em sua cintura e a levantava ao ar como uma pena. Pálida, com o olhar perdido, a boca irônica, essa mulher sorria, de um sorriso triunfante e mau; murmurava algumas frases cortadas que ela não entendia. Iaiá gritou em alta voz: — Dize-me que não amas e eu te amarei como te amava! Mas a mulher sacudindo a cabeça com um gesto trágico, e unindo os lábios nos lábios, soprou ali um beijo trêmulo e frio como a morte. Iaiá sentiu-se desmaiar e caiu no abismo. Acordou agitada e encontrou a madrasta, a olhá-la, ao pé da cama. No primeiro instante, fechou os olhos e recuou até a parede; mas logo depois voltou a si.

— Tive um pesadelo horrível, disse ela respirando profundamente; rolei no fundo de um abismo, empurrada por duas mãos de ferro. Ainda estou fria. Veja as minhas mãos. Tenho o peito apertado. Felizmente passou. Está aqui há muito tempo? Eu me mexi muito?

— Falaste em voz bem alta.

— Que foi?

— “Dize-me que não amas e eu te amarei como te amava.” Não sei o que estas palavras possam significar no fundo de um abismo.

Iaiá Garcia

Tu confundes os sonhos...

— Talvez; não me lembro de outra coisa. Só me lembro do abismo, que felizmente não passou da minha imaginação. É muito tarde, não é?

— Nove horas.

— Nove horas!

Estela foi à janela, e, abrindo a cortina, mostrou-lhe o sol. Depois se encostou ali olhando para fora. Havia entrado alguns minutos antes, admirada do sono demorado da enteada, e ia colocar sua mão a mão em seu ombro, quando ouviu aquela palavra dita no meio de grande agitação; palavra misteriosa e vaga, mas que tocou no coração como um espinho. De sua parte, Iaiá não estava menos inquieta. Receava que houvesse dito alguma coisa mais — um nome ou uma circunstância precisa —; em todo caso, era bastante o que havia ouvido a madrastra, para imaginar que o sonho havia escancarado as portas da consciência. Uma e outra olhavam desconfiadas e medrosas.

A madrastra deixou a janela e foi se sentar na beira da cama. Ambas sorriam com esforço e nenhuma conseguia falar primeiro. Passaram assim três longos minutos de acanhamento e observação. Estela foi a primeira que quebrou o silêncio.

— O teu pesadelo foi um castigo, disse ela; foi o castigo da caricatura que ontem fizeste. Aquilo não é bonito.

Todos sabem que o Procópio Dias é bem recebido em nossa casa. Que se pensará de nós, quando virem que se tratam assim as pessoas ausentes?

Iaiá refletiu um instante. — Era preciso, disse ela; era uma maneira de enganar de uma vez as pretensões desse senhor.

— Mas quem te falou nelas?

— O Dr. Jorge, que parece protegê-lo. Não é possível que haja ninguém mais feliz do que aquele homem.

Bastou gostar de mim, para que todos se empenhem em aprová-lo e aconselhar-me que não devo tomar outro marido. Parece-lhe que eu...

— Com que intenção te falou nisso o Dr. Jorge?

— Com intenção de coisa nenhuma; falou porque é amigo dele. Uma vez eu não lhe disse que, um dia, se todos colocassem na cabeça, serei obrigada a casar com o Procópio Dias? Receio muito que aconteça isso.

— Não, disse Estela vivamente; não acontecerá assim, primeiramente porque eu não o permitirei nunca; depois, porque tu amas a outro...

— Eu?

— O teu amor de colégio, aos doze anos e meio...

— Ah! Disse Iaiá. E depois de alguns instantes continuou, com um gesto de grande vergonha: — Não devia ter dito aquilo; peço-lhe que não diga a ninguém.

Estela não ouviu estas últimas palavras. Levantou-se outra vez para esconder a comoção, que parecia crescer. Entretanto, Iaiá enfiou um roupão e colocou o pé na chinelinha matinal. Quando, cinco minutos depois, encontrou os olhos de Estela, achou que eles estavam sombrios, como os da figura do pesadelo, e buscou ver se teria um abismo ao pé de si.

— Iaiá, disse Estela em tom seco, você ama, você confessa que ama alguém; quero que me diga o nome desse homem, ouviu? Exijo saber para avaliar se é bom. Sabes que tenho autoridade de mãe.

Iaiá sentiu o sangue ferver em suas veias.

— Minha mãe morreu, respondeu com igual sequidão; estou pronta a obedecer a meu pai.

Estela ouviu essa resposta como uma ofensa; mas o rosto apenas denunciou a sensação interior; após alguns instantes de silêncio, saiu.

Longe da enteada, a madrastra deu total espaço aos sentimentos que a atormentavam. Fechou-se no escritório do marido; depois evocou o passado, como uma força contra o presente, porque era o presente que ameaçava derrubá-la. Um instante abalada pela leitura da carta de 1867, buscou recuperar a antiga postura, mas a interferência de Iaiá perturbou essa obra de sinceridade. O procedimento da enteada, a súbita conversão às atenções de Jorge, toda aquela intimidade visível e recente, acordou no coração de Estela um sentimento, do qual nem os orgulhosos estão a salvo. Estímulo ou ciúme, mexeu a cinza morna e achou lá dentro uma brasa. Suspeitou a rivalidade da outra, e não foi preciso mais para que o grito de rebelião fizesse estremecer aquela alma solitária e virgem. O pensamento perdeu a habitual **tranquilidade**. O coração, que é o pulso da alma, começou de bater com a velocidade e a violência das grandes febres.

As pessoas bobas inclinam-se ao erro; as amantes acham nele o próprio ar de seus pulmões; as frias não chegam a distingui-lo, não têm ocasião de lutar. Estela não pertencia a nenhuma daquelas

Iaiá Garcia

classes; tinha, porém, as energias latentes de um amor reprimido, mas intenso, como uma cratera fechada por uma coberta de gelo; pior que tudo, tinha a fatalidade de um longo constrangimento, a luta de duas forças igualmente fortes, indomáveis e cegas. O orgulho havia vencido uma vez; agora era o amor, que, durante os anos de trabalho e compressão, havia criado músculos e saía a combater de novo. Sua vitória seria uma catástrofe, porque Estela não tinha da habilidade de combinar a paixão verdadeira com a **tranquilidade** doméstica, não poderia nunca misturar esta água com aquele lodo. Teria as lutas e as primeiras divergências, que as acompanham; uma vez vencida, iria direito ao mal.

Ora, no meio dessa luta, já dolorosa, embora ainda curta, Estela ouviu a última palavra da enteada, comentário que havia escapado na agitação do pesadelo. Saiu dali preocupada, tateando as sombras, e desviando os olhos quando algum clarão de realidade acendia ao longe. Não podia crer na rivalidade consciente e declarada de Iaiá; não era verdadeira, seria a sua própria vergonha e condenação. Mas as palavras soavam ao ouvido, e o gesto frio e duro da enteada parecia clarear o que havia obscuro nelas.

Não podia durar muitas horas a situação em que a fatalidade das circunstâncias havia posto as duas mulheres. Iaiá era a mais dúctil, e, também, a mais interessada. Logo que Estela a deixou só, caiu em si e compreendeu que, além de ferir cruelmente a mulher que lhe servia de mãe, trouxe à tona pensamentos antigos; ao outros, o insulto havia produzido a reação do amor, — do amor que tinha e que não havia perdido totalmente, apesar dos últimos acontecimentos. Na manhã seguinte foi falar a madrastra.

— Confesso que fui excessiva e desobediente, disse ela; não devia ser, mas a senhora falou de um modo tão seco! Tão duro. Pareceu que duvidava de mim; fosse o que fosse, não era o seu modo do costume. Sempre a respeitei como minha mãe; não nego, não poderia negar nunca os seus direitos, assim como reconheço a sua amizade; mas a senhora mesma tem um bocadinho de culpa; sempre me tratou antes como irmã do que como filha.

Disso veio alguma confiança, alguma liberdade, e foi por isso que ontem cheguei a esquecer quem éramos, para a tratar como não devia. Foi isso somente; foi um excesso, uma bobagem, nada mais. Pergunte ao seu próprio coração e ele lhe responderá que não foi nada mais do que isso. Vá; pergunte ele me conhece.

Estela a escutou silenciosamente, sem mudar a expressão do rosto, mas também sem nenhuma expressão de despeito ou desafio. Brilhava em seus olhos alguma coisa que observava a alma da outra por baixo das pálpebras caídas. Iaiá havia falado de uma vez, mas não de um só tom; simplicidade, timidez, birra, — havia de tudo na maneira pela qual se expressou durante aqueles poucos segundos. A explicação era ao mesmo tempo sincera e hábil, mas de tal modo se confundiam as duas características, que a própria habilidade não tinha consciência de si: era antes algo instintivo do que calculado.

— Que você está me pedindo? Disse Estela no fim de alguns instantes. Que te perdoe? Que esqueça a sua imprudência?

Uma coisa é mais fácil do que a outra. Está perdoada; faz agora com que eu esqueça.

— Por que não? Eu consegui fazer com que me amasse, quando a senhora não sabia ainda se eu era má ou boa.

— Era fácil. Tua mãe era tua mãe; mas não amou a você mais do que eu. Se alguma vez reconheceu isso, não foi ontem; ontem você cedeu a um mau preconceito contra as madrastas, e você levantou entre nós um espectro, que se pudesse falar seria para te condenar também. Não reclamo; nunca reclamei de coisa nenhuma: quando gosto de alguém, **perdo**; quando não gosto, esqueço. Perdoar e esquecer é raro, mas não é impossível; está nas suas mãos.

Subjugada pelo tom com que a madrasta falou, simples, severo e levemente repassado de tristeza, Iaiá cedeu a um nobre impulso de submissão. Pegou-lhe as mãos e as beijou. A madrasta sentiu nelas uma lágrima. Não recusou esse testemunho do coração, e teria a apertado ao peito se se mostrasse mais flexível. Limitou-se a contemplá-la com os olhos amáveis de outro tempo.

Quando se separaram daí a alguns minutos, alguma coisa dizia à consciência de ambas que não viriam a ter paz, mas simples tréguas. Essa certeza cresceu nos outros dias, porque uma e outra se sentiam observadas. Como se houvesse entre elas um acordo para não alterar a paz doméstica, Luís Garcia não percebeu essa situação nova; Jorge ainda menos do que ele. Iaiá não alterou os hábitos dos últimos dias, ainda que tivesse mais alguma cautela; as relações dos dois eram, aliás, tão **frequentes** e familiares como dantes. Uma vez, como se a ausência de Jorge se prolongasse além do costume, Iaiá ficou um pouco retraída; e, perguntando-lhe ele o que ela tinha, respondeu insolentemente, que a ausência havia magoado-a muito.

Iaiá Garcia

— Quatro dias apenas, disse ele.

Iaiá abanou a cabeça e disse sorrindo: — O senhor não é um mestre; é um carrasco.

No primeiro domingo de março, Jorge foi às onze horas da manhã para lá, e só achou Luís Garcia e Estela. Iaiá tinha ido à casa de Maria das Dores. Quando a moça voltou, Jorge e Estela estavam no jardim, ao pé da porta da sala; entre ambos havia uma cadeira vaga, — a de Luís Garcia, que havia ido para dentro alguns minutos antes. Nenhum dos dois falava nessa ocasião; Estela estalava as unhas, Jorge batia na testa com o castão da bengala. Era constrangimento? Era fingimento? Iaiá não soube decidir; mas o aspecto dos dois a deixou pálida.

No dia seguinte voltou à casa de Maria das Dores; sabia do passeio usual de Jorge; queria vê-lo, falar com ele. A doente não contava com a visita tão próxima da outra. Iaiá esteve com ela apenas alguns minutos e saiu fora, dizendo que fazia calor e queria ver a tarde. A tarde era bela; o céu tinha todos os tons, desde o vermelho até o azul; ao nascente, algumas nuvens, raras e finas, manchavam de branco o eterno azul.

A casa ficava numa pequena elevação; Iaiá se sentou numa pedra lisa, que servia de banco, e dali passou um olhar pelo horizonte; depois desceu os olhos à cidade e ao mar, e esse espetáculo, vindo deles, a levou aos tempos, não muito distantes, em que entre ela e o pai não existia nenhum coração. No meio das reflexões, viu um homem parar, ao longe; era Jorge; vinha a pé, em atitude de quem medita. Passaria ele sem a ver? Levantou-se e o viu se aproximar, parar de novo e olhar na direção da casa. Cumprimentou-o de longe e lhe fez sinal para que subisse. Jorge obedeceu sem dificuldade.

Maria das Dores, doente de uma paralisia ficou espantada quando viu entrar um desconhecido pela mão de Iaiá, um homem cuja roupa e jeito se diferenciavam da simplicidade da casa. Interrogou a moça com os olhos; e Iaiá, depois de um instante de tímido silêncio, respondeu com ousadia:

— É meu noivo, que vem vê-la. Quero que o conheça e não conte a ninguém, ouviu?

Dizendo isto, aproximou-o mais da paralítica. A boa velha olhou para ele por alguns instantes, disse algumas palavras de conselho, pediu que fizesse sua filha de criação feliz, e não obteve dele uma palavra ou um gesto de concordância. Achou que estava comovido; mas ele estava simplesmente espantado.

Saindo fora de casa, assentaram-se à porta, na mesma pedra, larga e extensa para dois.

— Foi preciso dizer aquilo a ela, explicou Iaiá, porque eu desejo conversar com o senhor, e os noivos conversam mais à vontade. Além do mais, ela não é só paralítica; tem a vista fraca; amanhã posso trocá-lo, sem que ela note mudança. Agora falemos de nós e daquela carta... E antes da carta, me diga, sabia que eu estava aqui?

— Não; mas não vim até estes lados sem esperança de encontrar você. Já que falou na carta, deixe-me dar-lhe uma explicação; se não dei até hoje, é porque não queria voltar a um assunto, chato para a senhora e para mim.

— Para o senhor?

— Para mim.

Iaiá apertou a mão dele com força. — Vá, disse; também tenho de lhe dizer alguma coisa séria; mas ouçamos primeiro a sua explicação.

— Oh! É rápido, acudiu Jorge. Escrevi o rascunho da carta por achar que podia ser agradável a você. Lembra que uma vez me havia falado naquele sentido? Duvidei mais tarde, e disse isso. Contudo, havia tanta incerteza e contradição entre suas palavras e ações, que não era difícil imaginar alguma coisa; há paixões que começam assim caprichosamente. A carta era um meio de dizer ao pretendente que seus suspiros podiam não ser inúteis. Era isso; só isso. Confesso que adotei o papel mais simples, desinteressado, e não sei até se... creio que a senhora já o qualificou como ridículo. A forma podia não ser séria, mas a intenção era boa, e se merecia um riso, também merecia um aperto de mão. Depois de esboçar a carta, não a mandaria sem mostrar à senhora; foi o que fiz; mas sua reprovação foi tão forte que me fez cair em mim e reconhecer que a carta era de mais.

— Era de menos.

— Queria então que fosse eu próprio a Buenos Aires? Perguntou Jorge sorrindo.

— Queria, se ao chegar lhe dissesse: — Pense em outra coisa; Iaiá não o ama.

— Para isso, basta que lhe não diga nada.

— Não o ama, repetiu a moça; não o ama, não o ama.

— Desta vez é sério e definitivo?

— Por que a admiração? Repliou a moça com seriedade. Não lhe parece a coisa mais natural do mundo que uma moça não



ame o Procópio Dias? Não sei o que são os outros homens; poucos tenho visto; nossa vida é tão escondida! Mas, enfim, não me parece que o Procópio Dias seja homem de se ficar morrendo por ele. E, contudo, ele morre por mim. Meu coração o perdoa; é o mais que pode fazer. Aceitá-lo seria impossível. Já reparou nos olhos dele? Têm às vezes uma expressão esquisita, que não vejo nos olhos de papai nem nos seus. Não gosto dele; não poderia gostar nunca.

Desta vez foi Jorge que lhe apertou a mão.

— Tem razão, disse ele; se não o ama mesmo está tudo acabado. Não lhe digo que ele fosse um noivo perfeito; não podia ser; mas era aceitável. Hoje percebo que entre a senhora e ele há algumas diferenças; mas o que é que não se acaba com o tempo? Esqueça o que lhe disse a tal respeito; e concordamos em não falar mais desse assunto. Provavelmente não escreverei nada; é duro dizer a um homem que todas as suas esperanças são inúteis.

— A paz do meu espírito não valerá esse sacrifício?

— Vale mais; posso fazê-lo.

Iaiá refletiu.

— Não, não é preciso; não lhe diga nada; ele há de entender tudo.

Como se fizessem uma pausa longa, viram duas ou três pessoas, que passavam embaixo, olharem para cima com certo ar curioso e indiscreto. Jorge ergueu-se.

— Estamos dando na vista, disse ele; hão de supor que somos dois namorados.

— Sente-se, disse Iaiá em tom imperativo. E continuou: — O que o senhor perde com isso? Dirão que não tem mau gosto em amar uma moça bonita.

— Se dissessem que éramos dois namorados, erravam com certeza, porque eu sei... eu suspeito que a senhora ama a outro. Uso dos meus direitos de confidente, exigindo que me diga a verdade.

— Toda, respondeu Iaiá, e era esse o ponto grave de que eu queria lhe falar. Ainda uma vez, o senhor tem consideração por mim? Tem amizade sincera?

— E duvida?

— Eu duvido de tudo e de todos; até de mim. Mas enfim, preciso de alguém que me ouça, para quem eu conte o que penso e o que sinto, e até o que receio, porque também tenho medo, e há horas em que tremo sem saber de quê. É verdade, há ocasiões em que me parece que uma grande infelicidade vai cair sobre mim,

Iaiá Garcia

e disso logo penso o contrário; penso que vou receber a maior felicidade do mundo, e fico alegre como um passarinho. Coisas de criança, não é?

— Não, coisas de moça. É verdade que ama? A quem?

Iaiá olhou para ele algum tempo, satisfeita da impaciência que parecia ler em sua face.

— Respondo que sim e que não, disse ela. Se me pergunta a quem amo, digo-lhe que não sei, não amo ninguém; mas sinto alguma coisa misteriosa e esquisita, e não sei... desconfio... não sei o que seja. Por que é que as mesmas coisas, que para mim eram indiferentes, agora me parecem interessantes, e até chego a supor que falam comigo? Ainda há pouco, antes de o ver, estava a olhar descontraída para o céu, quase sem pensar, mas ainda assim curiosa ou ansiosa; olhava para o céu e para o mar; o coração apertou; depois relaxou como se quisesse devorar tudo. Há dias em que me levanto alegre e viva, como uma criança; papai diz que são os meus dias azuis. Há outros em que tenho vontade de quebrar tudo, e não digo mais de duas palavras em cada hora; são os meus dias escuros. Ouço às vezes uma voz que fala; penso que é alguém e reconheço que a voz é a da minha própria imaginação. Tudo será imaginação, creio; mas é tão novo e tão bom! Em todo caso, parece-me extraordinário, e se não é loucura... É verdade, às vezes penso que vou ficar doida, e nessas ocasiões tenho medo. Será isso?

— Não, disse Jorge, não é loucura, é sabedoria, é a grande sabedoria da natureza. Isso que sente, não será amor; mas é a necessidade de amar; é a batida que lhe dá o coração. Alguém virá um dia, e a voz desconhecida que a senhora costuma ouvir, lhe falará então pela boca do homem que seu coração lhe apontar.

Iaiá escutava-o como encantada, mas sem olhar para ele. Quando Jorge acabou, fez-se entre eles uma longa pausa. A moça tinha os olhos no horizonte onde as cores da tarde caíam rapidamente. Jorge contemplava Iaiá tomado de interesse e até de inveja; compreendia os primeiros pulos desse coração em flor, e dizia a si mesmo que há sensações que o tempo leva para não surgir jamais.

Iaiá acordou de suas reflexões.

— Francamente, disse ela; o senhor não ri de mim?

— Rir? A senhora não me conhece. Não há como rir de sentimentos sinceros; e seria pagar muito mal a confiança de que me dá. Não me julgue como sendo um espírito vulgar...

— Papai faz muitos elogios ao senhor.

— Deve saber, ou fica sabendo que minha índole se dá bem com o que está acima do comum. A senhora vale muito; posso dizer que há dois meses eu ainda a não conhecia...

— Não tente a minha vaidade, interrompeu Iaiá; prefiro que me dê um bom conselho.

— Dou um, disse Jorge depois de curta pausa; resista um pouco a essas sensações, cujo excesso pode perturbar sua vida. Não é só o coração que lhe fala, é também a imaginação, e a imaginação, se é boa amiga, tem seus dias de infidelidade. Dê um pouco de poesia à vida, mas não caia no romanesco; o romanesco é traidor. Eu, que lhe falo, sinto por não ter já esse tipo de sentimento e, contudo, não sei se ganharia com ele.

— O quê! Não seria capaz de amar?

— Meu coração não envelheceu ainda.

— Entendo; amaria hoje de outro modo...

— De outro modo, e tão sinceramente como antes; um amor de olhos abertos.

— Penso que o amor verdadeiro, ou ao menos o melhor, é o que não vê nada em volta de si, e caminha direito, convicto e feliz aonde o leva o coração. Para que servem os olhos abertos?

— A senhora quer saber muita coisa, disse Jorge sorrindo. Não basta que o coração lhe diga: ame este; é preciso que os olhos aprovelem a escolha do coração. Está admirada? Ouça até o fim; eu desejo preservá-la de alguma escolha ruim. Escolha um marido digno, um espírito que a entenda, que a admire, um homem que a possa honrar; não se deixe levar dos primeiros olhos que pareçam responder aos seus...

Iaiá abaixou a cabeça.

— Não acharei nenhum, disse ela; eu creio que este amor morrerá comigo...

Como se essa **ideia** parecesse entristecê-la, Jorge sentiu-se tomado de compaixão, ao ver que persistia naquela alma pura uma sombra de superstição romântica. Pegou na mão dela, viu-a estremecer, recusar e cruzar os braços.

— Tem medo de mim? Disse ele ao fim de um instante.

— Tenho.

Jorge calou-se. Com a bengala entrou e desenhou no chão umas lembranças de geometria. Sentia-se perturbado, curioso; e tanto desejava como lhe era difícil sair dali. Não chegava a entendê-la claramente; a verdade, quando ia tocá-la, parecia mentira. En-

Iaiá Garcia

tretanto, Iaiá não rompia o silêncio; tinha a face caída e meditava. Talvez meditava na palavra que acabava de dizer, fruto da situação violenta em que ela própria ou os acontecimentos a haviam colocado. Era a rebelião do bom costume. De quando em quando, sacudia o rosto como a negar uma ideia ruim ou cruel. Numa dessas vezes, Jorge disse com ternura:

— Para que negar? A senhora sofre; não sei se com razão ou sem ela, mas parece sofrer muito.

— Oh! Muito!

E dessa vez a palavra era tão angustiada, tão sincera, tão vinda do coração, que ele cedeu antes a um impulso de generosidade do que à certeza de não ser afastado pela segunda vez. Pegou-lhe nas mãos e pediu-lhe que fosse até o fim da confiança, dizendo-lhe a causa de seus tormentos. Talvez ele pudesse removê-los.

Iaiá inclinou o rosto sobre as mãos de Jorge. Este sentiu nelas algumas lágrimas, caídas sem soluços. Não passava ninguém; mas ele nem teve tempo de refletir na possibilidade de um estranho. Inclinou-se também e perguntou-lhe carinhosamente o que tinha. Iaiá ergueu a cabeça, e enxugou os olhos, mas não respondeu nada.

— A senhora não tem confiança em mim, disse Jorge.

— Há coisas que se não fazem, outras que se não dizem; algumas ficarão entre mim e Deus, disse ela como se fizesse uma reflexão para si. Depois o olhou e lhe pediu a promessa de que não diria nada do que acabava de ver e ouvir.

— Essa promessa não se faz; está feita por si. Quanto ao seu segredo, não quero violentá-lo, mas tenho esperança de que a senhora mesma haverá de dizer um dia; eu saberei conquistar esse resto de confiança que ainda me nega.

— Já! Exclamou a moça vendo Jorge levantar-se.

— Repare que a noite vem caindo; não posso ficar nem mais um minuto. Um confidente tem limites. Olhe; não peço muita coisa, mas desejo alguma coisa mais. Confidente é pouco; mestre é ainda menos. Dê-me outro título ou cargo; deixe-me ser seu... seu quê? Seu... seu irmão. Sim?

— Não! Disse ela energicamente.

Jorge empalideceu, como se acabasse de ver o fundo da alma da moça. A negação era alguma coisa mais do que um capricho. Não retorquiu; estendeu-lhe a mão.

— Até quando? Disse ela.

— Até amanhã.

Três minutos depois, Jorge estava na rua. A noite descia rapidamente. Ele não olhou para trás; se olhasse veria a figura de Iaiá envolta já na meia sombra do crepúsculo. Veria mais; veria Iaiá a refletir um pouco e a espalmar a mão no ar, como uma ameaça, na direção em que ele ia.

Iaiá entrou na casa da doente.

— Seu noivo? Disse esta.

— Já foi.

— Quando é o casamento?

— O dia não sei. E depois de uma pausa. — Mas que há de acontecer é certo. Ou eu não sou quem sou.

Capítulo XIV

Seguindo para casa, Jorge ia agitado e inquieto; relembrava a conversa que acabava de ter com a filha de Luís Garcia. O acaso tinha proposto a ele um enigma; o tempo dava a ele a resposta decifrada. Seria a resposta? O espírito do moço voltava atrás, não dava crédito à realidade, pelo menos à realidade aparente; mas esta afirmava-se de vez em quando, e Jorge pensava em todas as circunstâncias daquelas últimas semanas e ainda dos meses anteriores. Que era a fuga, a raiva, a hostilidade de Iaiá, senão a máscara de um sentimento contrário, a vingança de um coração perturbado pelo suposto desdém de outro? Essa reflexão vinha tão de acordo com os fatos dos últimos tempos, que era difícil achar explicação mais ajustada. Logo depois, considerava que seria absurdo atribuir à moça uma rapidez e uma independência inconciliáveis com a prudência que reconhecia nela, a despeito dos atos de travessura rotineira. Travessa, decerto, leviana, jamais.

— Impossível! Disse ele sacudindo o ombro.

Mas esse impossível passava a ser uma probabilidade, até chegar aos limites da certeza. A observação lhe mostrava que Iaiá tinha a audácia no sangue, e a razão lhe dizia que um amor sem freio possui todas as imprudências e medos; que umas naturezas são racionais, outras rebeldes; finalmente, que há situações morais que não se entendem, e que a uma beleza de dezessete anos é lícito não distinguir entre o sentimento que fala e a conveniência que limita. Esta era a interpretação bondosa; depois vinha a interpretação pessimista. Podia ser que todos aqueles atrevimentos encobrissem um plano, — o plano da ambição, que procurasse trocar a beleza pelo benefício de uma posição melhor e superior. Quando essa suspeita surgiu em seu espírito, Jorge não sentiu diminuir a admiração nem a estima; mas, a ambição, se ambição havia, parecia ser de boa raça. Mas era impossível aceitar que havia um plano com as lágrimas daquela tarde, e ele sentiu que eram quentes, silenciosas, e não podia crer que uma vida quase adolescente possuísse já a arte suprema da suprema hipocrisia.

Não há vida que seja tão física ou tão independente ao tipo da personalidade, que tal situação não sofresse, ao menos, trinta minutos de insônia. A insônia de Jorge durou mais algum tempo. De envolta com as reflexões havia um pouco de satisfação pessoal. A certeza ou a probabilidade de que, sem nenhuma ação própria,

iniciara nos mistérios do amor uma alma ainda nova e ingênua, dava ao coração dele alguma coisa do prazer do egoísmo; sensação que, aliás, diminuiu quando lembrou que talvez esse amor lhe houvesse já custado lágrimas e desesperos. Ele tinha razão quando dizia não ser espírito vulgar. Estava diferente dos primeiros tempos de antigamente, a imaginação tinha o **voo** mais curto; mas a generosidade juvenil havia ficado intacta, e com ela a habilidade de provocar as dores alheias.

— Pobre menina! Dizia consigo.

No dia seguinte, Jorge pensou profundamente se seria bom voltar à casa de Luís Garcia, ao menos com a **frequência** do costume. A situação moral de Iaiá tendia a se agravar com a presença contínua dele; em tais casos, a ausência era um ato de critério e até de misericórdia. Misericórdia foi o que ele disse consigo, e sorriu logo depois, com um sorriso de modéstia envergonhada. A verdade é que Jorge ansiava por lá voltar; tinha curiosidade de contemplar a sua obra, agora que a descobria ou pensava ter descoberto; se a noite não havia lhe trazido uma sombra de dúvida, e ele queria verificar definitivamente a realidade.

De noite foi. Luís Garcia estava um pouco cansado e abatido. — Venha, doutor! Disse ele quando viu entrar o filho de Valéria; este coração é o meu problema. A mulher procurava animá-lo; a filha tinha o medo nos olhos.

Jorge auxiliou a família no trabalho de o confortar; quarenta e cinco minutos depois a doença cedia, e voltava ao trabalho surdo da destruição. Luís Garcia era outro, logo que passava uma dessas crises; tornava-se falador e risonho, com o fim de ele próprio reanimar a família, e transmitir a esperança que lhe começava a faltar. Jorge não se deixou contaminar da ilusão; recordou a sentença do médico e sentiu a próxima extinção daquele homem. Iaiá não conhecia a sentença do médico; mas o espetáculo da aflição do pai a tinha prostrado muito. Aparentemente não se lembrava da conversa do dia anterior; podia até supor-se que, de vez em quando, não se lembrava da presença de Jorge.

Jorge achou que, nos outros dias, era como antes, menos travessa, porém, e muito mais senhora. No fim de uma semana trazia todos os elementos de convicção: — Ela me ama! Pensava ele ao sair dali uma noite. A convicção, por mais que a suspeita a houvesse prevenido, perturbou o espírito de Jorge, que nessa mesma noite resolveu não voltar lá; resolução de homem, que durou quarenta

Iaiá Garcia

e oito horas.

Alguns dias, três semanas, decorreram assim na mais normal familiaridade. Jorge, se não tinha conseguido o título, exercia realmente as funções de irmão mais velho; era um guia, um conselheiro, uma autoridade. Escutava-a com interesse; recebia a confiança dos sentimentos da moça, e as ambições de um coração cuja sede parecia contentar-se da água que pudesse segurar com a própria mão, no primeiro bebedouro do caminho. Ao mesmo tempo, buscava temperar seu romance com uma forte dose de realidade.

Durante esse tempo, nenhuma frase igual às daquela tarde veio sacudir o espírito de Jorge; nenhuma lágrima lhe caiu nas mãos. Mas, se a palavra não vinha, a voz era insinuante e comovida, às vezes; se os olhos não choravam, brilhavam ou se quebravam de um modo pouco comum. Jorge fingia não compreender; mais do que isso, esforçou-se por se convencer que não compreendia: resultado útil, que lhe dava a vantagem de saborear em silêncio o gozo de se sentir amado, sem perder o de contemplar uma natureza original, moralmente maravilhoso e forte, que, além de tudo, tinha para ele a fascinação do mistério ou do abismo.

No fim daquelas três semanas encontraram-se na casa da parálitica. Não houve acordo, mas nada foi por acaso. — Vou amanhã à casa de Maria das Dores, disse Iaiá uma noite, prestes a se despedir dele. E no outro dia de tarde, Jorge, que havia diminuído os passeios daqueles últimos tempos, resolveu caminhar para ali, e com tão boa sorte, que achou a moça sentada no mesmo banco de pedra em que havia lhe falado da primeira vez.

Outra vez, quando Iaiá ali voltou, já encontrou Jorge, ao pé da enferma. Maria das Dores estava ainda mais contente com a honra da visita do que com a esmola que ele dissimuladamente havia levado envolvida em um lenço. Jorge a animava, **dizia-lhe** que ainda iriam à Penha naquele ano. Iaiá parou à porta, espantada e contente.

— Venha, disse a enferma, veja como seu noivo está caçoando com a velha.

— Obrigado, disse Iaiá; acredite que ela merece todas as consolações.

Na noite desse dia, quando Jorge entrou em casa, um pouco tomado pela conversa, achou uma carta de Procópio Dias, que o encheu de contentamento. Procópio Dias tinha necessidade de se demorar ainda uns dois meses. Dois meses! Era a eternidade. Jorge sentiu-se conformado com a notícia de tão longa ausência. Que

importava a presença, se ela não o amava? Essa reflexão não foi feita por Jorge, mas pela filha de Luís Garcia, quando ele lhe deu a notícia da carta:

— Que me importa que ele esteja ausente ou presente? Ele ou um estranho é a mesma coisa.

A eternidade foi um minuto; os dois meses voaram como um tufão. Um dia, no último desses dois meses, Iaiá disse ao filho de Valéria que havia achado enfim um marido.

— Um marido? Repetiu Jorge empalidecendo.

— Acho que um marido. Não aprova?

— Se ainda o não conheço!

— Não sei se é um marido, continuou Iaiá depois de um instante; mas achei o homem a quem amo.

— É a mesma coisa.

— Ou quase.

Houve entre os dois uma longa pausa, durante a qual Iaiá tinha os olhos colocados no moço, enquanto este não tinha os seus em parte nenhuma; vagavam de um ponto a outro. Iaiá repetiu que havia achado um marido.

— É a segunda vez que me diz isso, disse Jorge com a voz trêmula e irritada; se o achou, que bom; casará com ele.

— Você não me disse uma vez que não acreditasse no primeiro que aparecesse? Não me disse que era conveniente escolher um homem...

— O que eu lhe disse foram palavras sem sentido, tornou Jorge; não se dão conselhos ao coração que ama. O casamento vem certo do céu, segundo diz o povo; outros dirão que vem do acaso; ou é o destino de cada um, ou é uma loteria. Certamente a senhora não me pede que lhe diga o número da sorte grande? Compre o bilhete e deixe a sorte dizer. Alguns dias de paciência e nada mais...

A excitação de Jorge era extraordinária, mas não foi longa. Alguns instantes de silêncio bastaram a enfraquecê-la ou **diminuí-la**; pelo menos o gesto não traiu a agitação interior. Pálido, sim, estava pálido; mas a voz, se não era firme, havia perdido a aspereza do primeiro instante.

— Refleti depois da nossa conversa, disse ele e não desejo tomar nenhuma responsabilidade em um ato de que depende a felicidade de sua vida.

— Então, não me gosta de mim, é o que é, disse Iaiá em voz de reclamação.

Iaiá Garcia

Jorge respondeu com um olhar, e a resposta, que ele queria que fosse um simples protesto, transgrediu esse limite: foi um protesto, uma queixa e por acaso uma interrogação. Iaiá abaixou os olhos; uma onda de sangue avermelhou sua face; Jorge viu-a ofegante e acanhada durante alguns segundos. Não indagou o motivo; ergueu-se para sair. Iaiá o segurou pela aba do paletó.

— Está me negando então toda a ajuda? Disse ela. Depois de alguns meses de uma vida em que me acostumei a ouvir seus conselhos, o senhor me recusa este. Que lhe fiz eu?

— Nada.

Jorge saiu. — Que tenho eu que ela ame, que se case ou não se case? Sou eu seu pai? Seu tutor? Quando assim falava, sentia dentro de si uma resposta; a consciência desvendava a realidade. Sim, você ama, dizia ela, você não fez outra coisa há dois meses; deixou-se envolver nos fios invisíveis; não sentiu que essa intimidade de todos os dias era a gota d'água que cavava o seu coração. Ah! Você queria saciar a curiosidade e sair dali sem deixar alguma coisa, sem receber também alguma coisa? Não se brinca com um inimigo; e ela era, e continuará a ser, porque você está definitivamente atado.

A esta voz importuna e verdadeira, Jorge erguia os ombros. Tentou refugiar-se no sono. O sono o rejeitou. Então fumou, desceu à chácara, cansou o corpo para melhor adormecer o espírito; mas a lua que batia no repuxo mostrava a ele ora um casebre de Santa Teresa, ora uma varanda da Tijuca, como se fossem o verso e o avesso da moeda de seu coração, toda a história da vida que ele viveu até ali. A diferença entre uma e outra dessas duas fases é que presentemente o desengano não o levaria à guerra, nem lhe daria os desesperos do primeiro dia. Não; Jorge levantou-se na manhã seguinte um pouco atordoado, mas não inteiramente abatido. Sentia alguma mal estar moral, um desejo de saber quem era o adversário preferido. Mereceria Iaiá? Que a merecesse, embora; ele tinha um direito anterior e superior; desde que a amava, excluía todos os outros.

De tanto pensar naquilo, chegou a prever a realidade; perguntou a si mesmo se a declaração da moça não seria antes uma estratégia. Podia ser; tinha a visto corar, inclinar o colo, ficar por algum tempo acanhada e comovida. Essa reflexão desabafou um pouco o espírito; e, por isso que era esperança, não demorou em transferir a evidência. Relembrou todas as ações de Iaiá, suas palavras,

as circunstâncias e os termos de reconciliação, as lágrimas sem motivo, a paciência, o interesse, o gosto de conversar; finalmente, esse quê misterioso que divulga a uma alma a preferência de outra. Quando pouco a pouco lhe penetrou no coração essa **ideia**, Jorge reconheceu que havia sido precipitado. Queria escrever e recuou; queria voltar lá, mas resolveu o contrário.

— Se é uma estratégia, pensou ele, ela terá nisto o seu castigo; se verdadeiramente ama a outro, que vou fazer lá agora?

Pensou isto; pensou mais; só não pensou em Estela.

Iaiá não se pôde conter. Ao final de sete dias de ausência determinou ir ao lugar onde mais de uma vez havia encontrado o filho de Valéria.

— Vai chover, disse Luís Garcia; deixa a visita para amanhã.

Iaiá teimou na resolução. — É uma nuvem passageira, disse ela; em saindo a Lua verá como o tempo fica limpo.

Estava inquieta, preocupada, tinha estremecimentos nervosos; não atendeu à segunda observação do pai. O pai dizia-lhe que não havia necessidade de desobedecer para realizar um capricho. Como repetisse a expressão, Iaiá ficou pálida e não ousou responder; mas Estela, que assistia calada aos conselhos de um e à resistência de outro, disse sorrindo à enteada:

— Vá; seu pai deixa você ir.

Iaiá ia agradecer a intervenção; mas, quando os olhos das duas mulheres se encontraram, detiveram-se por um instante longo. Tinham-se entendido; Estela suspeitava a causa da insistência e da palidez; Iaiá aceitava a palavra da madrastra, como uma homenagem de vencida.

Poucos minutos depois a moça chegou à casa de Maria das Dores. Despediu Raimundo; a porta estava aberta; entrou. Da sala, onde se deteve, ouviu noutra sala interior a voz de Jorge.

— Não se esqueça; precisa entregar isto a ela, quando ela vier; não mande para a casa; é um livro.

Iaiá entrou.

— Não contava comigo? Disse ela.

— Não; por isso deixava para você este livro, respondeu Jorge tirando o embrulho da doente e entregando-o à moça; é um romance, creio que lhe falei nele uma vez.

Iaiá tomou-lhe o livro, abriu, folheou com sofrer, como certa de achar uma página marcada. Estava marcada uma página; e a marca era um bilhete. Abriu; dizia assim: “A senhora me deu uma vez um

título que eu esperei que viesse a ser verdadeiro. Diga se me enganei, se o céu lhe destinou outro noivo, ou se meu coração pode ter ainda uma esperança. Não lhe custará muito; não custa muito uma simples palavra”.

Enquanto ela lia rapidamente estas linhas, e tornava a ler, Jorge afastou-se até à sala da frente. A carta era das que não permitem a presença do autor; precisam do prestígio da ausência; são, para assim dizer, expressões cortadas que a imaginação amplia. Jorge ia sair, quando ouviu o barulho dos passos de Iaiá; deteve-se para esperar a resposta. A moça parou diante dele, e entre ambos houve um momento de silêncio e hesitação.

— Cego! Disse então Iaiá estendendo as mãos com um ar de simplicidade e confiança.

Jorge recebeu-as nas suas; e a linguagem que a alma não quis transmitir pelo lábio do homem, eles a disseram com os olhos, durante alguns minutos largos. Jorge perguntou finalmente: — É certo? Ama-me? — Iaiá abraçou seu pescoço com os braços, e inclinou a cabeça com um gesto de submissão. Jorge inclinou-se também, e nos cabelos, — nos fios de cabelo, que caíam em sua testa, pousou o mais puro e fugitivo dos beijos. Ao contacto daquele lábio, Iaiá ficou vermelha e estremeceu toda; mas não fugiu, não retirou os braços; deixou-se ficar subjugada e feliz.

Homero conta que Vênus, descendo ao campo da batalha entre gregos e troianos, saiu dali ferida e **ensanguentada**. Iaiá teve a sorte da diva de Homero; interpondo-se entre Jorge e Estela trouxe dali ferido o coração. Naquele espaço de alguns meses, obra de paciência e luta, de violência e fingimento, para o qual havia feito convergir todas as forças morais, não suspeitou que, vencendo ao outro, podia vencer-se a si mesma. Queria ser uma barreira entre o passado e o presente, sem pensar na dificuldade do plano, nem nas **consequências** possíveis dele. Sobretudo, não pensou na moralidade da ação. Que podia ela saber disso? Sua suspeita ia até admitir a persistência do amor no coração da madrasta, mas não lhe atribuíam mais do que um desejo ou saudade silenciosa; não sabia mais. Para combater esse inimigo estático, é que pôs em campo de batalha a porção de inteligência que a natureza lhe dera, as graças do rosto e a rara penetração de espírito.

Iaiá passou pela porta e saiu; precisava de ar, de espaço, de luz; a alma cobiçava um imenso banho de azul e ouro, e a tarde esperava por ela vestida de suas cores roxas mais belas. Jorge a

acompanhou; a comoção dele era sincera e forte, mas menos intensa, menos desvairada que a de Iaiá, cujos olhos pareciam dizer a tudo o que a rodeava, desde o Sol poente até o último grilo de capim: — olha, veja as festas do meu coração; este é o meu amado.

Perto da noite, Raimundo veio buscá-la; Jorge a acompanhou. Iaiá lembrou-se de riscar com um grampo, no lodo que reveste o canal, o nome de Jorge e a data; insistindo com ele, Jorge escreveu também o nome dela.

Raimundo sorria entre dentes. Em caminho falaram do presente e do futuro; e, num intervalo, tocaram levemente no passado.

— Sabe que eu tinha um desgostozinho? Disse Iaiá. Jorge interrogou-a com os olhos. — É verdade, um capricho, continuou ela. Queria que o senhor nunca tivesse gostado de outra pessoa, e é bem possível que não seja este o primeiro amor de seu coração.

— Não é, respondeu Jorge depois de um instante de reflexão. Amei uma vez, há muito tempo; mas todo esse passado acabou.

— Está certo de que acabou?

— Criança! Que noiva nunca teve medo de um amor antigo, começado e acabado, antes dela ser amada também? Que o novo amor seja sincero e fiel, é o que se deve pedir e exigir. Quanto ao passado, é como os defuntos; reza-se por ele, quando se reza.

— Tenho medo de almas do outro mundo, tornou Iaiá sorrindo.

O primeiro sopro da sorte tem uma força, que dificilmente poderá ser contida pelo cálculo da necessidade. Iaiá mostrou-se tão expansiva naquela noite e nos seguintes dias derramou de tal modo a vida que havia nela, que Estela compreendeu tudo o que se passava entre a enteada e Jorge. Há uns amores, verdadeiros, a que precedem a muitas oposições; Iaiá ignorava tudo; não havia soletrado o amor, aprendeu de uma vez. Trazia o coração intacto. Seu acordar foi uma aurora súbita, mas brilhante e límpida. No meio da embriaguez que lhe dava o novo sentimento, não pensou nas possíveis **consequências** dele; não perguntou a si própria se era verdade que no coração da madrastra havia uma saudade ou uma esperança silenciosa, e se isso podia ser a raiz de grandes ódios e brigas domésticas. Não interrogou o futuro. Fenômeno curioso! A lembrança do pai esquecida por um instante; o egoísmo do amor a devorou.

Capítulo XV

O rosto de Estela não tinha a tristeza dos vencidos. O amor persistia no coração, como um mau hóspede; e o espetáculo daqueles últimos meses não havia feito mais do que irritá-lo. Mas a força moral de Estela o dominou. A luta foi longa, violenta e cruel; a consciência do dever e o respeito por si própria acabaram triunfando. Talvez não fosse difícil perceber, por baixo da serenidade do rosto, o cansaço que as grandes tempestades morais deixam. A tempestade ninguém viu.

Além disso, no dia em que a paixão dos dois lhe pareceu evidente, Estela sentiu soprar no coração um vento de raiva; vento forte e instantâneo. Dessa vez, o olhar penetrante de Iaiá não pôde ler no fundo da alma da madrastra; e porventura diminuiu a suspeita, quando a viu contemplar sem irritação nem abatimento a situação nascida de seu esforço.

Entretanto, a doença, que diminuía a existência de Luís Garcia, piorou por aquele tempo, e o enfermo foi levado a pedir alguns meses de licença. Chamado a vê-lo, o médico reconheceu que a enfermidade estava perto do fim, e com a enfermidade a vida. Não disse à família, mas não o escondeu de Jorge, quando ele diretamente lhe perguntou.

— Está condenado à morte, disse ele; a doença o devorou lentamente, mas com segurança. Pode viver dois a três meses.

Jorge ficou mal. Os acontecimentos tinham tomado tal caminho, que ele já pedia a vida de Luís Garcia. Quem diria isso alguns anos antes? Não somente sofreria com a morte do enfermo, mas teria de ver Iaiá sofrer, de cuja adoração filial era testemunha, e chegava a ter medo de que o golpe lhe fosse fatal. Nada disse; mostrou **tranquilidade** e indiferença, mas entendeu que os resultados o designavam a proteger a família e se dispunha a assumir esse papel, quando fosse ocasião.

Estela não teve menos medo do que na moléstia anterior; mas dessa vez não interrogou Jorge, mesmo tendo visto Jorge falando com médico. Nos últimos tempos, o seu silêncio era mais contínuo e habitual. Parecia desinteressada de tudo, menos do marido. Suspeitou da gravidade da doença, perguntou ao médico, e ouviu deste palavras de esperança:

— Não lhe peço esperanças ilusórias, disse Estela; peço que me diga toda a verdade.

— A verdade é cruel de dizer.

— Perdido? Disse ela com voz surda.

O silêncio do médico foi a confirmação daquela palavra. Estela sentiu fugir de si todo o sangue; mas não soltou uma lágrima. Pôde refletir no perigo de ser vista essa denúncia do mal, e se controlou. Quando ficou sozinha, deu livre espaço às angústias; encarou a catástrofe e pensou nas **consequências** da morte e no incerto futuro que a aguardava dentro de poucos dias. O futuro a trouxe ao presente, o presente a levou ao passado. A vida só havia lhe dado alegrias médias e dores enormes. Não foi a paixão que a levou ao casamento, mas somente a conveniência e o raciocínio. No casamento havia achado os sentimentos de carinho, a mútua consideração, a brandura das relações domésticas; porém esse fogo cuja intensidade não dura, mas que é o sol quente dos primeiros dias, que vem antes da tarde **tranquila** e da noite calma, esse fogo, essa fusão de duas existências, esse ardor expansivo, condição de sua natureza moral, Estela não os conheceu. Ou o destino ou o orgulho a privou de achar no casamento a paixão santificada. Pois bem, se alguma coisa podia lhe compensar a falta, era a longa duração de uma felicidade segura, embora frouxa; era envelhecer sob a monotonia de um horizonte sem sol nem tempestade. O destino lhe negava a compensação.

Estela não tinha ao seu pé alguém para dividir as tristezas. O pai seria o último de todos. A viuvez a deixaria sem família. Esta **ideia** trouxe outra, — a de apressar o casamento da enteada, de modo que nenhum vínculo moral lhe sobrevivesse ao marido. Uma noite, tendo Luís Garcia adormecido, Estela deu a perceber à enteada que o estado do pai era grave. Iaiá empalideceu. Jorge fez um gesto de reprovação.

— A moléstia não é leve certamente, disse este; mas não se segue daí que se deva...

— Tudo se deve prever, tornou Estela. Pela minha parte, entendo que prevenir um caso fatal não é fazer com que ele aconteça. Iaiá sabe o amor que seu pai tem por ela; seria para ele uma honra poder abençoá-la. Vamos lá, continuou ela, pegando nas mãos de um e de outro, por que é que se não casam?

Momentaneamente envergonhados, nenhum deles assentiu nem recusou. Iaiá olhava espantada para a madrastra.

— O silêncio é uma maneira de responder, continuou ela; querem dizer que concordam comigo, não é? Nesse caso, seremos

Iaiá Garcia

três para fazer a coisa mais simples do mundo, que é casar duas criaturas que se amam... Por que não a pede o senhor amanhã? O casamento pode ser feito dentro de poucos dias, discretamente, coisa simples...

Iaiá tinha enfim saído do primeiro instante de surpresa. — Mas, papai, está mal? Disse ela.

— Todos nós estamos mal, apesar de termos saúde, respondeu Estela; num dia cai a casa. A doença dele é grave, é coração...

— Tem razão, interveio Jorge; podemos concluir tudo em poucos dias, duas semanas, quando muito, ou três.

Jorge não ficou pouco impressionado da intervenção de Estela; e conhecendo os sentimentos que a distinguiam, admirava essa indiferença moral que esquecia ou fingia esquecer. Depois se examinou a si próprio; sentiu que o amor que o dominava agora, visto que era profundo, não era violento, não lhe queimava o coração. Comparou-se ao que tinha sido, e essa fala, no primeiro instante, não foi importuna; foi antes uma lição e filosofia. Mentalmente sorriu.

Era ele o mesmo homem? Antes caminhava resolvido às soluções trágicas; agora, com igual sinceridade, entregava o coração a outra mulher. Na face dela mal tinha ousado roçar um beijo medroso e puro, ele, que novamente tirava dos lábios da outra os princípios do pudor. O homem não era o mesmo. Jorge advertiu que um abismo separava as duas estações de sua vida, e concluiu que o coração dele não era volúvel, mas que uma lei mandava nos sentimentos. Embora a falta da culpa presente, Jorge experimentou um pouco da saudade do passado; sorria sem amargura, mas com um travo de tristeza.

— Aquele orgulho é ainda maior do que eu pensava, dizia ele. No dia seguinte, Procópio Dias veio acordá-lo em casa.

— Quando chegou? Perguntou Jorge.

— Ontem de tarde, e a primeira visita que faço é esta. Demorei mais do que queria; mas finalmente cheguei, — estou aqui, e mais magro. O senhor é que me parece mais gordo.

Procópio Dias falou demoradamente da política argentina e das leis de Buenos Aires; falou também um pouco das mulheres de lá. De vez em quando, abria um espaço, para deixar que o outro falasse alguma coisa menos estrangeira; Jorge, porém, falava pouco e sem vontade; seu constrangimento foi visível quando Procópio Dias lhe perguntou acerca da família de Luís Garcia; **respondeu-lhe** sem interesse. Procópio Dias olhou para ele durante alguns segundos; as marcas da testa engrossaram extraordinariamente.

— E Iaiá? Disse ele; parece então que não tenho nenhuma esperança...

Fez uma pausa; Jorge esboçou com um sorriso sem graça, mas bem explicativo. Procópio Dias começou a perceber a realidade, mas nenhuma das linhas do rosto denunciou a impressão que tinha. Após um silêncio largo, começou a rir de bom humor.

— Quer que lhe diga uma coisa? Perguntou ele. Saiba que volto livre. Quando penso na doença tenho vergonha; é verdade, tenho vergonha do papel que fiz. Já sou muito maduro para esse tipo de coisa. A doença ainda durou algum tempo; serei com a mudança de clima; o amor, ao menos na minha idade, é uma espécie de doença...

Você deve ter rido de mim; é justo, porque eu não faço hoje outra coisa.

Jorge contestou com um simples gesto; mas Procópio Dias falava com tanta naturalidade, ria com tamanha franqueza, que a explicação deu à conversa a vida que ela tendia a perder. Jorge foi mais expansivo, mais alegre; não lhe contou da nova situação, mas o segredo parecia cair dos olhos e dos cantos da boca. Essa alegria era um sopro da consciência, que se sentia um pouco envergonhada na presença daquele homem, cuja confiança havia sido a origem de seu recente amor; era também a satisfação de não ter conseguido ligá-lo à filha de Luís Garcia; casamento repugnante, híbrido, cujo resultado seria dar à moça, — uma longa amargura sem certeza de ganho.

Quando Procópio Dias saiu dali ia suspeitando a realidade. — Mas e a outra? Dizia ele consigo. Sacudiu os ombros, e não ficou mais **tranquilo**. Levava já no peito um pouco de impaciência e irritação; tinha a face escurecida por uma nuvem. Mais tarde um clarão repentino a iluminou, ainda que fraco, era um reflexo de esperança. Talvez houvesse julgado com precipitação: era possível atribuir a discrição de Jorge, não à competência pessoal, mas a uma maneira de entender as maneiras da educação. Quem sabe? Ele podia ter se arrependido de ter prometido tanto. Essa reflexão acalmou um pouco o espírito, sem anular a ponta de dúvida. Era importante conhecer a verdade. Nesse mesmo dia, foi ele a Santa Teresa.

Luís Garcia havia concedido naquela manhã a mão da filha. Na ocasião em que Procópio Dias entrou ali, ela estava junto dele, e a contemplava com amor e saudade, — duas vezes saudade, porque a morte também viria desuni-los. Recordava os tempos em que ele e ela eram, um para o outro, toda a terra e todo o céu;

Iaiá Garcia

e perguntava à natureza se era justo substituir o primeiro vínculo com outro vínculo estranho, e a natureza lhe respondia que não somente era justo, mas até necessário. Então o pai se sentia feliz com a felicidade da filha, cujo egoísmo lhe ensinava o sacrifício. Se ela devia amar outro, que faria ele mais do que permitir? Quanto ao noivo escolhido, merecia todas as aprovações; era o único estranho que havia entrado um pouco mais na sua intimidade; amante, querido e rico, podia dar à moça, além da felicidade do coração, todas as vantagens sociais, ainda as mais concretas, ainda as mais inúteis: — e esse homem obscuro, cansado e descrente, saboreava a sorte que a filha iria achar no furacão das coisas que ele nunca havia cobiçado.

Bastou uma noite para Procópio Dias conhecer a situação. Além das declarações do pretendente, que aceitou como sinceras, Jorge buscou fingi-las; mas um amor de poucos dias é como as crianças de berço: percebe-se pelo choro. Se Procópio Dias não voltasse a ver a moça, é possível que o tempo abafasse a paixão.

Mas a viu, e a viu mais bela do que a havia deixado. Não era a vaidade da conquista alheia que o irritava; não se tratava da conquista, que é o símbolo da vitória, tratava-se mesmo da vitória, que ele queria obter, — obscura, se fosse preciso, — mas certa e exclusiva.

— E a outra? Dizia ele.

Dessa vez a pergunta não passou despercebida; trouxe uma **ideia** com ela, diante da qual Procópio Dias chegou a recuar. Essa **ideia** era envenenar na origem o sentimento recente; nada menos que denunciar a madrasta à enteada. Se alguma coisa pudesse diminuir a maldade de tal ação, era a certeza que ele tinha de que diria a verdade. Acreditava muito no amor secreto dos dois; com algum esforço poderia fazer supor que o casamento da filha de Luís Garcia era uma sugestão da madrasta. Ele próprio achava essa combinação possível, conveniente, reparadora.

— Esperto! Amarra a duas! Dizia o pretendente silenciosamente. E os cantos da boca se encurvavam, de um jeito que era totalmente, invejoso, puro ódio e mesquinho.

A ocasião veio. Um pouco irritada com a **frequência** de Procópio Dias e a confiança que parecia surgir nele, Iaiá decidiu lhe dizer honestamente que estava prestes a casar. Procópio Dias empalideceu. Achava apenas provável o que já era definitivo. Olhou firmemente para ela; o fim da esperança não implicava o fim do desejo;

pelo contrário, vinha agitá-lo e estimulá-lo. Seus olhos mostraram então duas expressões diferentes; a primeira involuntária, a mesma com que os dois velhos de Israel espreitavam a filha de Helcias⁴⁴, um olhar terreno e mau; a segunda voluntária, não de queixa, não de súplica, mas de tristeza. A **ideia** ruim voltava a arder no cérebro.

— Não sabia, disse ele, depois de curta pausa. Com quem?

— Com o Dr. Jorge.

— Ah!

Procópio Dias riu com a testa, e voltou a olhá-la com um olhar de tristeza. — Pobre moça! Murmurou ele entre dentes. Iaiá olhou para ele seriamente; depois, sorriu e perguntou com alguma ironia:

— Não aprova a escolha?

— A escolha é excelente, disse ele; mas há situações que fazem aquilo que é ótimo ser péssimo. Ouça-me; a senhora sabe que eu a amei; supõe talvez que já não a amo e se engana; amo a senhora como no primeiro dia. Tive **ideia** de casar com a senhora; perdi a **ideia**, mas guardei o sentimento. Talvez, para a senhora, isso diminua a sinceridade das minhas palavras; mas eu me ajoelho diante da voz da consciência, sem contar com a sua aprovação...

Fez uma pausa.

— Diga logo, disse a moça.

— Há coisas que um coração inexperiente não pode entender; coisas que talvez não devem ser ditas. Quer um conselho? Não aceite o casamento; desfaça-o, não para casar comigo, mas desfaça-o.

Iaiá ficou pálida. Procópio Dias, impressionado com a própria coragem, compreendeu que havia ido muito longe naquelas poucas palavras; mas já não havia meio de as explicar de modo aparentemente verdadeiro. Como se fizesse um diálogo interior, balançava a cabeça ou mexia a ponta do lábio, enquanto os olhos, perdidos no ar, tinham o aspecto das grandes concentrações. Iaiá olhou para ele surpresa e confusa; não sabia o que pensar, não podia ou não queria entender.

Afinal, reunindo todas as forças, perguntou corajosamente por que motivo deveria desfazer o casamento.

— Qualquer que seja o motivo, disse ele, não aconselho que o aceite logo como definitivo. Reflita antes de resolver; a responsabilidade será sua, do mesmo modo que o benefício também será seu. Meu conselho é que desfaça.

— Por quê?

⁴⁴ Referência ao episódio narrado no livro de Daniel, capítulo 3, da Bíblia cristã.

— Porque muitas vezes o casamento é... é uma máscara, uma... Seu noivo ama outra pessoa... Que tem?

Iaiá estava pálida. Terror, indignação, tristeza, sua alma passou por todos esses estados, até sentiu todos ao mesmo tempo, sem que a boca achasse uma só palavra de resposta ou de protesto. A história tinha acabado com ela; Procópio Dias nunca chegou a compreender o motivo de tamanho e tão rápido efeito. O efeito o impressionou em parte, e em parte chamou sua atenção; alguma coisa havia ficado intacta, no meio da decomposição moral de todo o seu ser, e isso foi o suficiente para sentir o resultado o golpe que ele mesmo comemorava.

— Outra... Que outra? Balbuciu Iaiá segurando-lhe um dos braços.

Procópio Dias abanou a cabeça solenemente, como se dissesse que não podia ir mais longe. Depois disso se fez silêncio longo, durante o qual a moça pôde vencer a primeira comoção e refletir sobre o que era melhor entender.

— Ama outra? Disse ela. Quem quer que seja essa rival, já agora o noivo é meu; e é natural que me ame mais do que a ela, visto que prefere casar comigo...

Além da firmeza que procurava dar à palavra, a palavra era difícil e a voz parecia morrer em sua garganta. Procópio Dias compreendeu que a comoção estava apenas dominada, e que o veneno havia penetrado abaixo da pele. Era a primeira vez que via nela esse aspecto sofrido; antes de embarcar, conhecia como uma menina mimada; depois do retorno, encontrou uma senhora refletida; naquela ocasião, a dor, embora escondida, era como se desse a ela mais encanto. Com certeza o rosto de Iaiá traía o estado do coração; os olhos não correspondiam ao esforço que ela fazia para os fixar.

— Se lhe parece assim, esqueça o meu conselho, disse ele, e não me leve a mal se lhe preguei um susto. Talvez o susto tenha passado. Não importa; creia que há casamentos impossíveis; casamentos destinados a... não sei a quê... pode ser que a coisa nenhuma... ou a coisa muito grave, muito grave.

— Cale-se! Rugiu surdamente a moça.

Procópio Dias continuou:

— Uma só palavra, disse ele. A senhora deve atribuir à inveja o aviso que lhe dei. É verdade; há uma grande porção de inveja em mim. Por que eu lhe falaria, se não tivesse um motivo pessoal? Esse homem me traiu; eu tinha-lhe confiado o depósito do meu

amor; ele abusou da confiança: fez-se amado em meu lugar. Não me queixo da senhora. A senhora não me devia nada; — um pouco de simpatia, talvez; — no futuro, pode ser que me deva também um pouco de gratidão.

Procópio Dias saiu logo depois destas palavras. Estava satisfeito; desde que depois pôde compreender os pensamentos que o levaram a agir assim, achou nele a legitimidade de tudo o que acabava de dizer. Era um duelo; tinha recebido um golpe na espada, respondia com outro no coração, mais certo e provavelmente mortal; e se não era duelo, era emboscada por emboscada; direito de resposta.

Prostrada com o golpe que acabava de receber, Iaiá não teve sequer as lágrimas do desespero nem as da indignação. Há dores secas, como há raivas mudas. A suspeita, que o tempo devia piorar de todo, e que o amor de Jorge já estava tornando problemática, essa terrível suspeita renascia tão viva e forte como alguns meses antes, quando arrancou as primeiras lágrimas de mulher dos olhos de Iaiá. Não podia crer que o amor de Jorge não fosse sincero; era; parecia, ao menos. Mas a existência do outro amor, não era já o coração que lhe dizia, era uma voz estranha que a vinha denunciar: situação nova, que fazia fortalecer a dúvida anterior, até o ponto de lhe dar todos os visos da realidade. Iaiá se sentia jogada outra vez ao grande e escuro espaço de suas antigas reflexões; sozinha, desamparada de toda proteção humana, não lhe restava mais que duvidar e gemer, até achar na própria essência de seu espírito a força que não encontraria em nenhum outro canto.

A madrastra a encontrou meia hora depois que Procópio Dias saiu. Pouco antes, o marido havia tido uma grande aflição, que Estela chegou a temer o último golpe; agora ficava doente. Estela apareceu à enteada com o olhar ainda assustado e o passo inseguro; Iaiá não viu essa mudança, nem ouviu as primeiras palavras com que ela lhe falou do pai. Olhava só, enquanto o coração parecia querer sair de seu peito.

— Iaiá, vá ver seu pai; seu pai está hoje muito doente.

Vendo que a moça não se movia, Estela colocou o braço ao redor da cintura. — Vamos, disse. Iaiá estremeceu toda; depois, colocando as mãos nos ombros, empurrou-a violentamente e caminhou para a porta.

— Iaiá! Gritou a madrastra.

A enteada voltou-se, e, estendendo o dedo sobre os lábios, impôs-lhe silêncio. O olhar perdido e inconsciente parecia antes de loucura que de indignação. Estela ficou impressionada. O abismo entre as duas estava totalmente aberto.

Luís Garcia foi o laço que ainda pôde conservar juntas essas duas existências, já agora antipáticas uma à outra. A vida dele era necessária a ambas. Uma havia colocado nela todas as esperanças de um coração que acredita; outra apenas lhe dava aquela última porção, que não desampara os necessitados. Tréguas houve, mas sombrias e violentas. As duas não se falavam, não trocavam um só olhar na ausência de Luís Garcia; diante dele, mostravam-se como antes. Esta situação insuportável parecia, aliás, definitiva.

Jorge a percebeu; ele próprio sentiu a princípio o efeito de um acontecimento, que não podia adivinhar e realmente era grave. Iaiá, porém, venceu-se depressa em relação a ele. A alma, se o vento lha fizera dobrar, logo voltou a ser como era antes; mostrou-se bondosa com ele, amável, impaciente para marcar o casamento. Seu amor, que não havia diminuído, nutria agora uma centelha de ódio. Iaiá sentia alguma coisa da alma trágica de Medéa⁴⁵, mistura de aversão e sacrifício. Um só pensamento estava nela: garantir aquele homem, arrastá-lo consigo, **dominá-lo** depois, despedaçar de uma vez o laço que acreditava uni-lo ao coração da madrastra.

Marcou-se um sábado para o casamento; mas os primeiros dias da semana foram tão esquisitos, que a família resolveu **mudá-lo** para uma ocasião. O enfermo piorou rapidamente. A doença entrou no último período.

Iaiá viu morrer tristemente o sol de sábado, e não viu nascer mais com prazerosamente o de domingo⁴⁶. Não pensava ainda na morte do pai, mas alguma coisa fazia seu coração tremer. A presença de Jorge é que lhe dava ânimo e conforto, ainda que ele mesmo se sentisse apreensivo com o próximo passo da enfermidade de Luís Garcia.

Lenta e caprichosa nos primeiros tempos, a enfermidade foi rápida no último momento. No fim de poucos dias a morte aconteceria a qualquer momento. Estela, mesmo que pensasse estar preparada para o golpe, mal pôde resistir ao primeiro abalo. Iaiá ficou

⁴⁵ Machado faz referência à mitologia clássica que conta a história de Medéa e Jasão.

⁴⁶ Perceba a metáfora construída por Machado de Assis para se referir ao estado de espírito de Iaiá frente à possível morte de Luís Garcia e aos acontecimentos recentes.

como doida. O pai havia sido a sua primeira e contínua adoração. Durante alguns anos não conheceu outro mundo, outro carinho, outra família, além daquele homem sério e amável, cujos olhos a protegiam e a iluminavam. No primeiro instante não pôde crer na triste notícia. Mas a realidade avultou a seus olhos, e foi então que a alma tentou romper todos os laços e voar, antes dele, a esperá-lo na imensa vastidão azul, para juntos fazerem a última viagem. Não chorou nas primeiras horas; a dor tinha trancado as lágrimas; mas estas vieram logo depois, e ela as derramou em silêncio, sufocando os soluços, sofrendo na solidão da sala.

Luís Garcia refez a Jorge o pedido que havia lhe feito uma vez, em relação à família; mas agora o restringia a Estela.

— Peço-lhe que não desampare os meus. Sei que morro, e quero ter a certeza de que só deixo algumas saudades. O senhor vai casar com minha filha; não me perturbo em nada com isso. Mas Estela, que não é mãe de Iaiá, ou é somente mãe de coração, Estela vai ficar só, e eu não quero morrer com a **ideia** de que a deixo infeliz. Promete-me que não vai desampará-la nunca?

Jorge prometeu. Estela, que estava presente, procurou **tranquilizar** o enfermo, e pediu-lhe que não falasse tanto. Luís Garcia não atendeu; exaltou as virtudes da mulher, a dedicação, o zelo, a afeição que tinha tido com ele.

— Digo que fui feliz, concluiu ele; minha alma já era velha, quando ela se uniu a dela, e, contudo... sim, minha alma rejuvenesceu um pouco...

— Já falou muito, interrompeu Estela, descanse, não quero que diga mais nada.

Luís Garcia pediu ainda à mulher e à filha que se amassem como até ali. Tinha falado excessivamente; estava cansado. Dali em diante, a morte não fez mais do que tomar conta, trecho a trecho, da sua vítima. Já a noite desse dia foi mais cruel que as anteriores; todo o dia seguinte foi de angústia para as duas mulheres. Na manhã do outro começou a agonia dele, que durou algumas horas, até que com o último sopro devolveu a alma ao criador.

Ao vê-lo morrer, as duas mulheres ficaram longo tempo arrasadas. Era a primeira vez que contemplavam a morte. Nenhuma delas nunca havia visto morrer qualquer criatura humana; era a primeira vez que viam alguém se despedir da vida, e exatamente alguém que era o laço moral mais forte que as ligava uma a outra. Nesse instante solene, abraçaram-se sem pensar; a dor as levou a

Iaiá Garcia

isso com a mão de ferro, e, madrasta e enteada confundiram ali suas nobres, tristes e inúteis lágrimas. Juntas caíram de joelhos ao pé do cadáver, e chamaram em vão pela alma que havia ido embora.

Aos pés da cama, com o gesto sofrido, Jorge via a aflição das duas mulheres, sem poder ajudar. Quanto a Raimundo, não pôde ver o senhor morrer; correu ao jardim, onde ficou longo tempo sentado no chão, com a cabeça enfiada entre os joelhos, sacudido pela violência dos soluços.

Capítulo XVI

Nem sempre a morte é um desfecho; a de Luís Garcia foi uma complicação a mais. Passados os primeiros dois meses, Jorge pensou em realizar o casamento, sem luxo, como um simples ato de interesse doméstico, aliás necessário pela situação em que se achavam as duas mulheres. O Sr. Antunes fora morar com elas, e era o chefe natural da família; mas Jorge não havia esquecido que Luís Garcia não tinha nenhuma confiança na pessoa do sogro; além do mais, entregara diretamente a Jorge a chefia da casa. Ora, cumpria legalizar e santificar a vontade do morto.

Mas, se isto lhe parecia claro e necessário, não se atrevia ainda assim propô-lo à noiva; e por duas razões. A primeira era o natural respeito à dor da filha, que ele podia magoar ainda mais falando logo no casamento. A segunda era a frieza e o silêncio com que ela o tratava depois da morte do pai. A diferença era clara e inexplicável; mas a boa fé explica tudo, e Jorge atribuiu essa nova feição da moça ao profundo golpe que o desastre lhe havia causado. Sabia da paixão filial de Iaiá; era testemunha dessa adoração constante, que parecia contar com a eternidade da vida.

A **ideia** de falar a Estela apenas lhe passou pela mente; rejeitou rapidamente. Limitou-se a esperar, e ia ali com a assiduidade que lhe permitia a condição de noivo. Ia às noites, não todas; passava uma ou duas horas, a iniciar e encerrar uma conversa vazia, muitas vezes sem interesse. Sobre todos três, mas principalmente sobre as duas, pesava ainda a lembrança do finado. O Sr. Antunes fazia parte dessas conversações íntimas, e era ele quem se esforçava animar os momentos; temperava com algum dito engraçado, ouvido com indiferença, quando não com tédio.

Visto que o casamento de Jorge com a enteada da filha estivesse tratado, ele nutria a esperança de que alguma coisa pudesse desfazê-lo, e nessa carta incerta jogava todo o futuro. Uma noite, Jorge propôs diretamente a Iaiá a necessidade de apressar o casamento.

— Não sendo a cerimônia pública, disse ele, não daremos que falar aos outros, se alguma coisa há que falar...

— Quer a minha resposta hoje mesmo? Interrompeu Iaiá.

— Podia ser hoje.

Estela, que estava presente, apoiou a reflexão de Jorge. — Convém decidir quanto antes, disse ela; não vale a pena deixar passar mais tempo sem necessidade.



— Sem necessidade, repetiu laiá olhando para o teto.

— Claro...

Iaiá baixou os olhos aos dois; olhou para um e outro, longo tempo, com seriedade; depois, disse em tom agressivo:

— Deixem que ao menos passe o tempo de chorar por meu pai!

Jorge disse algumas palavras de afeição; Estela não protestou nem respondeu; levantou-se silenciosamente e os deixou. O silêncio foi longo. Jorge não levou a mal o pedido da noiva; atribuiu-o ao sentimento de piedade filial, que era nela mais forte que qualquer outro sentimento.

— Iaiá, disse ele, ninguém lhe nega o direito de chorar seu pai; se insistimos é em benefício da família. Seu pai recomendou-me que tomasse conta de vocês, e eu gostaria de poder fazer isso, não como estranho, mas como parente; por isso lembrei a conveniência de realizar o casamento o quanto antes, mas se você acha que pode ser adiado...

— Pode.

— Até quando?

— Até um dia.

— Que dia?

— Sábado de Aleluia, por exemplo.

— Vamos falar sério, disse Jorge.

— Sério? Dia de São Nunca.

Jorge franziu a testa.

— O que isso quer dizer? Retira a sua palavra? Em todo o caso, tenho direito de saber o motivo, porque algum motivo deve haver...

Iaiá havia se levantado, pegou na mão dele e o levou até à janela. A mudança do rosto era visível; os olhos brilhavam de impaciência, enquanto a palavra parecia medrosa e teimosa. Pasmado do que via, e curioso do que ela iria lhe dizer, Jorge não pensou sequer em pará-la; se lhe pegou nas mãos foi por um movimento instintivo; mas quando as sentiu geladas e trêmulas, ficou com medo.

— O que você tem, Iaiá? Você sofre; vamos, fale, diga-me tudo. Já me não ama?

— Se não o amo! Disse vivamente a moça deitando os olhos ao céu, como a tomá-lo por testemunha da sinceridade de seu coração; mas logo depois arrependeu-se e continuou de um modo compassado e frio. — Amei-o; não importa saber se muito ou pouco, mas o amei. O senhor foi a primeira pessoa que me fez bater o coração de um modo diferente do que ele batia; foi a primeira pessoa que me disse palavras novas, que me fizeram bem...

Jorge colocou o braço em sua cintura e a colocou perto do seu coração. — Pois sim, disse ele; eu repetirei essas palavras em todo o resto da nossa vida. Seja boa, e sobretudo seja franca. Por que vai negar o que está aparente? Eu sei que ainda me ama...

— Eu? Disse a moça saindo de seus braços. Eu tenho horror a você.

Jorge sorriu. — Horror, por quê? Disse ele. Mas o gesto da moça veio apagar seu sorriso. Iaiá levou as mãos ao seio, como se quisesse conter os pulos do coração; os olhos brilhavam extraordinariamente.

Ofegante, por alguns minutos, não pôde articular uma só palavra; quando chegou a falar disse simplesmente:

— Que razão existe agora para que nos casemos? E depois de uma pausa: — Tenho ciúmes do passado, e o senhor já amou uma vez. Assim como eu ia me entregar ao senhor, com o coração limpo de qualquer outro afeto, assim queria que o senhor nunca tivesse amado ninguém. O que é o seu coração para mim? Um resto de outra; talvez nem isso; esse mesmo resto não me pertence, não é meu; fiquemos neste ponto, e que cada um de nós diga a sua liberdade.

Iaiá recusou outra explicação, aliás desnecessária; a linguagem era transparente. Jorge saiu dali com o espírito transtornado e confuso. O motivo da recusa, para ser sincero, era infantil ou romântico demais; nenhuma noiva teve ciúmes de um amor desconhecido e acabado; logo, a alusão de Iaiá não era vaga e sem objeto, mas ia direito à pessoa de Estela. Seria isso? Jorge não queria crer e mal podia duvidar.

No dia seguinte, acabado o almoço, apareceu-lhe o pai de Estela.

— Iaiá mandou isto, disse ele tirando da bolsa uma carta.

Jorge recebeu-a apressadamente e a abriu; leu estas palavras únicas: — “Não posso ser sua mulher; esqueça-me e seja feliz.” Ficou branco; tornou a ler a carta, sem a entender, mesmo que ela não fosse mais do que a frase escrita e seca do que Iaiá lhe havia dito no dia anterior. Mas entre as reclamações e derramamento de uma hora de desânimo e aquela intimação, havia um abismo; a carta trazia a notícia da resolução definitiva, que ele não havia achado ou não queira achar nas declarações verbais da moça.

— Iaiá lhe deu isto agora mesmo?

— Antes do almoço, respondeu o Sr. Antunes, cujo olhar tentava encontrar no rosto de Jorge algumas linhas do drama que acreditava haver lá dentro.

— Não lhe parece que Iaiá anda triste? Perguntou Jorge no fim de um minuto.

— A morte do pai a fez sofrer muito.

Jorge foi dali ao gabinete; o Sr. Antunes o acompanhou. A preocupação do moço era um alívio às esperanças do pai de Estela, que pareciam. Visto que Sr. Antunes falava da filha como se fosse um pretendente, Jorge teve uma **ideia**, que a princípio lhe pareceu absurda, mas com a qual se familiarizou pouco a pouco; a suspeita de que o procedimento de Iaiá era uma vingança de Estela tocou seu coração, uma como vingança póstuma. O inexplicável da carta podia justificar até certo ponto essa suspeita sem fundamento nem base na verdade, que afinal acabou por não achar nenhuma oposição na consciência dele. O que pode durar no homem, se a paixão que o leva ao sacrifício e à beira da morte, pode um dia rastejar na calúnia?

Duas horas depois Jorge, escrevia estas poucas palavras à viúva de Luís Garcia: “Iaiá me mandou há pouco o bilhete anexo. Peço-lhe o favor de uma explicação”.

A carta de Iaiá tinha sido escrita naquela manhã, depois de uma noite de agitação e luta. Nem foi a única. Iaiá escreveu outra, menos vaga, a Procópio Dias. Morto o pai, esse homem havia ido ali três vezes, sem trocar com a moça uma só palavra referente à confidência estranha que havia lhe feito antes. Eram visitas de meia hora, não mais; durante esse curto espaço de tempo, Procópio Dias não mudava um instante a seriedade um pouco triste que tinha escolhido. Não era o brincalhão de ante, mas também não era um poeta desesperado e pálido; ficava entre os dois papéis. Os acontecimentos pareciam aconselhar a ele que mantivesse uma certa ausência; mas, além de não ter modos nem dignidade, surgia em seu peito a esperança, a esperança forte dos que cobiçam. Não a sussurrava ao ouvido da moça, nem a mostrava nos olhos, na postura, nos jeitos, todos eles impregnados da submissão de uma alma desenganada e passiva. Iaiá tratava-o com bondade, já agora mais constante; posto não lhe passasse pela cabeça a **ideia** de vir a desposá-lo, não havia indícios dessa paixão resignada e muda.

Depois de soltar a palavra definitiva, Iaiá entendeu que lhe devia dar a última palavra, desligando-se da promessa solene. Não o fez sem chorar muito. A pobre criança amava o filho de Valéria com a pureza de um coração quase adolescente; e só então percebeu toda a influência que ele tinha sobre ela. Mas duas situações

Iaiá Garcia

a levavam ao desfecho; a primeira era a revelação de Procópio Dias, confirmação de suas suspeitas; a segunda foi o espetáculo a que assistiu, naquela noite, logo depois de se despedir do noivo. Sabendo que a madrastra estava no gabinete do pai, foi para lá e espreitou pela fechadura; viu Estela sentada com a cabeça inclinada no chão, com o cabelo desarrumado, desfeito violentamente, como se tivesse desarrumado com as mãos em um momento de desespero, e o cabelo espalhado pela testa, com a desordem da pecadora evangélica. Iaiá não a viu sem que os olhos se umedecessem, o ódio se encheu de piedade.

— Que se casem! Disse a moça com convicção.

Desligando-se da promessa feita, Iaiá refletiu que ia ficar só, e que precisava forçosamente de um amparo; foi então que lhe lembrou Procópio Dias. Não encarou a **ideia** sem repugnância; aceitável na palestra, para ela, Procópio Dias era antipático para a convivência conjugal. Não o podia amar, e, uma vez resolvida a aceitá-lo, começou logo a provocá-lo. Que muito? Era um marido; não exigia outro mérito. A carta que lhe escreveu não saiu de um jato, foi trabalhada e reescrita; o texto definitivo dizia que fosse ali sem demora para lhe falar de objeto que interessava à felicidade de ambos. Isto, e nada mais que uma lágrima, que escapou dos cílios no papel como um protesto contra o que ia escrito nele.

Raimundo, chamado para levar essa carta, recebeu-a depois de alguma resistência. Olhou para o papel e para a moça. Depois sacudiu a cabeça com um ar de dúvida. Iaiá fingiu não ver nada, mas o gesto do negro a impressionou. Ia afastar-se, Raimundo segurou-a dizendo:

— Iaiá me desculpe... esta carta... Raimundo não gosta de falar com aquele homem.

— Não fale com ele; basta deixar a carta na casa dele.

Raimundo não insistiu; acompanhou com os olhos a filha de seu antigo senhor, abanando a cabeça com o mesmo ar de alguns momentos antes. Depois olhou para a carta, como se quisesse adivinhar o que estava dentro. Não era só pressentimento, mas também dedução do que ele via naquelas últimas semanas. Tinham-lhe dado notícia do casamento; falava-se nisso todos os dias antes da morte de Luís Garcia. Morto este, parou toda a conversa sobre projeto, que parecia dever executar-se dentro de pouco tempo. O coração do negro dizia que aquela carta era alguma coisa mais do que um

recado sem **consequência**. Quis levá-la a Estela; mas rejeitou a ação, por lhe parecer infidelidade. Dez minutos depois saiu em direção à casa de Procópio Dias.

Entretanto, chegavam às mãos de Estela o bilhete de Jorge e o de Iaiá. A viúva não podia crer no que estava lendo. A carta da enteada era um ato de insubordinação, inexplicável na essência e na forma; e se essa carta a deixou surpresa, a de Jorge a fez gemer. O noivo desenganado recorria à intervenção de Estela. A primeira pessoa amada desse homem era agora a sua confidente, a quem ele escrevia sem saudade, sem remorso, talvez sem hesitação.

— Sogra! Concluiu Estela com amargura; e erguendo os olhos do papel para o espelho, que pendia da parede da frente, contemplou caladamente as suas belezas ainda em flor. Iaiá entrou nessa ocasião. A madrasta chamou-a para junto de si; e mostrando-lhe o bilhete que havia escrito ao noivo, **perguntou-lhe** o que queria dizer aquilo. A enteada ficou silenciosa durante alguns segundos; mas a resolução deu-lhe força e **tranquilidade**.

— Quer dizer o que está escrito aí, respondeu ela; não posso casar com o Dr. Jorge.

— Por quê?

— Não posso.

— Por quê? repetiu Estela com autoridade.

— Amo outra pessoa.

— Não creio; certamente tem outro motivo.

— Que motivo?

— Nenhum que seja sensato, acudiu a madrasta, mas algum há de haver, que não seja esse. O passo que deu é sério; não é próprio de uma moça obediente; chega a ser contrário aos costumes. Não importa; tudo pode ser explicado; explique-me esta carta.

Iaiá não obedeceu à intimação da madrasta; e para desfazer qualquer aparência ofensiva, conservou um ar de modéstia e submissão. Estela não se deu por vencida; demonstrou-lhe que só um motivo grave podia justificar semelhante procedimento, e que era obrigada dizê-lo ao noivo; lembrou-lhe finalmente do carinho que sempre houve entre Jorge e o pai. Neste ponto Iaiá estremeceu e viu na madrasta uns olhos que não eram os de pouco antes.

Parecia-lhe pecado evocar o nome do pai. Não se pôde ter; deu um passo e a interrompeu com frieza:

— Não posso casar, porque a senhora o ama.

Estela, que já então estava sentada, levantou-se na mesma hora ao ouvir esta explicação repentina e inesperada. Sua face pálida, que a roupa de viúva ainda mais empalidecia, tingiu-se de uns longes de vermelho. Podia ser confusão ou indignação. Durante uma pausa relativamente longa, Iaiá não tirou os olhos da madrastra. Essas duas lâmpadas buscavam examinar-lhe, no momento supremo, todos os recantos da consciência e todos os atalhos do passado. Não disse nada, para melhor aproveitar o abalo que acabava de produzir em Estela; era necessário o sacrifício. Mas Estela sentou-se daí a pouco, e foi a primeira que rompeu o silêncio.

— Você está louca, disse ela **tranquilamente**. Quem colocou essa **ideia** na sua cabeça?

— Não vamos pensar agora em quem foi ou o que foi que me fez adivinhar a verdade, respondeu Iaiá; basta saber que decidi romper o casamento, que o mandei dizer ao Dr. Jorge, e que talvez dentro de poucos dias outra pessoa pedirá à senhora a minha mão.

Estas palavras transtornaram totalmente a viúva, que surpresa e irritada deu alguns passos na sala, buscando controlar a explosão de seus sentimentos. Iaiá foi ter com ela, falou-lhe com ternura e submissão.

— Não se zangue, mamãezinha, se lhe não disse antes o que fiz agora mesmo; estava certa de que aprovaria, ou me perdoaria logo. O homem de que lhe falo me ama; e a senhora mesma não rejeitou a **ideia** de me ver casada com ele.

— Você não tem culpa da imprudência que cometeu, disse Estela; porque antes disso tinha perdido a razão. Vem cá; você me disse uma coisa absurda, e é preciso que me diga outra para explicar a primeira. Por que eu o amo? Continuou depois de alguns instantes. Que você quer dizer com isso?

Iaiá curvou a cabeça.

— Fala!

— Não direi nada; essa palavra explica tudo. Se o ama, como eu creio, é a sua felicidade que lhe trago, não digo que a troco da minha, porque seria como um sacrifício, mas a troco de uma ilusão, e nada mais. Não pense que lhe quero mal; não posso querer mal a quem me tem ou teve alguma afeição e substituiu dignamente minha mãe. Se lhe quisesse mal, é provável que não fizesse o que fiz.

Enquanto a enteada falava, Estela tinha a face inclinada e pensativa; atitude em que se conservou ainda durante algum tempo.

— Bem se vê que o ama, disse Iaiá; seu silêncio confirma a minha suposição.

— Eu! Exclamou Estela estremecendo. E lançando-lhe um dos olhares de gelo, que eram o reflexo do seu orgulho: — Você não entende nada dos sentimentos, não conhece o coração. Eu amá-lo? Eu? Não! Não é possível!

— Talvez não, mas o que está feito, está feito.

A madrasta quis segurá-la, mas não pôde; Iaiá saiu sem dizer nada. Estela ficou atordoada, confusa e até medrosa; as palavras de Iaiá soavam aos seus ouvidos, não como um som exterior, mas como o grito da própria consciência. Venceu o abatimento, reagiu depressa como lhe pediam as circunstâncias e a própria necessidade de sua natureza. Não teve tempo de pensar no modo por que a enteada havia chegado a suspeitar de um sentimento que ela havia guardado no coração. Era necessário reparar o mal feito pela imprudência da moça. Estela se dispôs a responder logo à carta de Jorge, e não sabia ainda claramente o que havia de dizer. Tratou primeiro de chamar Raimundo, e vendo que ele não vinha foi encontrar com Iaiá.

— Raimundo foi levar uma carta minha ao Procópio Dias, respondeu ela.

Estela caiu numa cadeira. Pela primeira vez, brilhou em seu espírito uma **ideia** cruel: a **ideia** de que a suspeita de Iaiá fosse mais do que uma simples e inocente reflexão, fosse uma agressão. Os olhos que lançou à moça ardiam de indignação. Cobriu-os depressa, não para chorar, mas para fugir aos da outra. O olhar de Estela fez vacilar por um instante a certeza da enteada; a raiva pareceu-lhe sincera e até excessiva; mas o gesto que se lhe seguiu aliviou e desfez a primeira impressão. Iaiá supôs ver na atitude da madrasta uma confissão involuntária, uma expressão de abatimento e desespero, como de pessoa que vê a felicidade própria e julga dever sacrificá-la por causa de outra.

Era generosa. Caminhou para ela, dobrou as curvas, colocou os braços em sua cintura, trêmulos de comoção; com as mãos desviou as de Estela e fitou-lhe os olhos, que estavam sombrios.

— Fui imprudente, confesso, disse ela; devia tê-la consultado antes de fazer o que fiz. Mas eu temia a sua oposição; e não queria torná-la desgraçada. Sou mais nova que a senhora; se tivesse de me consolar, me consolava depressa. Mas não tenho; não amava; cedi a um capricho, e não sinto a menor dor ao me despedir dele. Venha, perdoe-me; e esteja certa de que não a amarei menos do que até agora.

Levantou-se e procurou beijá-la. A madrasta recuou instintivamente a cabeça; era um resto de repugnância, que a fisionomia ingênua e pura de Iaiá logo dissipou. Em tão poucos anos, sem nenhuma experiência social, era certo supor na menina tamanho fingimento? Estela concluiu que a ação da enteada vinha não de uma suposição ofensiva, mas de um impulso desinteressado. Qualquer que fosse o fundamento da suspeita, o procedimento da enteada trazia o espírito da pureza e da boa fé; assim pensando, Estela sentiu a alma desoprimir. Não era generosa, — ou tinha somente a generosidade fria e altiva, que nasce do orgulho. Mas não era insensível; e o desinteresse da menina tocou-lhe profundamente o coração. Inclinou-se para ela, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e fitou-a, com um olhar severo e maternal ao mesmo tempo.

— **Perdoó** sim, disse finalmente, porque não sabe o que fez. A intenção é que te salva do meu ódio; quer dizer, do meu desprezo. Se quer medir bem a profundidade do abismo que acaba de cavar, fica sabendo que me ofendeu, pensando em me servir, e que o resultado do teu erro pode talvez arrancar de você lágrimas amargas e inúteis. Seu castigo será que só eu as enxugarei; — ouviu bem? Só eu.

Dizendo isto, soltou a cabeça da enteada com um gesto ríspido, em que havia ainda um pouco de irritação. Iaiá estava pálida. Sentiu na palavra seca e fria da madrasta um quê de indignação sincera; e sua alma caiu prostrada, mais ainda do que o corpo, que não podendo se sustentar, procurou se amparar no móvel que achou mais próximo. A dúvida, que antes já havia atravessado o espírito da moça, começou a invadi-lo. Iaiá fitou Estela com o mais agudo de seus olhares, acompanhou-a de um lado para outro, porque a madrasta, logo depois das palavras que lhe disse, começou a andar e refletir. Se a viúva era sincera, Iaiá acabava de fazer de graça a sua própria desgraça; foi o que a moça pensou, e esse pensamento justificou-se como um aperto. No meio da confusão moral que essa **ideia** a lançou, Iaiá encontrou-se entre dois desejos, mal definidos, mas inteiramente opostos um ao outro. Queria e não queria ter se enganado; desejava conciliar o coração e a consciência. Seu espírito trouxe a hora inicial da suspeita, — aquela triste manhã, em que a carta de Jorge foi lida por Estela; recordou o gesto da madrasta, o tremor, a lividez, os vivos sintomas da aflição, do medo ou do remorso.

Seria engano aquilo? Não era evidente que eles haviam se amado, que se amavam ainda naquela ocasião; e, dada a afirmativa, era acaso impossível que Estela, ao menos, o amasse ainda hoje?

Iaiá ficou com a esta conclusão, embora confirmasse a ruína de suas esperanças; a conclusão, porém, contrastava com a **tranquilidade** da madrasta. Estela já havia perdido o alvoroço do primeiro momento. Depois de alguns minutos de reflexão, parou na frente da enteada. Era difícil ver na atitude quieta, no aspecto de mãe severa e digna, alguma coisa que se parecesse com as ânsias, o triunfo ou o abatimento de uma rival. Iaiá ficou diante dela, a olhá-la e a analisá-la. A porção da alma que transparecia do rosto da viúva era tão fria, tão indiferente, que mal podia se combinar com o sentimento que Iaiá lhe atribuía. Foi o que esta pensou ver com seus olhos finamente espertos; e no meio desse contraste entre o jeito de agora e a revelação passada, Iaiá acabou por não saber definitivamente onde ficava a verdade, e esteve a ponto de lhe pedir de joelhos.

Achavam-se então no gabinete de Luís Garcia, na frente da mesa, onde o finado havia encontrado, com outros papéis, a carta que havia dado lugar às reflexões de Iaiá. Não havia mudança nem no número nem na organização dos móveis. Só a luz era diferente, porque a daquele dia era viva e clara, filtrada através de uma atmosfera serena, como a vida anterior dessa família, ao passo que a de hoje vinha turva e meio apagada pelas nuvens de um céu chuvoso e triste. Na longa pausa que houve entre a madrasta e a enteada, os únicos sons que se ouviam eram o rufar da chuva na folhagem do jardim e o tic-tac de um relógio de parede.

— Vou fazer o maior mal que é possível receber na sua idade, disse finalmente Estela. Mas assim o quer; e se alguma razão tem para acreditar que amo esse homem, é necessário mostrar a realidade das coisas.

Estela abriu duas ou três gavetinhas da mesa, e, depois de alguma busca entre os maços de cartas que aí encontrou, tirou uma, abriu-a e deu-a à enteada. Iaiá recebeu-a com as mãos trêmulas de curiosidade; leu-a toda; devia ser a mesma que o pai havia mostrado à madrasta.

— Essa moça era a senhora? Murmurou ela como se ainda esperasse resposta negativa.

— Era eu.

Iaiá deixou-se cair numa cadeira rasa, a mesma em que Estela estava sentada, quando ouviu a confidência do marido.

— Vê? Disse Estela; foi por mim que ele fez o sacrifício de ir para a guerra, sem esperança de ser retribuído nem de contar um dia com a minha gratidão. Foi para a guerra, lutou, sofreu, fiel ao sentimento que o tinha levado, até o ponto de acreditar que era eterno. Eterno! Sabe quanto durou essa eternidade de alguns anos. É duro de ouvir, minha filha, mas não há nada eterno neste mundo; nada, nada. As mais profundas paixões morrem com o tempo. Um homem sacrifica o repouso, arrisca a vida, afronta a vontade de sua mãe, rebela-se, e pede a morte; e essa paixão violenta e extraordinária acaba às portas de um simples namoro, entre duas xícaras de chá...

— A senhora não o amou nunca? Interrompeu Iaiá, ao sentir o tremor e o despeito com que a madrastra proferira as últimas palavras.

— Havia entre nós um buraco largo, muito largo, disse Estela. Eu era humilde e desconhecida, ele distinto e considerado; diferença que podia desaparecer, se a natureza me houvesse dado outro coração. Medi toda a distância que nos separava e tratei simplesmente de evitá-lo. Foi então que ele embarcou; por dentro aprovei. Talvez lhe não neguei um pouco de compaixão silenciosa, mas nada mais. Casamento entre nós era impossível, ainda que todos trabalhassem para ele; era impossível, sim, porque o consideraria uma espécie de favor, e eu tenho grande respeito por minha própria condição. Meu pai já me achava, em pequena, um poço de orgulho. Como você queria que, com tal sentimento, pudesse casar com um homem, socialmente superior a mim? Era preciso ter outra índole. Todas as felicidades do casamento encontrei junto com seu pai. Não nos casamos por amor; foi escolha da razão, e por isso acertada. Não tínhamos ilusões; pudemos ser felizes sem desencanto. Teu pai não tinha os mesmos sentimentos que eu; era mais tímido que orgulhoso. Qualquer que fosse a razão do seu desapego ao mundo, bastava que o tivesse, para me fazer feliz; vivemos assim alguns anos de inteiro isolamento, sem conhecer o amargor, que é o que fica no fundo da vida, sem necessidade de dissimulação... Minto; tive necessidade de fingir, desde que aquele homem aqui apareceu; era necessário. Um dia teu pai me mostrou essa carta e me falou sobre a paixão encoberta que aí se conta; pode imaginar ouvi **tranquila**. Mas foi desse acontecimento, que outro podia

perturbar minha alma? Não vi nenhuma porta se abrir para mim por favor, nenhuma mão apertou a minha por simples amizade. Não conheci a educação humilhante, nem a afabilidade sem calor. Meu nome não serviu de pasto à natural curiosidade dos amigos de meu marido. Quem é ela? donde veio? Ninguém me perguntou de onde eu vinha, não é verdade? Você perguntou quem eu era? Não; amou-me como tinhas amado tua mãe, e eu te amei, como se fosse minha filha. E para isso bastou-nos estender os braços; não foi preciso descer nem subir.

— Não foi, disse Iaiá comovida, apertando-lhe as mãos.

— Já vê quem eu era e sou; uma espécie de animal feroz, que prefere a jaula ao jardim. Não me senti honrada com a paixão que inspirei; rejeitei, talvez, um marido digno das ambições de qualquer mulher. Era isto o que queria saber? Pois aí tem a minha história, a história dessa carta, que agora já podemos rasgar...

Estela pegou na carta e rasgou-a lentamente, em pedaços miúdos, enquanto a enteada refletia sobre revelações que acabava de ouvir. A madrasta jogou os fragmentos do papel no lixo. Talvez sua mão tremia um pouco; o rosto, porém, era de pedra.

— Resta concertar a imprudência e casar, disse Estela dando à palavra um tom de piada.

— Não sei! Murmurou Iaiá. O que a senhora me disse é grave; não há sentimentos eternos. Parece que depois de tamanha paixão qualquer outro afeto não terá vida longa.

— Por que não? Você não vai querer agora uma paixão que o leve à guerra; seria um desastre. Mas está nas suas mãos fazer que ele te ame sempre e muito.

Iaiá refletiu um instante.

— Jure a mim que o não ama!

Estela franziu a sobrancelha; depois mostrou-lhe o bilhete que Jorge lhe escrevera poucos antes, e cuja redação dissiparia qualquer dúvida em relação ao noivo. Era uma fuga para lhe não confessar nem mentir. A primeira vez que havia negado o amor, foi antes um grito do coração que queria enganar a si próprio; agora preferia calar-se. Iaiá caiu no laço. O coração humano é tão egoísta! A certeza da inocência de Jorge importava muito mais que a de Estela; a alma da moça no primeiro instante, respirou profundamente. O respeito que tinha à madrasta, e um pouco de ciúme retrospectivo que a mordida, ao pensar naquela paixão tão

Iaiá Garcia

violenta e tão desenganada, impediam qualquer outra manifestação. Quando se achou a sós, levava o espírito arejado da suspeita que o oprimira durante longos meses; mas o vento que o lavou das sombras, lá lhe queimou algumas das flores desabotoadas ao calor do primeiro sol⁴⁷. A felicidade tinha um ranço de desgosto e humilhação; o coração tremia de medo.

Quando mais envolvida estava nesse contraste de sensações, viu Raimundo transpor a porta do jardim.

⁴⁷ Perceba o alto teor poético da passagem ao metaforizar o amadurecimento de Iaiá.

Capítulo XVII

Iaiá foi até Raimundo.

— Entregou?

— Não entreguei, disse o negro.

Iaiá ficou alguns instantes imóvel. Raimundo tirou a carta do bolso, e ficou com ela nas mãos, sem atrever-se a levantar os olhos; levantou-os enfim e disse com convicção:

— Raimundo não achou bonito que Iaiá escrevesse àquele homem, que não é seu pai nem seu noivo, e voltou para falar a nhã Estela.

— Me dê aqui, disse a moça secamente; não é preciso.

Raimundo entregou-lhe a carta, e sacudiu a cabeça grisalha, como se quisesse afastar os anos que sobre ela pesavam, e retroceder ao tempo em que Iaiá era uma simples criança, travessa e nada mais. A resolução tinha sido difícil; três vezes havia chegado até a porta de Procópio Dias para obedecer à filha do seu antigo senhor, e três vezes havia recuado, até que venceu nele o pressentimento, — uma coisa que lhe martelava no coração, dizia ele daí a pouco a Estela, quando lhe referiu tudo.

Estela não se deteve mais. Na carta, que escreveu a Jorge, disse que a enteada era apenas uma menina romântica, desconfiada e curiosa; queria desfazer o casamento, porque supunha não ser amada com igual ardor ao seu. “Iaiá adora-o”, concluía Estela, “e não se sente adorada. Venha se colocar ao pé do altar, e terá em mim a mais piedosa sacristã”.

Iaiá teve notícia da carta, e já tarde para opor qualquer objeção. O primeiro impulso foi agradecer a fraude da madrastra; mas a alma, tocada por um resto de ciúme, depressa conteve o impulso, e a única resposta da moça foi um gesto de acanhamento e um silêncio longo. Ouviu tudo depois sem azedume nem impaciência, atenta à menor hesitação que lhe bloqueasse a palavra, ou à mínima sombra de desgosto que lhe entristecesse os olhos. A verdade é que a ternura da madrastra e a jovialidade recente de seus modos traziam certa nota incomum e violenta, e esse excesso fazia a enteada refletir.

Entretanto, a carta de Estela chegou às mãos de Jorge, que a leu duas vezes para conseguir entender o sentido. A explicação tinha o defeito de ser um pouco sutil: mas a alma de Jorge conser-



vava sempre uma porta aberta aos sentimentos extraordinários. Além do mais, qualquer explicação favorável era um benefício, e aquela tinha a vantagem de bajular o **amor-próprio**, além de vir ajustada com o espírito inquieto e súbito da noiva. Leu a carta sem comparar o texto com a assinatura, sem pensar no sacristão que em outro momento queria vestir as roupas sacerdotais.

Nessa mesma noite foi à casa da noiva, que o recebeu sem contentamento nem mortificação, um pouco vaga e meditativa. Nem um nem outro aludiu aos últimos eventos; isso Estela fez com muita calma. Como a explicação da viúva não correspondia exatamente à realidade das coisas, a situação ficou ainda estranha e vaga, e porventura aumentou o constrangimento de todos. A certeza de que Iaiá exigia da parte dele maior intensidade de sentimento, não havia inclinado o espírito de Jorge a nenhuma demonstração teatral, — mas acabou por lhe dar maior ternura, e aumentou a força de um sentimento, que é a forma desinteressada do egoísmo, — a felicidade de fazer o outro feliz.

— Marquemos o casamento para esta semana, disse Estela na noite de um domingo.

— Ainda não, respondeu a enteada.

Mesmo que tenha sido dissipada a tempestade que havia se formado sobre a cabeça, Iaiá enxergava ainda para o lado do poente uma sombra, e para o lado do nascente uma possibilidade. Esses dois pontos negros vinham corromper a beleza azul do céu e torná-lo pesado e triste. O mistério do futuro unia-se ao mistério do passado; um e outro podiam devorar o presente, e ela receava ser esmagada entre os dois. A convivência da família deixava-a preocupada. O que seria o casamento para ela, se tivesse de entrar nele com a eterna ameaça diante dos olhos, uma antiga semente de amor, que a primeira brisa da primavera podia fazer brotar e crescer de novo? Acreditava na inocência presente da madrastra, e na inteira cura do marido, mas e o futuro? A beleza de Estela estava ainda longe de envelhecer, e a cisma de Iaiá a convencia de que, ainda no fim, seria superior à sua.

Uma noite, entrou o Sr. Antunes e deu uma carta à filha, que a leu silenciosamente.

— Olha, disse ela apresentando a carta à enteada.

Iaiá leu-a; eram duas páginas escritas de alto a baixo, e por letra desconhecida. Uma antiga amiga de Estela, residente no norte de São Paulo, aceitava a proposta que esta lhe havia feito, de ir

Iaiá Garcia

dirigir uma escola que ali havia fundado desde alguns meses.

— Você nota que é necessário casar o quanto antes, disse Estela logo que a enteada acabou a leitura.

Iaiá sentiu os olhos úmidos e se atirou aos braços da madrasta. A expressão era sincera; havia ali afeto, reconhecimento e admiração. Mas, por isso mesmo que era sincera, deveria agredir a madrasta, se alguma coisa pudesse já agredir uma alma fria. Estela sorriu, — um sorriso que queria dizer: — Bem sei que sou demais. A língua, porém, não proferiu uma única palavra.

— O que isso quer dizer? Perguntou o pai de Estela, que nada sabia da carta, e **consequentemente** nada entendia daquela emoção da moça.

Estela mostrou-lhe a carta. O pai não pôde acabar de ler: na primeira página já podia compreender tudo. Seus olhos iam do papel à filha e da filha ao papel, sem que a boca se atrevesse a formular nenhuma queixa ou censura.

— Não digo que me obedeças, murmurou ele; mas parece que podias consultar-me...

— Eu estava certa da sua aprovação, respondeu Estela. Ou parece lhe que fiz mal?

— Nunca fizeste bem em coisa nenhuma, disse tristemente o pai. E pegando-lhe nas mãos: — Tão moça! Tão bonita!

O dia do casamento foi definitivamente marcado naquela noite. Como Estela havia declarado que ela própria serviria de madrinha, Iaiá procurou convencê-la do contrário cautelosamente; o noivo também não admirou a intervenção espiritual da viúva. Mas Estela não se deu por entendida. O papel de ajudante, que a si mesma tinha dado, desempenhou com lealdade e dignidade. Quis ir até o fim. Era o melhor modo de se mostrar sem culpa e superior. Jorge sentia-se constrangido e transportado ao mesmo tempo, ao observar a simplicidade e o cuidado que a viúva colocava naquele ato. Iaiá sentia só admiração e gratidão. Tinha já certeza de que o passado era pouca coisa, e de que o futuro seria coisa nenhuma. O casamento ia separá-las, reconciliando-as.

Casados os dois, Estela preparou-se para seguir viagem, mesmo com a resistência do pai, que foi insistente e hábil. O pai ficaria. Estava já tão cansado para viagens longas! A diferença do clima, a falta de relações, a necessidade de não abrir mão do emprego, eram motivos de grave peso para não se arriscar a deixar a cidade.

— Ao menos, prometes vir me ver de vez em quando? Disse o Sr. Antunes sentindo tremer em seu olhos uma lágrima sincera.

Estela respondeu que sim; depois pediu-lhe que aceitasse uma mesada. O pai recusou comovido. — Tu vales muito, exclamou ele. O tom com que disse estas palavras deu uma esperança à filha.

— O senhor pode valer ainda mais do que eu, disse ela.

Depois lhe contou a paixão de Jorge e todo o episódio da Tijuca, causa originária dos acontecimentos narrados neste livro; mostrou-lhe com calor, com firmeza, que, recusando ceder à paixão de Jorge, havia sacrificado algumas vantagens ao seu próprio favor; sacrifício tanto mais digno de respeito, quanto que ela amava naquele tempo o filho de Valéria. Que pedia agora ao pai? Pouca e muita coisa; pedia que a acompanhasse, que cessasse a vida de dependência e servilidade em que vivera até ali; era um modo de a respeitar e de se respeitar. O pai **escutava-a** surpreso.

— Tu chegaste a amá-lo! Disse ele. Não o odiava? **Amaram-se?** E só agora sei... Bem digo eu; tu és uma fera. Não tens, nunca tiveste pena de minha velhice... Ele é tão bom! Tão digno! E se morresse por tua causa? Não terias remorsos? Não te havia doer o coração quando soubesses que um moço tão bem-nascido, que gostava de ti... Sim, ele gostava muito de ti; e tu também... e só hoje!

Estela fechou os olhos para não ver o pai. Nem esse amparo lhe ficava na solidão. Compreendeu que devia contar somente consigo, e encarou serenamente o futuro. Partiu; o pai **despediu-se** dela com o desespero no coração, — e desta vez a dor era desinteressada e pura. Jorge o consolou depressa. Não houve interrupção na convivência, e o Sr. Antunes continuou a achar ali a mesma proteção e cordialidade. Se o casamento havia sido um atentado, ele os absolveu disso, e repartiu com ambos sua infinita amizade. Outra vez companhia assídua, tornou a ser o homem de confiança. Fora dali, as horas de lazer que tinha, eram empregadas nas sessões do júri, nas galerias da câmara dos deputados ou nos bancos do Carceller. Não tendo já a esperança de uma aliança vantajosa, adotou o costume de jogar na loteria, outra forma de esperança, que igualmente tinha a ver com sua índole. Era ele quem dava, secretamente, notícias de Estela a laiá.

Esta achou no casamento a felicidade sem problemas. A sociedade não lhe negou carinhos e respeitos. Se antes de casar, laiá possuía o abecedário da elegância, depressa aprendeu a como exercê-la; aproximou-se de todos os requintes da urbanidade, com a

Iaiá Garcia

habilidade de um espírito inteligente e penetrante. Nenhuma nuvem do passado veio sombrear a fronte de um ou de outro; ninguém se colocava entre eles. Iaiá escrevia algumas vezes a Estela, que lhe respondia regularmente, e no mais puro estilo de família. De longe em longe a enteada presenteava a madrastra, que lhe retribuía logo na primeira ocasião. Quanto a se encontrarem, era difícil; Estela se voltava totalmente à nova ocupação.

Procópio Dias viu a morte de todas as últimas esperanças, com uma filosofia que não pensava ter em si. Naturalmente sofreu alguns dias de despeito; mas o despeito acabou com o amor. Verdade é que o casamento abriu nele o desejo de não morrer solteiro; e, perdida uma oportunidade, tratou de procurar outra. Ultimamente voltou à religião do celibato. Duas ou três vezes encontrou Iaiá e o marido. A última foi numa festa. Jogou cartas com Jorge e acompanhou a mulher até o carro, não sem lançar um olhar discreto ao apoio, onde Iaiá colocou o pé, cansado de dançar.

No primeiro aniversário da morte de Luís Garcia, Iaiá foi com o marido ao cemitério, a fim de depositar na sepultura do pai uma coroa de saudades. Outra coroa havia sido ali colocada, com uma fita em que se liam estas palavras: — A meu marido. Iaiá beijou com ardor a humilde dedicatória, como beijaria a madrastra se ela lhe aparecesse naquele instante. Era sincera a piedade da viúva. Alguma coisa se salva quando as ilusões afundam.

**O autor
Machado de Assis**



O autor

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839, falecendo na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Foi romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e teatrólogo.

Por ser mulato e pobre, filho de operário, Machado de Assis não pode **frequentar** uma instituição de ensino, embora tenha estudado mesmo longe da escola. Aos quinze anos, publicou uma obra literária pela primeira vez, no *Periódico dos pobres*, de 3 de outubro de 1854. Dois anos depois, começou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional, onde teve contato com textos e autores variados. Foi jornalista e revisor em vários jornais e revistas da época.

Seu primeiro livro foi uma tradução, ao qual seguiu seu primeiro livro de poesias: *Crisálidas*, de 1864. O primeiro romance veio em 1872, *Ressurreição*, seguido de *A mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro considerado pelos críticos como divisor de águas da obra machadiana. Ingressou pelos contos com *Papéis avulsos*, *Contos fluminenses* e *Relíquias da Casa Velha*.

No teatro, publicou várias peças, dentre as quais *Desencantos* e *Quase ministro*. Como crítico literário, comentou textos de autores nacionais e estrangeiros nos jornais em que colaborou, sendo inclusive um dos precursores dessa atividade no Brasil. Na crônica, destacam-se as obras *Bons dias!* e *Crônicas de Lélío* (esta publicada após a morte do autor).

Ocupou a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi **patrono-fundador**.



Brasão da Academia Brasileira de Letras.

Características da obra de Machado de Assis

Machado de Assis é seguramente **um dos maiores escritores da Língua Portuguesa** de todos os tempos. Cultivando os **vários gêneros literários**, como poesia, prosa e teatro, seus textos são considerados verdadeiros **documentos humanos** e de **paisagens sociais** do final do século XIX e início do século XX.

A importância do autor é mais evidenciada nos estudos relacionados a sua **prosa**, sendo seus **romances** as obras mais destacadas pelos estudiosos da literatura.

Sua prosa costuma ser dividida em **duas fases**: uma fase romântica e uma fase realista, sendo esta última considerada a de grande expressão para a Literatura brasileira.

Em todas as suas obras podem ser percebidas características que marcaram a prosa machadiana, como: o **diálogo com o leitor**; a **referência a autores e obras literárias e filosóficas** de outros tempos (Pascal, Montaigne e Shopenheuer); a **descrição psicológica** dos personagens; a divisão da obra em **capítulos curtos; frases breves**.

O escritor francês Honoré du Balzac, que teve grande influência na literatura realista mundial.



Suas temáticas giram em torno de **conflitos** em eventos cotidianos da vida burguesa, que o autor usa para analisar, à sua maneira, o próprio **caráter humano**. Assim, comumente observamos mulheres e homens **desiludidos por amor** não correspondido; **casamentos** realizados **por interesse** (nem sempre em dinheiro); o **ciúme**; a **traição**.

Os **fatos históricos** também estão presentes nas obras de Machado: nelas, há referência à Guerra do Paraguai (no conto *Um Capitão de Voluntários*, do livro *Relíquias da Casa Velha*); à declaração da maioria de D. Pedro II, para que pudesse assumir o trono do Brasil Império (em *Dom Casmurro*); à escravidão e os momentos logo subsequentes à libertação dos escravos; à monarquia e as batalhas políticas na transição para a República.



Muitos fatos históricos foram retratados na obra machadiana, entre eles a Guerra do Paraguai, retratada acima no quadro de Pedro Américo, Batalha do Avaí.

O **panorama político** é uma temática bastante presente nas obras machadianas. Em seus livros, há grande número de alusões à monarquia e à república. Exemplo disso podemos encontrar na obra *Esaú e Jacó*, na qual dois irmãos, que professam ideologia política diferente (um republicano, o outro monarquista), disputam o amor da mesma mulher.

Machado também se caracteriza por veicular, em suas obras, ideias filosóficas, sendo bastante conhecida sua filosofia humanista, elaborada pelo personagem Quincas Borba. O pensamento *humanista* afirma que há uma tendência do homem sempre lutar pela sua sobrevivência ou mesmo para sua escalada social, mesmo que isso prejudique a outrem. Essa filosofia está resumida na célebre frase “Ao vencedor, as batatas”, que o personagem diz após refletir sobre um episódio a seguir:

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Pode-se perceber, no trecho acima, uma relação com as **teorias naturalistas**, a lei da seleção natural, na qual os mais capazes de adaptarem-se ao ambiente têm mais chances de sobreviver.

O **pessimismo** das obras de Machado de Assis é também bastante conhecido e registrado pela crítica literária. Esse pessimismo se caracteriza principalmente pela predeterminação do homem a ser infeliz, ou seja, todo ser humano teria por destino a infelicidade. O clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta de maneira bem evidente essa característica logo na dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”. Em vez de homenagear alguém, ele dedica a obra a um verme, colocando-o acima do ser humano. No final, outra clássica demonstração de pessimismo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

O tom pessimista de Machado é completado pela ironia e muitas vezes sarcasmo que sua obra apresenta. Na própria obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a ironia começa já no fato do autor ser um narrador-defunto, o que o liberaria para contar mais abertamente sua história, sem se preocupar em ferir pessoas.

Ainda nessa obra, a constatação do amor de Marcela pelo narrador (ou pelo que ele poderia oferecer-lhe) é também carregada de tom irônico: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”. Já em *Quincas Borba* e *O alienista*, o autor ironiza a filosofia positivista e o cientificismo, carregando de termos científicos e sugerindo a incapacidade de compreensão da realidade apenas pelo foco da ciência.

No conto *A cartomante*, o autor tece ironicamente uma crítica ao misticismo, quando narra a previsão de futuro não realizada por uma cartomante. Esse ceticismo será encontrado também em várias de suas obras.

Machado, pai do Realismo brasileiro

O **Realismo** é um movimento literário que surge no **século XIX**, juntamente com o Parnasianismo e o Naturalismo. Esse movimento se caracterizou por buscar retratar a sociedade de maneira **objetiva**, mergulhando na análise da **psicologia humana**, contrariando o Romantismo, que supervalorizava o sentimento.

No Brasil, esse movimento teve início com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do nosso ilustre Machado de Assis, que acabou sendo a figura central do realismo brasileiro.

Machado imprimiu com sua obra quase todas as características desse movimento no Brasil: **análise psicológica** dos personagens; abordagem de temas relacionados à **sociedade** da época; **ambientação urbana**; narração permeada de **fatos cotidianos**; narrativa **não linear** e recheadas por pitadas de **humor** e **pessimismo** resumem bem o que foi o Realismo no Brasil.

Contexto histórico em que a obra foi produzida

O contexto histórico no qual a obra de Machado de Assis foi produzida é profundamente marcado por transformações político-culturais e no pensamento humano.

No Brasil, vivia-se um panorama caracterizado pela passagem do regime monárquico para o republicano, que ocasionou os seguintes fatos:

- O Brasil tinha se tornado independente de Portugal havia pouco tempo, o que interferiu no modo de ver as relações entre os portugueses e os brasileiros;

- Abolição da escravidão, que gerou uma mudança nos papéis sociais de donos de terra e trabalhadores rurais, mas não mudou, de imediato, a mentalidade desses atores sociais. Machado se serviu disso para abordar ironicamente as relações interpessoais nesse período.

- Proclamação da República, que intensificou o debate acerca dos ideais políticos liberais e conservadores e republicanos e monarquistas.

- Revoltas civis e campanhas militares, como a Guerra do Paraguai, a Guerra de Canudos.

- O Encilhamento, que foi uma crise financeira da época, registrado em *Esaú e Jacó*.

- Fortalecimento dos ideais positivistas e cientificistas.

A obra

Iaiá Garcia

Iaiá Garcia foi o quarto romance produzido por Machado de Assis e sua publicação foi no ano de 1878. O autor era um profundo conhecedor de sua época e, facilmente, percebem-se em seus textos diversos elementos que reconstroem os contextos que marcavam as sociedades da época. Suas obras são verdadeiros estudos da dinâmica social e, para entendê-las, é necessário que se compreendam os contextos históricos.

A segunda metade do século XIX foi, na verdade, o momento de produção literária de Machado de Assis. Ainda que no início do século XX o autor tenha produzido alguns textos, foi mesmo entre os anos de 1854 e o final do século que ele mais produziu. E, como testemunha ocular de modificações profundas na organização social do mundo e do Brasil, Machado de Assis estruturou suas obras de forma que elas tecessem verdadeiras leituras de sua época.

A segunda metade do século XIX foi marcada por três eventos sociais que modificaram fortemente as estruturas social, política e econômica da sociedade brasileira. A Guerra do Paraguai, conflito armado que se estendeu de 1864 a 1870, foi o maior evento bélico da

América do Sul, mobilizando tropas de diversos países e influenciando a economia de todos. A abolição da escravidão no Brasil, no ano de 1888, que extinguiu o tráfico negreiro, e a Proclamação da República em 1889 foram eventos vivenciados pelo autor.

Todos esses movimentos sociais, sendo guerra ou modificação na estrutura política do país, são fortes o suficiente para marcar uma mente crítica de sua época. Assim era com Machado de Assis. A dinâmica social sempre foi um elemento fundamental diante de sua escrita.

Iaiá Garcia foi um romance que filtrou diversos elementos das modificações sociais da época de Machado de Assis. De todas, a mais presente é a Guerra do Paraguai, que assume roupagem de fundo para o desenvolvimento do romance frente ao amadurecimento de personagens que assumem papel fundamental na obra, como é o caso de Jorge, filho de Valéria, e possível namorado da menina Iaiá Garcia.

Contribuições de outros autores contemporâneos

Quando se trata de Machado de Assis, é muito difícil apontar outro escritor que tenha tamanha relevância. No entanto, é justa se reconhecer — se não na grandeza e na habilidade em construir textos, pelo menos na contribuição cultural para a época — outros autores que aformosearam também a Literatura brasileira. Como Machado de Assis viveu até os primeiros anos da primeira metade do século XX, acompanhou também o surgimento do pensamento moderno na Literatura Brasileira e foi **plateia** e influência de toda uma geração que estruturaria o Modernismo brasileiro.

Euclides da Cunha, autor mais conhecido pela publicação de *Os Sertões* (1902) — obra de caráter documental, mas que extrapola a linguagem jornalística para uma descrição marcada pela subjetividade poética —, foi um dos autores que assistiram à morte de Machado de Assis. Desse evento, ele publicou um comentário sobre esse dia, em tom elogioso e descritivo. Nesse texto, ele aponta a presença de outros nomes da Literatura brasileira:

“(…)

Desapontamento. Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia e Rodrigo Octavio, comentários divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento. De um modo geral, não se compreendia que uma vida que tanto viveu as outras vidas, assimilando-as através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses riosas – que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só devera extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.”

(<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contemporaneos/euclides.pdf>)

Graça Aranha, autor de *Canaã* (1902), foi um escritor que viveu entre os anos de 1868 e 1931. Assim com Machado de Assis, ele foi testemunha das modificações sociais pelas quais o mundo passava em sua época. No entanto, diferentemente da estética escolhida por Machado de Assis, enveredou pela produção de um romance descritivo dos movimentos migratórios para o Brasil da virada do século. Em seu principal romance, Graça Aranha faz uma verdadeira reflexão política no que diz respeito a todos os temas que atravessam a realidade do imigrante no Brasil.

Outro autor de importância relevante é José Veríssimo. Ele foi o principal idealizador da Academia Brasileira de Letras e também profundo defensor da obra de Machado de Assis. Como educador, escritor e jornalista, foi uma grande influência no contexto cultural brasileiro da segunda metade do século XIX.

Além dele, Raimundo Correia foi um autor que mereceu destaque em sua época e foi forte influência para autores como Olavo Bilac, a partir da publicação de obras como *Primeiros Sonhos* (1879).

Sem dúvida, à sombra de Machado de Assis, outros autores encontram espaço e notoriedade. Isso não é, de forma alguma, exagero, visto que, em sua época, o nome Machado de Assis é a maior tônica.

Resumo da obra

Luís Garcia é um funcionário público que busca na **tranquilidade** de sua casa uma vida simples com sua filha de onze anos, Iaiá Garcia, e com Raimundo, um negro que havia sido escravo, mas que ganhara sua liberdade e gozava da amizade de Luís Garcia.

Certo dia, ele recebe uma carta de Valéria Gomes, viúva de um desembargador a quem Luís Garcia já havia prestado alguns favores. A carta solicitava com urgência a presença de Luís Garcia na casa de Valéria. Ao chegar lá, ela lhe disse que precisava de um favor. Ela gostaria que

Luís Garcia conversasse com seu filho Jorge e o convencesse de que era importante que ele se alistasse no Exército para a campanha na Guerra do Paraguai. Jorge não estava disposto a isso. Desconfiado do interesse da viúva nisso, Luís Garcia a questionou se valeria a pena arriscar a vida do rapaz na guerra. Ela respondeu que devemos viver pela pátria. Luís Garcia não se convenceu da resposta, mas aceitou conversar com o rapaz.

Durante a conversa, Jorge explicou qual era o verdadeiro motivo de Valéria insistir que ele fosse à guerra. Ela queria evitar que um sentimento de paixão que ele tinha por uma mulher aumentasse. Visto que a moça por quem ele estava apaixonado não havia dado esperança para ele, Jorge decidiu ir à guerra como sacrifício em nome do amor. A moça era Estela, filha do Sr. Antunes. Estela e o pai eram protegidos da família de Valéria desde que o desembargador era vivo. Estela não queria alimentar as esperanças de Jorge porque acreditava que pertencia a uma classe social que não era a do rapaz. Assim, resolveu reprimir o sentimento que já tinha pelo rapaz.

Antes de embarcar para a guerra, Jorge acompanhou a mãe e Estela em visita a uma das casas da família que estaria vazia e seria alugada. Lá, na ausência de Valéria, Jorge forçou um beijo em Estela. Ela não tomou isso como algo positivo. Discretamente, pediu a Valéria que pudesse voltar a morar com o pai, pois ele precisava dela. Valéria desconfiou que algo havia acontecido entre Estela e Jorge, mas Estela negou.

Quando Jorge viajou, Valéria ficou decidida a interferir na situação entre ele e Estela; procurou encontrar um marido para a moça. Sugerindo a ela um casamento, ela optou por Luís Garcia como esposo, visto que ele tinha qualidades dignas de um marido e que ela já havia desenvolvido carinho maternal por Iaiá Garcia. O casamento aconteceu e Jorge, na guerra, recebeu a notícia. Ficou desolado e lançou-se à batalha como quem quer morrer.

De volta ao Rio de Janeiro, Jorge visitou Luís Garcia, que estava enfermo e nada sabia do antigo interesse que ele tinha pela sua atual esposa. Lá, ele encontrou o enfermo, Iaiá Garcia e Estela, que lhe tratou com a mesma frieza e indiferença de antigamente. Ele entendeu que qualquer possibilidade de sentimento dela em relação a ele havia desaparecido e se sentiu envergonhado por ter agido com ela forçosamente no passado. Queria parar de visitar a casa de Luís Garcia, mas este o convidava o tempo todo, até que se tornou íntimo da família.

Um dia, enquanto Jorge visitava um de seus imóveis, exatamente aquele no qual ele deu um beijo em Estela, encontrou um possível comprador ou interessado em alugar. Era Procópio Dias, um senhor com quem havia estabelecido relação comercial no Paraguai, enquanto estava na batalha. Os dois estreitaram relacionamento e Procópio passou a visitar também a casa de Luís Garcia. Procópio Dias apaixonou-se

Iaiá Garcia

por Iaiá Garcia, mas tendo que viajar demoradamente pediu que Jorge zelasse por seu amor pela moça. Ao se aproximar de Iaiá, Jorge e ela se apaixonam. Estela, que não acreditava no que estava acontecendo entre os dois, passou a ter Iaiá Garcia como uma rival. Entendendo que Estela ainda era apaixonada por Jorge, Iaiá afronta diariamente Estela e vive um clima de guerra com ela.

Luís Garcia, que sofria do coração, teve a doença complicada rapidamente. Em seu leito, ele pede a Jorge que cuide das duas mulheres e que as proteja. Jorge aceita. A morte de Luís Garcia veio a piorar a relação das duas. Para complicar, Procópio, que já havia voltado de viagem, percebeu que Jorge tinha traído sua confiança e sugeriu a Iaiá que Jorge amava outra mulher. Iaiá decide então que não seria hora de casar porque sabia que Jorge não a amava. Procópio Dias tinha nisso sua vingança.

Em crise, as duas mulheres decidem conversar e Estela conta toda a história do seu passado com Jorge. Mas diz a Iaiá que não o ama mais, por não acreditar no amor e por perceber que o amor que Jorge dizia ser eterno tinha acabado no momento que ele se aproximou de Iaiá. Acreditando que o que Estela dizia era verdade, Iaiá e Jorge reatam as esperanças de um casamento. Mas Iaiá ainda tinha medo da convivência do casal na mesma casa que Estela. Ela tinha medo de que Jorge tivesse uma recaída. Estela então recebeu uma carta de uma amiga do passado convidando-a para administrar uma escola da qual era dona. Assim, o medo de Iaiá estaria desfeito, pois Estela sairia da casa.

Os dois se casam e familiarmente mantêm contato com Estela, que está sempre distante.

Análise Temática

Iaiá Garcia foi um romance publicado no ano de 1878. Segundo críticos literários, é o último romance da fase romântica de Machado de Assis. É importante dizer isso, pois o autor é fortemente conhecido por obras de caráter estritamente realista, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo. Essa informação sobre Machado nos ajuda a perceber diferenças de estilo que marcam profundamente o amadurecimento de sua obra.

Iaiá Garcia é um romance que apresenta marcas do Romantismo. Isso não quer dizer que se trate de um romance Romântico, mas que apenas sinaliza em algumas de suas construções elementos que remontam à estética Romântica. Essa obra figura entre outras três com o mesmo estilo: *Helena*, *A mão e a Luva* e *Ressurreição*.

Em *Iaiá Garcia*, algumas temáticas interessantes podem ser observadas. O amor, como elemento de redenção no Romantismo, não aparece gratuitamente na obra, mas é pano de fundo para todos os acontecimentos. O que aponta um possível elemento romântico é que, ao final do enredo,

anuncia-se o amor equilibrado como objetivo de toda a narrativa. Mas, mesmo que isso possa ser observado, esse amor já é corrompido por uma sociedade que já é refém da hipocrisia e dos considerados bons valores burgueses. O sentimento de nobreza já está mesclado com a manipulação de comportamentos diversos, por exemplo. Outra temática que pode ser observada é a corrupção do modelo de família. O interesse, ainda que não seja declarado como o núcleo de análise e de crítica do autor nessa obra, já aparece em personagens menos proeminentes no enredo. Mas isso já denuncia a inquietação do autor frente ao comportamento social de sua época. Assim, pode-se dizer que, mesmo que a obra apresente tendências Românticas, ela já é marcada pelo forte espírito do Realismo.

Análise Crítica

A obra *Iaiá Garcia* é estruturada em forma de romance. Isso quer dizer que existe um desenvolvimento amplo e aprofundado de **micro-histórias** em torno de um elemento central. Tudo na obra aponta para a existência da personagem que dá nome à obra.

Em se tratando de construção de enredo, Machado de Assis ainda permanece na construção linear dos fatos. Em outras palavras, o autor leva em consideração o processo de contar a história sem que haja retorno ao passado. Nenhum elemento inusitado, como um defunto que narra sua própria história, por exemplo, é aparente nesta obra.

Em *Iaiá Garcia*, a apresentação do enredo segue o processo natural de construção de romance: apresentação de personagens, construção de malha do enredo, apresentação de complicador, clímax e desfecho. Esse é o princípio que quebra com o inusitado, deixando a perplexidade do leitor voltada apenas para os fatos que são contados, e não para o estilo de produção.

A narração ainda é algo que parece estar sendo elaborado pelo autor. O que se entende é a presença de um narrador onisciente. Isso quer dizer que ele tudo sabe e está em todo lugar, inclusive no limite da profusão de pensamentos de cada personagem, ou seja, é como se ele “visse” os pensamentos dos personagens. Esse é um estilo que ainda será burilado em Machado de Assis até que surja um narrador mais complexo, como é o caso de suas obras de caráter mais realista.

Entretanto, apesar de ser onisciente, o narrador não é participante da história, ou seja, ele não é um narrador-personagem. Ele apenas é uma terceira pessoa que conhece a história e que se propõem a contá-la. Esse narrador apresenta algo de interessante, no entanto: ele constantemente dá sua impressão parcial do que narra, com é o caso do fragmento a seguir:

“Os olhos de Procópio Dias eram cor de chumbo, com uma expressão refletida e sonsa. Tinha cinquenta anos esse homem, uns cinquenta anos ainda jovens e prósperos. Não era nem gordo nem magro e de média estatura, e não horrivelmente feio; o pouco de feiura que tinha, ele disfarçava, quanto podia(...)”

É importante notar que não basta ao narrador conhecer e contar a história. Para ele, aquilo que é contado passa também por sua percepção. Em outras palavras, quando dá a descrição do personagem Procópio Dias, insere uma quantidade de características que são resultado de sua opinião sobre o personagem e que ajudam o leitor a construir uma impressão positiva ou negativa a respeito do sujeito. O uso de palavras como “sonsa”, “horrivelmente”, “disfarçava” acaba por construir uma imagem não imparcial, mas totalmente direcionada da pessoa em questão.

Outro elemento importante na obra é a caracterização das personagens. Machado de Assis faz constantemente uso de personagens de todos os tipos. De forma geral, elas podem ser caracterizadas como protagonistas, antagonistas e secundárias. O que é interessante é que, na obra de Machado de Assis, a postura da personagem não é eterna. Pode ser que, em um capítulo, determinado personagem seja secundário, mas, mais adiante, passe a ser importante sua participação na estrutura do enredo.

Nesta obra, os principais personagens são:

Luís Garcia é um dos principais personagens do livro *Iaiá Garcia*. O primeiro capítulo o apresenta como um funcionário público de meia idade e adorador de uma vida mais **tranquila**. Para ele, existem dois objetos de adoração: sua filha Lina, conhecida por Iaiá Garcia, e um negro alforriado, chamado Raimundo, e que tinha se tornado um grande amigo dele.

Raimundo é um personagem que aparece mais em segundo, ou até mesmo, terceiro plano. Mesmo sendo um personagem secundário, às vezes tem importante participação em atos isolados na trama. De forma geral, ele é um negro alforriado que tem grande estima por Luís Garcia. Desde que recebeu sua liberdade, não deixou a casa de Luís Garcia e passou a servir-lhe em todas as suas necessidades. Era responsável pelos serviços da casa, por divertir em muitos momentos Iaiá Garcia e por realizar serviços externos, como entregar recados, por exemplo.

Iaiá Garcia, responsável pelo nome da obra e conhecida também pelo nome de Lina, é a personagem central desse romance de Machado de Assis. Ela é a única filha de Luís Garcia e objeto de toda sua devoção. Para ela, o pai é o único amor verdadeiramente forte. No início da obra, é apresentada como uma estudante de onze anos, com modos

ainda de criança e que existe como a principal fonte de alegria na casa. Em um segundo momento da obra, Iaiá Garcia é apresentada como uma adolescente na idade e no trato com as pessoas. Em um terceiro momento, ela apresenta-se em época de transição da juventude para a maturidade de mulher. A obra toda anuncia o desenvolvimento dela desde sua infância até seu casamento com Jorge.

Maria das Dores é mais uma personagem secundária que é apresentada logo no primeiro capítulo. Ela havia sido ama de criação, ou seja, havia sido a pessoa que ajudou Luís Garcia a criar Iaiá, visto que sua mãe morreu logo cedo. Durante a narrativa, pouca participação é atribuída a ela.

Valéria Gomes é a mãe de Jorge e uma das principais personagens do romance, pelo menos até um pouco mais da metade da narrativa. Ela mantém uma relação de cordialidade e de favores com Luís Garcia, relação herdada de seu falecido marido, desembargador a quem Luís Garcia prestava seus serviços. Na história, Valéria tem importante atuação e, em vários momentos, a sorte de outros personagens foi mudada devido a sua interferência no decurso natural da história.

Jorge é outro importante personagem na obra, dividindo a atenção com Iaiá Garcia e com Valéria, outras duas importantes personagens. Ele é filho de Valéria Gomes com um desembargador; no início do romance, leva uma vida **tranquila** como jovem de vinte e quatro anos que acabara de terminar os estudos. Gostava de se divertir à noite e de **frequentar** lugares distintos na sociedade.

Na obra ele assume papel significativo e é em torno dele que todas as paixões e amores adormecidos são realizados. No início da narrativa, apaixona-se por Estela, jovem humilde e muito bonita, mas com um coração frio e sereno. Tem o seu destino com ela mudado quando a mãe decide que ele deveria se alistar na campanha militar da Guerra do Paraguai. Nos últimos dias de sua permanência no Rio, Jorge constrange Estela e rouba um beijo seu, fato que causou um sentimento negativo na moça. Sem ser retribuído, Jorge deixa o Rio em direção à guerra com um sentimento de tristeza por não encontrar a realização de seu amor. Na guerra, ele amadurece e vive como se a vida não importasse mais. Depois que recebeu a notícia do casamento de Estela com Luís Garcia, ele esfria seu sentimento e fica desiludido quanto à possibilidade de ser feliz no amor. Depois da morte da mãe, e de retorno ao Rio de Janeiro, Jorge reaproxima-se de Luís Garcia e de Estela e, com o tempo, também de Iaiá Garcia, por quem se apaixona e decide se casar.

Sr. Antunes é outro personagem secundário da narrativa. Apesar de ter recebido certo destaque ao final da história, não desempenha papel tão importante diante dos outros personagens. Ele é o pai de Estela, moça por que Jorge se apaixonou, e mantém algumas relações com a família de Jorge,

Iaiá Garcia

visto que ele e o desembargador aproximaram-se por causa das constantes bajulações e dos variados serviços prestados por ele ao desembargador.

Eulália é uma parenta distante da família de Jorge e a moça com que Valéria queria que Jorge se casasse. Para Valéria, Eulália tinha todas as virtudes que uma mulher deve apresentar para equilibrar um casamento. Valéria tinha já, praticamente, acertado tudo antes que Jorge voltasse do último ano da faculdade de Direito.

Estela era a filha do Sr. Antunes e é uma das principais personagens da obra, dividindo a mesma importância primeiramente com Iaiá Garcia e depois com Jorge. Ela vem de família humilde, era órfã de mãe e estava sob os cuidados de Sr. Antunes. O desembargador desenvolveu grande afeto por ela e pagou seus estudos, além de garantir a satisfação de qualquer necessidade maior. Nada lhe faltava, nem a ela nem ao pai. Quando o desembargador morreu, Valéria assumiu a função de cuidar da família e Estela passou a ser uma excelente companheira. No entanto, a frequência na casa de Valéria chamou a atenção de Jorge, que sentia um impulso de paixão por ela. Esse sentimento levou Valéria a pedir que o filho fosse para a Guerra, com a finalidade de esquecer o que sentia por Estela. Antes de ir à guerra, Estela recebeu um beijo forçado de Jorge e se sentiu violentada com isso. Não tinha o desejo de estreitar o sentimento com ele por acreditar que não lhe correspondia socialmente. Logo, decidiu apagar esse sentimento de si. Após casar, por influência de Valéria, com Luís Garcia, assumiu a função de mãe de Iaiá. Quando Iaiá apaixonou-se por Jorge e percebeu o que houve entre ele e Estela, a teve como uma rival. As divergências só foram acabar com o casamento de Iaiá e Jorge e com sua saída de Estela da casa para administrar uma escola em outra cidade.

Na narrativa ela assume um papel interessante. É uma personagem que não apresenta variação de caráter, porém é modificada, em relação aos seus sentimentos por Jorge, brutalmente após dois eventos: o beijo forçado que Jorge lhe deu e a paixão que ele desenvolveu por Iaiá Garcia. As modificações não são de conduta moral, a ponto de afirmar-se que ela não é uma personagem plana, mas são modificações em relação à intensidade da raiva e do desprezo que ela sente cada vez maiores por Jorge. O fato de Iaiá ter se tornado uma espécie de rival para ela, não mudou seu caráter, mas intensificou as crises nas quais já estava envolvida.

Procópio Dias é mais um personagem que compõe a trama da obra. Sua participação é inaugurada quando está procurando uma casa para alugar e entra em uma das casas de Jorge. Lá os dois se reconhecem e passam, a partir disso, a se encontrar mais **frequentemente**. Não que fossem amigos, mas passaram a jantar, almoçar e até a **frequentar** a casa de Luís Garcia.